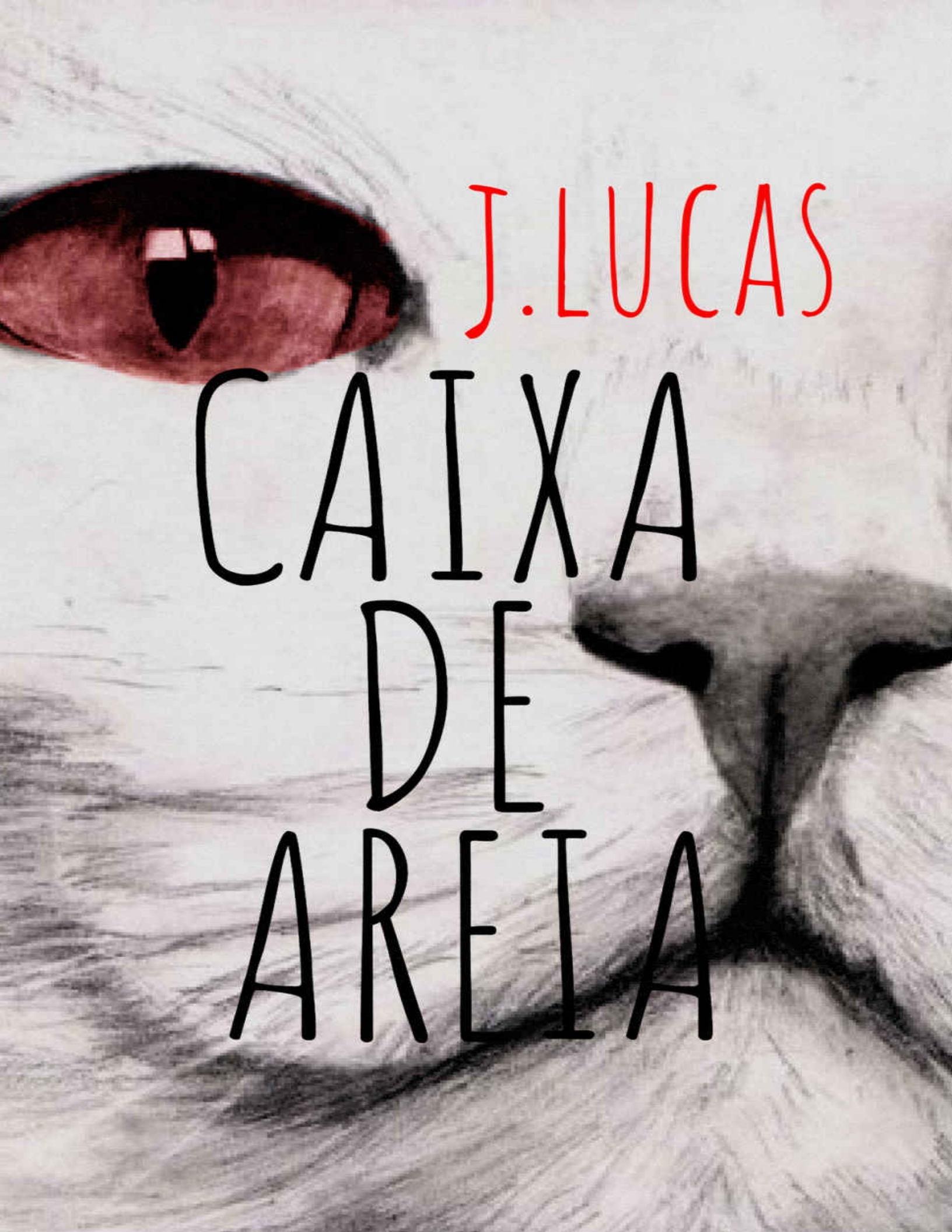


A close-up, artistic photograph of a white cat's face. The cat's eye is a striking red color, and its whiskers are visible. The background is a soft, out-of-focus grey.

J. LUCAS

CAIXA
DE
AREIA



CAIXA DE AREIA

J. Lucas

DEDICATÓRIA

Este conto é dedicado especialmente ao meu amado André Marinho, um fanático exemplar pelo gênero de horror e suspense. Ele me apresentou diversos filmes do novo terror, dos franceses aos mais tradicionais do cinema norte americano. Desde que o conheci, nunca mais parei de ter sonhos “lynchianos”. Registro aqui uma dedicatória aos meus sentimentos, que desejo exorcizar enquanto escrevo este manuscrito.

AGRADECIMENTOS

A primeira pessoa a quem devo agradecimentos é a minha mãe, por ter me auxiliado a permanecer seguro em minha residência durante este período de quarentena. Depois, preciso entregar os meus imensos abraços e beijos ao meu parceiro na vida, André Marinho Silva, que editou e revisou todo o projeto independente deste conto de terror; sem ele, seria impossível para mim sobreviver emocionalmente durante um cenário social e político tão caótico. Um companheiro, ou como diria minha querida amiga Paula Gulewicz: um COR-laborador, alguém que se entrega de corpo e arte. Preciso agradecer a ela também pela incrível conversa artística e inspiradora que tivemos algumas semanas antes do lançamento do livro.

Agradeço também aos meus amigos, aos poucos que vou citar aqui devido ao espaço limite de linhas e aos meus próprios limites criativos para escrever agradecimentos: Átila, Iago e Agnes, que me fizeram rir em dias sofridos, meu muito obrigado e amo vocês. Aos meus amigos do grupo de fofocas, que se esforçaram em divulgar o meu trabalho em suas redes sociais, sou grato a cada um de vocês. A Malu e Babi, pelas quais sinto

muitas saudades, pretendo tomar uns drinks com vocês quando todo este apocalipse cessar.

Agradeço também a todas as pessoas que compraram este livro ou que estarão prestes a consumi-lo de alguma forma, não importa qual, sou grato pela confiança e escolha em meu início de carreira. Espero que estejam seguros em suas casas durante a quarentena, cuidando de suas vidas e também das vidas de seus entes queridos.

Por último, mas não menos importante, preciso agradecer ao meu gatinho Atermis, inspiração principal da história, e não posso esquecer do Yato - o gatinho malhadinho e brincalhão - seu irmão mais novo. Os dois enchem nossa casa de alegria.

Fiquem em casa, salvem vidas!

CAIXA DE AREIA



J. LUCAS

Edição do Autor

Edição independente

Aviso

Este livro aborda temáticas que são sensíveis para algumas pessoas.

Contêm: Violência gráfica, insinuação sexual e relato de abusos físicos e psicológicos.

Indicado para maiores de 18 anos.

Capa: Jordana Gomes Anjos.

Título: Caixa de Areia.

Edição/Revisão: André Marinho Silva.

Revisão: Mônica Alves Fernandes.

Disponível em formato físico e e-book.

Lucas, J.

Caixa de Areia / J. Lucas; [ilustração do autor]. -- Teixeira de Freitas, BA: Ed. do Autor, 2020.

ISBN 978-65-00-04670-0

1.	Contos de terror 2. Literatura brasileira I. Título.
----	--

20-38187	CDD-869.35
----------	------------

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil).

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos de terror: Literatura brasileira 869.35.

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427.

PREFÁCIO

“Estou triste. Mamãe não consegue entender que todo o mal que está acontecendo aqui em casa não é minha culpa. Ele me diz tudo que vai fazer assobiando no meu ouvidinho, é o meu melhor e único amigo. Por que ninguém consegue acreditar na palavra de uma criança? Por que todo mal que acontece com a gente nós temos que guardar dentro da nossa caixinha?

Eu sei que minha imaginação é grande, mas não estou mentindo. Quando cheguei no quarto ele já estava lá, morto, deitado em um rio de sangue, com tudo que tinha dentro da barriga pro lado de fora; nunca vi tanto vermelho assim. Ele me diz que as coisas que faz são para um bem maior, que está me ensinando valores que meus pais nunca vão conseguir me passar.

Ele me acompanha sempre, o seu nome é bem difícil de falar, me conhece faz muito tempo, sabe quem nós somos e o que fazemos. Agora mesmo sei que vermelho não é mais a minha cor favorita, prefiro o branco dos seus pelos.

Todos preferem acreditar nos adultos, mesmo quando todos estão ficando loucos de pedra. Um beijo mamãe, estou com saudades, quando você vem me buscar? Ele me disse que agora não tenho mais tempo de escrever nada, porque a nossa brincadeira ainda não acabou...

(...), mas que uma hora ou outra, nós vamos chegar até você.”.

(...) CASO CONTRÁRIO, EU VOU CONTAR O SEU SEGREDO

Quinta-feira, no dia 12 de outubro de 2001 completei doze anos. Para mim, Andrew Jay Garcia, foi um período muito difícil, não me sentia um pré-adolescente tampouco uma criança, estava no meio-fio. Nessa época, não tinha muita coisa para fazer em Waterfall, passou um ano e alguns meses desde a virada do milênio e muitos desenhos animados eram exibidos na televisão, todos no horário matutino – e todos péssimos – estudava em um colégio municipal das sete às doze da manhã e só conseguia assistir um pouco do primeiro desenho e os dez minutos restantes da última animação. Nunca fiz amizades na escola, tive sérios problemas de comunicação e a busca por entretenimento através de desenhos animados não me parecia uma alternativa. Minha metade criança que amava cartoons estava se esfriando, e a pré-adolescência se recusava a chegar à minha cabeça.

No período vespertino, sempre procurava interagir com outros seres humanos no parquinho que ficava em frente à sede dos correios, sem muito sucesso. Socialização era uma tarefa difícil, pensava que não poderia falar qualquer coisa para iniciar algum tipo de interação com essas pessoas, pois os conteúdos que rodeavam minha mente poderiam assustá-los. Desenvolvi um filtro mental tão efetivo que a consequência foi deixar a minha fala arrastada e pausada. Por esse motivo, as outras crianças me achavam estranho, um sujeito esquisito, me comparavam com o *Presto* de Dungeons & Dragons em razão da minha postura torta, cabelos lisos escorridos e orelhas de abano. Além disso, me consideravam completamente atrapalhado; como se já não bastasse a minha incapacidade de comunicação soar que estava sempre escondendo alguma coisa, sofria bullying desses jovens aleatórios que brincavam na praça. Idiotas!

A busca por entretenimento era uma maneira de acalmar meus pensamentos distorcidos e perturbadores. Ao chegar em casa, pouco havia de se fazer além de serviços domésticos, eu não tinha ninguém para conversar. A residência da minha família não era grande, nem muito pequena e estava localizada em uma travessa que liga uma rua com a outra. A casa tinha em

torno de seis cômodos: dois quartos (um meu, e outro dos meus pais); sala equipada com um sofá e a televisão, que exibia os desenhos animados que nunca conseguia assistir; uma cozinha onde Christine Jay Garcia – a minha mãe - realizava suas obras de arte culinárias; um banheiro e uma área minúscula coberta por uma parede que separava a casa de um terreno abandonado, que se constituía basicamente de uma mistura de mato, lodo e lixo. Nessa área, era possível escutar barulhos de todos os tipos de bichos que residiam naquele matagal descuidado: sapos, grilos, cigarras e de vez em quando alguns cães de rua que se perdiam na mata alta. Com certeza, os piores habitantes daquele breu eram os mosquitos que, insatisfeitos com o terreno deles, visitavam a minha casa em busca do meu sangue.

Preciso falar um pouco sobre a minha mãe: branca, baixa, magra, com cabelos castanhos e curtos. No passado, se caracterizava como uma adolescente vívida da década de rebeldia e cores dos anos oitenta, frequentava as boates e discotecas de Waterfall e utilizava trajes similares às estrelas pop de sucesso da época. De vez em quando, na ausência de seu marido, Nicholas Garcia - o meu infeliz pai - compartilhava seus diversos lances amorosos da adolescência com suas amigas, em especial uma que visitava a minha casa com bastante frequência, a tal Lita Holtz, uma mulher conhecida na cidade por ser bastante fofqueira e desagradável, e que sempre que se retirava da residência de algum cidadão, deixava para trás o cheiro de cigarro de filtro vermelho e o cinzeiro recheado de quase um maço inteiro de pontas de cigarro, em menos de cinco minutos de conversa.

Particularmente, não gostava muito dela, e sempre fingia que não estava em casa quando a sujeita chegava – anunciando sua presença com uma fala estridente e irritante – porém relevava a sua existência, pois os momentos da minha mãe com suas amigas eram os poucos em que ela conseguia se sentir novamente como aquela jovem liberal dos anos oitenta.

Hoje casada com um militar conservador, o Sr. Nicholas Garcia (de vez em quando evito chamá-lo de “pai”), seu atual relacionamento conseguiu moldá-la em uma mulher típica dos anos cinquenta. Esta mudança de comportamento surgiu desde a súbita gravidez do seu primeiro filho – eu -, que a levou se casar com ele, pois minha avó não tolerava a existência de mães solteiras na família, fato que considero engraçado pois a mesma cuidou de todas as suas filhas sozinha (minha mãe e mais três irmãs), mesmo sabendo da existência do pai delas.

Talvez esse conservadorismo tenha sido uma maneira de preservar a

imagem das filhas. Provavelmente, minha avó sofreu algum tipo de preconceito no passado, quando a sociedade era bem mais intolerante do que é hoje e desejava que algo do tipo não acontecesse com suas crias, suponho eu, pois não sei o verdadeiro motivo. Minha família não se comunica muito bem entre si, tampouco conversam a respeito do próprio passado.

O meio familiar tradicional não foi voluntário para mamãe, mas a garota liberal dos anos oitenta teve que ceder de suas escolhas e mergulhar em uma vida que nunca idealizou para si. Essa dualidade de certa forma afetou a nossa relação, não conseguia enxergar nela uma pessoa de confiança: uma hora uma mulher baladeira e namoradeira para suas amigas e, em outros momentos, submissa a todas as ordens do chefe da casa. Era algo demasiadamente contraditório. Felizmente para mim, os tempos de ócio mental iriam cessar muito em breve.

Meu pai era livre de qualquer obrigação moral em ser comunicativo - porque estava sempre ocupado - e tentava compensar a sua ausência utilizando de presentes materiais. Eu costumava ganhar quebra-cabeças, carrinhos colecionáveis, álbuns de figurinhas, bonecos e outras bugigangas, essa era a maneira mais sutil que o meu pai encontrava para manifestar seu afeto. Qualquer outro gesto de amor soava muito feminino para o Sr. Garcia: abraços, beijos, declarações, apertos de mão, choros, ele costumava deixar bem claro que todas essas atitudes eram coisa de mulher. Para meu pai, o dever de um homem se resumia em dizer o que é certo ou errado.

Um dos momentos que marcaram a minha memória foi quando estava desenhando em um gigantesco papel A2 no chão da sala, às 19 horas, em frente à televisão, enquanto o noticiário nacional era transmitido pela televisão aberta. A ponta do meu lápis de colorir quebrou e um pedaço acertou o meu olho esquerdo, o que consequentemente o fez doer muito; após o incidente, cai no choro.

- O que aconteceu? - disse ele ao chegar na sala e se deparar com a cena.
 - **ESTÁ DOENDO MUITO!** - gritei, me debruçando em lágrimas.
- Apático, meu pai desviou o olhar para o desenho que produzi:



“Waterfall é uma cidade cercada por cachoeiras e rios; com 120 mil habitantes, no ano 2000, e prestes a se tornar um polo industrial. As áreas de cachoeira são utilizadas como praia pelos seus moradores, a mais frequentada é a “Cana e Amor”, contemplada com quiosques e bares. Adorava passar o final de semana com minha família lá, também era encantado pelas histórias de pessoas que morriam por causa da correnteza e se colidiam com as pedras da cachoeira.”.

Desenhei uma cachoeira e, em volta, diversas flores e corações representando esse cenário que tanto admiro.

Até que meu pai pronunciou uma frase que jamais saiu da minha cabeça:

- Está chorando por que, sua frutinha?!

Engoli minhas lágrimas e virei novamente para o papel, sem mais nenhuma disposição para continuar desenhando. Esse momento desagradável aconteceu dois anos antes de completar meus doze anos, e ficou registrado na minha memória. Então, passei a entender que não poderia falar qualquer

coisa para ele ou até mesmo para minha mãe, que apesar de não ser agressiva como meu pai, era negligente, pois tinha medo de discordar das atitudes de seu marido.

Não queria mais ser chamado de “frutinha”, então precisei aprender a filtrar a forma que expressava meus sentimentos para que não houvesse nenhum outro episódio parecido futuramente. Meu pai sempre deixou claro a partir daquele momento que um homem de verdade jamais deveria chorar.

Voltando um pouco a minha linha de raciocínio, meu pai me presenteou com um videogame da quarta geração de 16 bits, que estava fazendo muito sucesso desde o início dos anos noventa, junto com poucas fitas de jogos. Minha reação foi a melhor possível, finalmente algo para me entreter naquela casa, na vida e até mesmo iniciar um ciclo de amizades. Sabia que poucos meninos da rua tinham um console e, a partir daquele momento, era o único a possuir um em pelo menos 200 metros quadrados.

- Só não fique jogando até muito tarde! - disse o Sr. Garcia, categórico em mais uma de suas ordens;

- Tudo bem, pai! - respondi entusiasmado.

Após me presentear, ele se retirou sem esperar um abraço de agradecimento, como sempre faz. Confesso que não me importei. Nem lembrava mais como era o abraço dele, na verdade, nem lembro qual foi a última vez que essa demonstração de afeto aconteceu entre nós.

AS SEMANAS DE JOGATINAS DO ANDREW

Mesmo estabelecendo essa ordem, para ele pouco importava se eu estava madrugando ou não, soava interessante me manter distraído sem que o procurasse muito em busca de afeto, ou de qualquer outra coisa na verdade. Na semana seguinte, a notícia de que ganhei um videogame se espalhou pelo bairro e eu sei como: no dia do presente, Lita Holtz estava na cozinha fumando seu quinto cigarro de filtro vermelho e conversando com minha mãe.

Como disse anteriormente, a sua fama a fez de porta-voz da notícia do meu novo brinquedo. Desde então, recebia diversas visitas de vários garotos do bairro querendo jogar videogame comigo (o que foi extremamente estranho, pois eles nunca haviam se interessado na minha presença e muito menos em brincar comigo), foi a coisa mais útil que aquela mulher fez na vida, apesar

de entender que eram todos interesseiros. Contudo, estava feliz por sentir que as pessoas estavam aos meus pés, pois para desfrutar do meu presente era necessário que seguissem todas as minhas ordens apenas para jogar “Street Fighter II”.

Entre eles, um garoto de dezoito anos de idade chamado Peter Harrison, gordinho, filho do colega de trabalho do meu pai, esteve presente em todos os dias de jogatina, sempre do meu lado, colado, e por ser filho de um militar conseguiu fazer amizade mais facilmente com todo mundo da minha família, conquistando a confiança e aparecendo aqui em casa em outros horários sozinho.

Desde que esse garoto surgiu, o número de crianças na minha casa diminuiu gradativamente, até sobrar apenas o Peter. Eu já estava cansado da presença dele, preferia jogar sozinho, o interesse em toda essa socialização se reduziu a pó.

Não queria mais ninguém perto de mim, muito menos ele.

O SÁBADO DA PIZZA

Era sábado e minha mãe preparava uma massa de pizza na cozinha. Caminhei em direção ao armário para pegar uma bolacha recheada e voltar a jogar. Dessa vez, não tinha convidado ninguém, queria jogar sozinho. Antes de sair da cozinha, minha mãe me chamou.

- Filho.
- Oi...?
- Estou fazendo pizza para comer hoje à noite.
- Beleza – respondi com a intenção de encerrar logo o diálogo.
- Não quer chamar o seu amigo “cheinho” para vir? - ela o chamava assim por ser gordo.
- Quem? O Peter?
- Sim, gostamos muito dele.
- Ah, pode ser – com o pouco entusiasmo que me restava.
- Faz tempo que você parou de chamar as outras crianças para jogar com você... O que aconteceu?
- Nada, só me cansei.
- Entendo, mas você vai chamar o Peter, né?! Ele é um bom rapaz!
- Vou sim.

- Ótimo, meu amor, vou comprar uma soda para vocês!

Minha mãe ficou entusiasmada com a ideia e continuou a fazer a sua massa de pizza para mais tarde. Retornei para o meu quarto e bati a porta com muita força, meu pai estava fora de casa e ela estava tão entretida com sua receita que sequer se importou com a forma agressiva em que quase derrubei a casa. Sem querer, a batida causou uma fissura na porta, próximo à maçaneta.

Noite da pizza – 19h00min.

Os Harrisons finalmente chegaram: Jonas Harrison, colega de trabalho do meu pai, sua esposa Madelline e em seguida o filho... Peter.

Mamãe os recepcionou com bastante empolgação, o Sr. Garcia já estava sentado na mesa e a pizza estava no forno.

- Sejam bem vindos! – disse mamãe – a pizza já está saindo, querem tomar uma cerveja por enquanto?

- Com todo prazer, dona Christine, Nicholas vive falando na delegacia que sua comida é a melhor de Waterfall!

- Ele exagera bastante – risos.

- Eu e meu estômago estamos dispostos a confirmar esse boato! - disse em voz alta, seguido de uma risada.

Diferentemente do meu pai, que tem uma personalidade mais fria e séria, Jonas é um militar que está prestes a se aposentar, barrigudo, sem muita educação e costuma a falar tão alto que até os moradores da rua oposta à casa são capazes de escutar. Possui hábitos grosseiros como arrotar e coçar as intimidades em público, sem se importar com o pudor ou se alguém vai se incomodar com suas atitudes. Sua esposa, Madelline, não é diferente, muito menos o seu filho Peter. Mas amigos inconvenientes já eram comuns na residência, levando em consideração a chaminé ambulante da Lita e outras amigas da minha mãe. Raramente meu pai levava visitas para casa, logo eles deveriam ser tratados muito bem, por mais porcos que fossem.

Madelline perguntou por que eu estava no quarto jogando videogame e não fiz questão de cumprimentá-los. Sem jeito, minha mãe me gritou para que eu pudesse recepcionar as visitas, atendi ao pedido contra a minha vontade. Mamãe serviu as mesas - pratos e talheres para todos - faltando apenas uma faca para Peter, por descuido. Sentei-me à mesa, a pizza ficou pronta e foi

servida. Enquanto todos estavam degustando da saborosa pizza portuguesa, Jonas (ainda com comida na boca), rasgava minha mãe de elogios.

- Realmente, muito bom! Você é um homem bem servido Nicholas! - disse Jonas, após soltar um arroteo.

- Não te falei? Afinal, qual seria o melhor lugar para uma boa mulher que não fosse um bom fogão - risos.

Mamãe e Madeline esboçaram uma risada forçada após o comentário de Nicholas. Mantive-me em silêncio do início do jantar até então e estava prestes a me retirar, quando Peter mencionou o meu nome.

- Andrew!

- Sim? – respondi.

- Amigo, posso te pedir um favor?

- Qual?

- Me empresta a sua faca? No meu prato só tem um garfo.

Até então, Peter estava comendo os pedaços de pizza com a mão (a maneira certa de comer uma pizza, convenhamos), mas para chamar minha atenção, resolveu comer de talheres, caçando algum motivo para dialogar comigo, que estava quieto durante todo o jantar.

- Oh! Eu me esqueci de colocar uma faca para você! Desculpe-me! Como sou desatenta! – disse minha mãe para Peter, ao perceber o erro que cometeu.

- Não tem problema! Andrew, tem como me passar uma faca?

- Toma - disse em tom agressivo, apontando a lâmina em direção ao peito dele. Estava nervoso, já não suportava a presença do Peter, queria mostrar de alguma maneira que queria distância dele.

Permaneci por um tempo com a lâmina da faca direcionada para ele. Todos em volta permaneceram em silêncio, principalmente o Peter.

- Não vai pegar?

- A-A-Andrew, não é assim que se passa uma faca para alguém! – exclamou ele assustado.

Então deixei a faca na mesa e me retirei para o quarto.

- Enfim, vamos tomar mais uma cerveja? - disse minha mãe tentando amenizar o clima.

Madelline se aproximou lentamente de Peter.

- Peter, poderia ir lá jogar com seu amigo! Tentar animar o Andrew mais um pouco.

- É uma ótima ideia! – retrucou minha mãe.

NÃO QUERO MAIS JOGAR COM VOCÊ!

Seguindo a sugestão da Madelline e da minha mãe, Peter seguiu em direção ao meu quarto, lentamente virou a maçaneta, abrindo a porta de madeira aos poucos e arrastando-a lentamente até ficar totalmente aberta, a luz estava desligada e o quarto contava somente com a iluminação da televisão de tubo conectada ao videogame. Levei um susto, percebi que seu olhar não era mais de um jovem amigo da família que se sentiu aterrorizado após seu colega direcionar a lâmina de uma faca em direção ao seu peito, e sim de uma pessoa mal-intencionada. Seu semblante se tornou mais marcante com a meia-luz, sombreando parte do seu rosto e iluminando a outra, esse era o lado do Peter que mais temia. Por este motivo, queria mantê-lo distante de mim, já vi esse olhar diversas vezes e sempre tenho a mesma reação, pois sei o que vai acontecer.

Ele se sentou atrás de mim, que estava no chão, pegou o segundo controle, escondeu dentro dele e me abraçou por trás. Peter era gordo e alto, com dezessete anos na época, seu corpo era o suficiente para cobrir meu, que tinha doze, magro, baixo e desengonçado. Ele sussurrava no meu ouvido, se aproximando das minhas costas.

- ...

Gélido, não conseguia reagir ou mencionar qualquer palavra, sequer apertar algum botão do controle do videogame. Sempre tinha essa reação, nunca sabia o que devia fazer, mas não podia gritar. Esta era uma de suas regras. Peter retirou minha mão do primeiro controle e colocou onde estava o

segundo.

- Ei, devolve! - uma das poucas reações que tinha durante o momento de pânico.

- Vem pegar... - disse Peter.

Comecei a lacrimejar e fiquei em estado de pânico ao vê-lo pôr o segundo controle em baixo de suas calças.

- Você sabe que ninguém vai acreditar em você se você contar, né?! - repetiu Peter, com uma das frases que mais utilizava para me pressionar.

- Se você contar para o seu pai, vou contar a ele que você me fez fazer tudo isso, por que você é uma bichinha safada! Sua mãe não vai acreditar em nada que você disser, ela sempre fica do lado do seu pai.

- Por favor!

- Você quase estragou tudo, lembra da primeira vez que fiz você pegar em mim enquanto estávamos jogando? Todos os moleques já tinham ido embora; que história é essa de apontar uma faca para mim? Agora você precisa se retratar, vem pegar aqui! - repetiu, tentando me convencer a pegar no controle que ele escondia.

Percebendo que eu não teria nenhuma resposta, Peter me agarrou com força e colocou minha mão por baixo de sua roupa, induzindo gestos, retirando o controle da calça, posicionou minhas mãos para assim iniciar um ato de auto estímulo (masturbação).

- ...

A cada movimento, meus olhos se debruçaram em lágrimas. Essa situação com o Peter já estava ocorrendo há muito tempo, desde que se aproximou da minha família, esse é um dos motivos pelo qual me isolava e não queria mais jogar com as crianças do bairro, muito menos com ele. Ao se cansar das minhas mãos estáticas, Peter resolve segurar a minha cabeça para iniciar um ato em que, na sua concepção, precisava de mais prática.

- Isso não, por favor! - implorei.

Este era o início de uma tortura, onde a pior parte estava por vir. Detestava

ter que colocar minha boca a força naquele lugar sujo e nojento, enxergava no Peter um ser rastejante, encardido e gosmento, como se fosse uma cobra. Normalmente, durava em torno de dez minutos. Peter gostava de prolongar, pois o fato de ele ter de se conter, para que meus pais não escutassem no outro cômodo, o deixava com mais desejo e o fazia precisar de mais tempo para atingir o ápice. Nunca vivenciei algo do tipo até conhecer ele, sequer tinha escutado falar sobre. Não sabia fazer nada daquilo e nem queria.

Na primeira vez, fiquei sem compreender muita coisa, não sabia se era certo ou errado, mas nas vezes seguintes passei a entender que o que estava acontecendo me machucava bastante, o que para Peter pouco importava. Não era interessante para ele que eu soubesse fazer ou se eu estava gostando, e sim o seu poder exercido sobre mim, isso o excitava. Bom, ao menos foi meu ponto de vista sobre o que estava acontecendo naqueles momentos.

- Não está funcionando.

- O-o quê? - gaguejava uma das poucas frases que conseguia manifestar naquele momento.

- Vire-se!

-O quê?

- Sim.

- Não vou... Por favor, Peter!

...

- Você sabe que tem que fazer isso, **caso contrário, eu vou contar o seu segredo.**

Sempre ficava intimidado quando escutava essa frase que Peter repetia nestes momentos. Sei que meu pai provavelmente nunca iria condená-lo, e minha mãe jamais iria acreditar no que estava ocorrendo. Sem poder confiar em minha família para escapar dessa situação, não tive outra escolha se não ceder a todos as ordens de Peter. Fiquei como ele desejou, desengonçadamente, tremendo de tanto medo, pois sempre sentia uma dor infernal. Peter usou sua blusa para me amordaçar, começou a fazer o que queria e, para minha sorte, o ato durou muito pouco. Peter terminou e rapidamente arrancou sua blusa, que estava me amordaçando, e se levantou.

- Está na minha hora, voltarei aqui amanhã... Tá certo?

No chão e completamente sem reação, o encarava como algoz, torcendo

para todo esse inferno acabar o mais rápido possível. Antes de sair do quarto, Peter faz um sinal sugestivo com seu dedo encostado na boca, insinuando que deveria ficar em silêncio, retirando-se e batendo a porta. Cansado após a saída de Peter, me levantei e sentei no chão, pegando o controle do videogame e tentando me concentrar novamente no jogo, fingindo que nada aconteceu. Infelizmente, não era possível, essa tentativa não funcionou nas dez últimas vezes e já era de se esperar que não iria funcionar dessa vez também.

Os Harrisons já haviam se retirado da residência. Meu pai entrou no meu quarto e avisou que já estava indo dormir e que eu deveria fazer o mesmo, fechando a porta logo em seguida, sem dar um “boa noite” ou um “eu te amo” - como sempre. Àquela altura só queria que alguém me abraçasse, mesmo sem nenhum motivo, porém naquela casa isso seria impossível.

Permanecia inquieto e jogar não funcionava mais, na verdade nunca funcionou. Olhar para o videogame só resgatava lembranças confusas e minha mente transbordava, precisava partir para outra forma de entretenimento, precisava me distrair. Eu gostava de assistir, durante a madrugada, programas de televisão que relatavam homicídios.

Meu sonho era ter alguém para conversar a respeito, mas tinha medo que as outras crianças se afastassem mais ainda de mim, resultado de um dos motivos pelos quais eu nunca conseguia socializar direito: em qualquer momento comentaria sobre homicídios; serial killers; dissecação de corpos; não deixar rastros; *modus operandi*, etc. Estes assuntos sempre me fascinaram desde que tinha dez anos, período em que meu pai afirmava que desenhos e artes em geral eram coisas de homossexuais. Consumir esses conteúdos me fazia sentir diferente em relação a outras pessoas, superior a elas, como meu pai era com minha mãe, como Peter era comigo.

Inquieto, fui para a cozinha e lá estavam os pratos e copos sujos do jantar, minha mãe ficou muito bêbada e não conseguiu limpar depois. O Sr. Garcia, meu pai, não ficou satisfeito com a bagunça, mas como também estava embriagado, não se importou e foi dormir. Havia uma garrafa de cerveja cheia em cima da mesa que ninguém aguentou beber e uma metade de cigarro que Lita deixou no cinzeiro antes de se retirar da casa, uma hora antes do jantar com os Harrisons.

De fininho, na espreita, resolvi beber a garrafa e fumar aquele cigarro. Inicialmente, o gosto da bebida não me descia, mas a sensação de embriaguez era satisfatória. Com o desejo de prolongar essa sensação, bebi a garrafa

inteira, deixando o casco em cima da mesa. Quanto ao cigarro, tossi diversas vezes. Era um verdadeiro inferno, mas a cada tragada que aprendia a dar, a sensação de embriaguez causada pela bebida se intensificava; a bebida ajudava a aliviar a garganta seca por conta da fumaça. Fiquei imaginando como Lita consegue fumar em torno de vinte cigarros por dia e não tossir sequer uma única vez.

Essa foi a minha nova descoberta de um mais novo entretenimento. Não sentia mais a dor de antes, apenas uma sensação leve em meu corpo e a vontade de fazer o que quisesse. Procurei por mais bebida em toda a cozinha, em cascos vazios, bebi cada gota que sobrou nas garrafas, algumas tinham cinzas de cigarro dentro. Peguei cada ponta que estava amassada no cinzeiro e fumei.

Enquanto meus pais dormiam, curtia a minha primeira embriaguez em casa, dava voltas pela cozinha até a área cercada pela parede que separava a casa do terreno abandonado, encostando todo o meu corpo mole no concreto. Na quinta volta, escutei um barulho que tinha origem do terreno ao lado. Era um sapo, um dos animais habitantes daquele breu.

A energia elétrica começava a oscilar. Era meia noite, as luzes da casa estavam piscando e de alguma forma estranha sincronizava com o grunhido do sapo, que aparentemente estava cada vez mais próximo da casa. O som se tornava mais audível conforme me aproximava da parede em que encostei o meu corpo, segui o grunhido até encontrar o tal sapo.

Lembrei-me de assassinos em série que dissecavam corpos, como Jeffrey Dahmer - um dos meus casos preferidos da TV Criminal - fiquei empenhado em encontrar o sapo, precisava matar aquela curiosidade. Para minha sorte, o bicho já estava no interior da casa, na área, atrás da máquina de lavar. Peguei aquele pequeno anfíbio, coloquei-o de barriga para cima em uma bacia, peguei uma faca grande e outra pequena na cozinha e resolvi abri-lo ainda vivo para separar seus órgãos internos um por um.

A experiência em abrir um bicho ainda em vida me trouxe a sensação de superioridade que tanto precisava. Assistir a morte e a agonia de uma criatura que estava lutando para não perder o sopro de vida me transportou para um status de divindade: segundo a bíblia, somente Deus tem o direito de ceder ou retirar a vida de algum ser vivo que existe na terra em que ele governa. Sempre soube que isso não era verdade, meus documentários criminais mostravam o contrário. O que aprendi foi que, na realidade, a vida do ser humano é frágil e qualquer um com força suficiente tem a capacidade de

retira-la, caso assim desejar.

- Eu não sou mais fraco. - sussurrava repetidamente enquanto dissecava o bicho:

Ao retirar o coração, coloquei-o em cima de uma tábua de madeira. Ao remover o cérebro junto com a medula espinhal, posicionei-os em cima da tábua, sobrepostos ao coração. Retirei o ovário, o fígado, o intestino, mas todos os órgãos eram tão frágeis que não duravam em minhas mãos. Insatisfeito, conclui que precisava abrir um animal maior, como um cachorro ou gato. Coloquei o corpo do sapo e todos seus órgãos dentro de uma sacola de lixo e joguei na rua, tomei um banho e, satisfeito com a sensação de embriaguez e dominância, resolvi dormir. Meu corpo ainda doía por causa do desgraçado do Peter.

Enquanto tentava pegar no sono, minha cabeça girava diversas vezes em razão da bebida. Meus pensamentos antes de dormir aceleraram e só conseguia pensar em Peter dando voltas ao redor de mim e ecoando a frase que jamais iria sair da minha cabeça:

(...) Caso contrário, eu vou contar o seu segredo.

(...) Caso contrário, eu vou contar o seu segredo.

(...) Caso contrário, eu vou contar o seu segredo.

(...) Caso contrário, eu vou contar o seu segredo.

(...) Caso contrário, eu vou contar o seu segredo.

Quase em prantos, minha embriaguez não me permitia chorar tão fácil, até que finalmente adormeci na madrugada do domingo, iria conseguir dormir até mais tarde. Se meus sonhos permitirem...

É claro.

DEVANEIOS

QUANDO OS GARCIA SAÍRAM DE FÉRIAS

Não conseguia dormir, porém, não estava mais pensando no que aconteceu. Meu cérebro, por algum motivo que não compreendo, entrou em estado de amnésia. Estou deitado na minha cama de barriga para cima. Meu quarto parece um pouco mais comprido neste ângulo, minha cama fica em frente à porta, a última pessoa que entrou foi o meu pai, o Sr. Garcia.

Alguém acendeu a luz do corredor. Dava para perceber entre a porta, porém...

A luz era azul.

Tentei me levantar, mas o meu corpo estava preso na cama, como se a camada de ectoplasma da minha alma estivesse me forçando a emergir. Entretanto, meu corpo físico impedia, criando uma espécie de bloqueio. De repente, minha respiração começou a ficar densa, meu pulmão estava pesado e não conseguia respirar. A luz, que estava antes da cor azul escuro, oscilava agora entre o anil e o vermelho.

Uma neblina invadiu o meu quarto pela fissura da porta [...].

Aos poucos, a neblina se transformou em uma corrente de ar gélida, deixando a minha pele mais fria e o meu corpo mais rígido.

O peso nos meus pulmões se intensificou e só consegui mover as minhas pálpebras. A porta se abriu lentamente...

Ninguém apareceu.

A neblina se dissipou e finalmente o meu corpo se destravou. Consegui me levantar, ouvi uma voz masculina de uma criança sussurrando meu nome:

- Andrew...

- Andrew...

Novamente, perdi o controle do meu corpo. Dessa vez me sentia um sonâmbulo sem senso de direção. Andei até a porta que estava aberta sendo guiado pela voz. A luz, que então oscilava entre o anil e vermelho, mudou para a cor padrão assim que atravessassei.

Não estava mais em minha casa. A porta me levou para uma cozinha bem maior que a da minha família, com pisos xadrez e eletrodomésticos de última geração. Em frente ao balcão, um menino com blusa listrada, cabelos de cuinha castanho escuro e macacão estava virado de costas para mim.

- É você que está me chamando? Onde estou? – perguntei ao menino.

O garoto permaneceu estático, sem me responder. Resolvi então me aproximar dele, quanto mais chegava perto, mais o caminho entre nós dois se esticava. Comecei a correr, não adiantou, era impossível chegar perto, então comecei a me desesperar. Perdi o controle das minhas pernas, que não paravam de exercer o mesmo movimento. Meus sentidos se enlouqueciam gradativamente e, de repente, minha visão ficou turva e escura.

Dei de cara com um ser estranho assim que consegui abrir meus olhos. Meu coração gelou, jamais tinha visto algo tão bizarro em toda a minha vida, mesmo nos documentários mais sombrios sobre assassinos e demônios: uma espécie de quimera, com asas diabólicas e três cabeças, uma de um homem com hálito de fogo, uma de um touro e outra de um carneiro.

A criatura me encarava constantemente sem mencionar uma palavra, ao passo que a iluminação daquela cozinha se tornava vermelha. O garoto surgiu em frente ao monstro, morto no chão, com sangue saindo de seus olhos e vestes rasgadas.

Não consegui perceber de primeira, mas não era somente o corpo dele que estava caído no chão. Diversos outros cadáveres estavam na mesma posição em minha volta, com lágrimas de sangue e semblante similar ao do garoto. Reconheci algum dos corpos: o da minha mãe, do meu pai, da Lita, da minha avó, dos Harrisons e do sapo que eu tinha dissecado algumas horas antes.

De repente, aquela criatura estranha segurou o meu rosto com suas patas horrendas, disse para mim que nada daquilo era obra dele e que somente um ser humano seria capaz de fazer tamanha maldade com outros seres vivos.

- O justo atenta para a vida dos seus animais, mas o coração dos

perversos é cruel.

Foi o que ele me disse, com uma voz gutural, antes do seu rosto aos poucos se modificar para uma feição reconhecida pelo meu cérebro: a boca, o nariz, os olhos e as bochechas redondas. Já tinha visto esse rosto antes, visualizá-lo me causava muita dor, assim que a transformação facial se completou pude reconhecer aquele semblante que tanto me machucava.

Era o Peter...

Acordei ofegante e quase sem ar, tive uma apneia. Mas será que aquele pesadelo foi o mecanismo usado pelo meu cérebro para me levantar de uma parada respiratória, devido à quantidade de sobras de cigarros que fumei na noite anterior? Ou foi uma mensagem? Não sabia a resposta, pelo menos não naquele momento. Olhei para o meu relógio ao lado da escrivaninha, eram sete horas da manhã de domingo; não dormi nada, mas chorava com medo de cair no sono novamente e ter outro pesadelo. O melhor a se fazer naquele momento era tomar um banho.

Primeiro, lavei as minhas mãos, a porta do armário do banheiro estava aberta então resolvi fechá-la para conseguir me olhar no espelho. Desesperei-me ao ver sangue saindo dos meus olhos no lugar das lágrimas, exatamente como estavam os corpos do meu sonho. Fiquei paralisado me encarando no espelho, quando por um momento minha mãe surgiu atrás de mim. Levei um susto, o sangue desapareceu e meu rosto estava seco novamente.

- Meu filho, seu pai vai ter que viajar para a capital à trabalho e terei que ir com ele, algum problema em ficar sozinho aqui por uma semana?

- Não, eu sei me virar.

- Certo, deixei comida congelada para uma semana, use o forno para esquentar. Voltaremos na terça-feira da semana seguinte.

- Tudo bem, por agora só preciso tomar um banho.

Minha mãe estava se retirando do banheiro quando deu meia volta para deixar mais um recado.

- Ah, conversei com o Peter. Deixei uma cópia da chave com ele. Ele vai ficar tomando conta de você.

Incrédulo, virei para minha mãe sem acreditar que ela iria deixar aquele nojento cuidar de mim.

- Eu sei me virar sozinho, não preciso da ajuda dele!
- Andrew, você tem apenas doze anos, o Peter já é maior de idade, vai te proteger aqui! Os crimes em Waterfall estão crescendo, você sabe que aqui em casa ninguém teve a ousadia de invadir pois seu pai é militar, mas quando souberem que está sozinho, podem se aproveitar de você.
- Mas...
- São ordens do seu pai, não questione.

Entrei em desespero. Uma semana sozinho com o Peter significava mais sete dias de tortura, precisava de alguma maneira evitar que isso acontecesse. Sem soar desesperado, para que minha mãe não pensasse que algo estava errado, disfarcei, esbocei um sorriso e fiz um pedido:

- Posso ir com vocês? Quero conhecer a capital.
- Não, você não pode faltar mais uma semana de aulas, preciso que vá a escola.
- Por favor!
- Sem mais uma palavra.

Sem qualquer intenção de continuar argumentando comigo, minha mãe se retirou do banheiro. Tranquei a porta, sentei no chão ao lado da privada e comecei a chorar. Aquele inferno iria acontecer novamente comigo, se alguns minutos ao lado do Peter pareciam horas a fio uma semana com ele duraria uma década de vida na minha cabeça. Sinceramente, não sabia mais o que fazer, meus pais iriam viajar às nove horas da manhã e o Peter poderia aparecer na minha casa a qualquer momento. Era domingo e ninguém estudava ou trabalhava.

Meu corpo doía muito, e por muito tempo, demorou a sarar.

A VIDA EM FAMÍLIA DO PETER HARRISON

Peter Harrison, meu algoz, morava na casa ao lado. Sua família era composta pelo Sr. Jonas Harrison e a Sra. Madelline Harrison, que pareciam boêmios e divertidos quando estavam na presença de outras pessoas - o que de fato eram - mas algumas coisas entre eles aconteciam nas entrelinhas. Peter tinha completado o ensino médio nesse ano, mas sem perspectivas de futuro, não pensava em fazer uma faculdade. Ele sonhava em ser técnico em computadores, era fascinado por eles, mas sequer tinha um. Nessa época, a

tecnologia não era tão acessível assim para pessoas que moravam no interior.

Uma semelhança entre Jonas e meu pai é a postura de chefe da família que ambos exerciam. Diferente da minha mãe, que era dona de casa, Madelline trabalhava na prefeitura e tinha seu próprio dinheiro. Ela cedia aos luxos patriarcas do marido por pura conveniência, ele não era muito inteligente e sempre fazia as vontades da mulher, pensando estar por cima, mas no final das contas a Sra. Harrison sempre controlava o marido.

Deixá-lo achar que era chefe da casa era só uma maneira de alimentar o ego dele, ela não se importava com as boçalidades do marido e ele estava prestes a se aposentar, sua saúde não era muito estável. O Sr. Harrison não iria durar muito tempo, pois consumia bebidas alcoólicas todo santo dia, compradas pela própria Madelline em toda feira mensal.

Naquele mesmo domingo em que meus pais viajaram, a família Harrison estava tomando café na sala de estar e assistindo televisão. Eram viciados em comer na frente da TV, algo que meus pais abominavam. No noticiário da manhã estava passando uma matéria sobre a parada LGBT que aconteceu na capital do país no sábado anterior.

“Mais de 800 mil pessoas se reuniram para celebrar a diversidade sexual, a comunidade de gays, lésbicas, transexuais e simpatizantes acredita que a virada do milênio representa uma transformação na sociedade pós-moderna. Neste momento, todos estão celebrando a chegada de uma nova era onde o respeito poderá superar todo tipo de preconceito.”

Durante a matéria, Peter estava claramente desconfortável, já esperava que seus pais fizessem algum tipo de comentário negativo. Sempre que precisava disfarçar sua angústia, tremia a sua perna esquerda repetidamente – um toc – se ninguém direcionasse o olhar para, nunca perceberiam o desconforto. Como previsto, os comentários maldosos surgiram, começando pelo seu pai, Jonas.

- Essas pessoas querem nos obrigar a aceitar esse tipo de coisa! A televisão ainda exhibe beijo entre dois homens ao vivo! - disse Jonas, em voz alta.

- Na nossa família nunca aconteceu esse tipo de coisa, né Jonas?! - Madelline falou com um sorriso tão confortável no rosto, não soava tão raivosa como seu marido, apenas estava a fim de alimentar o ego dele mais uma vez.

- Claro! Nossa falecida mãe criou todos os homens da família para serem machos!

Peter esperou mais uma notícia ser exibida pelo jornal para sair da sala sem dar muito na telha. A notícia seguinte era sobre um caso de corrupção no senado, política nacional era um assunto que seus pais gostavam bastante. Esqueceram a parada gay e focaram nos políticos.

Quarto do Peter.

Madelline não contou a verdade. Um dos tios do Peter, irmão mais novo de Jonas, Martin Harrison, era gay assumido, foi brutalmente assassinado em setembro de 1995. Existem muitas teorias a respeito de sua morte. Martin foi expulso de casa aos quinze anos de idade e, desde então, precisou se virar. Nunca teve uma relação saudável com Jonas, que o detestava devido a sua orientação sexual. Viviam brigando e de vez em quando aconteciam agressões físicas das quais Peter, quando criança, presenciou algumas vezes. Martin resolveu seguir a própria vida em Waterfall em plena década de oitenta. Trabalhou como costureiro, alfaiate, comprou uma casa própria e em seguida se apaixonou e dividiu sua vida com outro rapaz, chamado Tomas.

Mesmo vivendo em uma década difícil, em pleno surto do HIV, com fortes acusações sociais à comunidade gay por ser “fonte do surto”, Martin jamais deixou de viver sua sexualidade publicamente. Nunca sentiu necessidade de se esconder. A exposição incomodava diversos cidadãos de Waterfall, principalmente seu irmão mais velho, Jonas, que acreditava que seu irmão homossexual estava manchando o nome da família. Até que em 1995, Tomas, seu marido, viajou para casa de seus parentes e no dia seguinte, em 19 de setembro de 1995, Martin foi encontrado morto na sala de casa.

Seu corpo foi encontrado em uma posição sugestiva, de quatro, com um pedaço de madeira enfiado em seu reto.

Aparentemente, Martin recebeu em torno de vinte e seis pauladas, algumas nas pernas, nas costas, nos braços, mas a maioria dos golpes atingiram sua cabeça e seu rosto ficou completamente desfigurado. O crime tinha teor íntimo. Eu sei disso por que nos documentários que assistia a maioria dos homicídios em que o assassino deixava o rosto da vítima irreconhecível estão relacionadas a algum problema pessoal em relação à pessoa que foi morta por ele. Seja ciúme, frustração, rejeição, insegurança, ou intolerância a algum

comportamento ou modo de vida da vítima.

Mas onde está o mistério nesse crime? A verdade é que o assassino jamais foi encontrado. Devido à curiosidade da população, muitas pessoas surgiram na cena do crime antes mesmo da perícia e mancharam o local com diversos rastros de DNA. Na época, quem estava na linha da frente da investigação policial era o próprio Jonas, que depois de algum tempo insistiu que a investigação fosse arquivada por falta de provas. Tomas voltou para sua cidade natal após a morte do seu amado com medo de que algo pudesse acontecer com ele. Nunca mais foi visto em Waterfall desde então.

Muitas pessoas suspeitam que Jonas esteja envolvido com o assassinato do seu próprio irmão, Martin. Outros acreditavam que teria sido um grupo de neonazistas que aterrorizou Waterfall por alguns anos na década de noventa, entretanto esses jovens foram investigados e nada foi provado contra eles. Apesar da suspeita, Jonas jamais foi investigado.

Acreditem se quiserem, mas a morte de Martin foi transformada pela população em um conto de terror, algo fantasmagórico, utilizado principalmente por algumas famílias ultra religiosas para aterrorizarem seus filhos. Minha avó já leu para mim diversas vezes a história com o propósito de me assustar e intimidar.

Foi batizado pela população como o Conto do Príncipe do Inferno:

“O espírito da luxúria é governado por um dos sete príncipes do inferno, chamado Asmodeus, que era um dos reis de Sodoma e Gomorra nos tempos bíblicos. Governava a maior sede de pecados da carne que existiu na face da terra, quando as pessoas são dominadas por esse demônio sedento por sexo, abandonam as leis naturais de Deus.”

Lembro exatamente desse trecho inicial, o conto se encerra com as consequências da possessão do espírito da luxúria, essa parte estava ligada ao assassinato de Martin.

“Aqueles que despertam a fúria de Deus serão castigados com a morte mais lenta e brutal que existe, e vão sofrer eternamente no inferno. O demônio Asmodeus buscará sua alma após o fim de sua vida, assim como levou o Martin, aquela alma condenada pelo rei de Sodoma e Gomorra”.

Entretanto, esse conto não era levado a sério pela comunidade de

Waterfall. Fora os grupos de religiosos fanáticos da cidade que queriam impedir que seus filhos se tornassem homossexuais, muitos achavam esse conto uma bela bobagem. Madelline, por exemplo, detestava. Porém, Jonas, mesmo não sendo um evangélico extremo, católico ortodoxo - ou algo do tipo - se aproveitou desse delírio para aterrorizar Peter por anos, sem sua esposa saber. Escutar todas as noites a respeito do próprio tio vindo da boca de seu pai o aterrorizava. Toda cidade conhece o caso, que é comentado até hoje por vários motivos:

O mistério do assassino.

A teoria de Jonas como envolvido.

O Conto do Príncipe do Inferno.

O último tópico já caiu em desuso faz algum tempo, mas os dois primeiros ainda geram debates entre a população. No ensino médio, o assunto era abordado com frequência na turma em que Peter estudava, a possibilidade do seu próprio pai ser o assassino do irmão homossexual o aterrorizava. De vez em quando, os colegas de sala do Peter tentavam invocar o espírito de Martin no tabuleiro ouija, com o intuito de tirarem sarro da cara do garoto.

O SEGREDO DE PETER

Em seu quarto, Peter possuía uma série de fitas cassete, nenhuma nomeada, mas todas classificadas por números: do 1 até o 228. A televisão de Peter estava sempre com o volume baixo. Após sair da sala com seus pais, incomodado com os comentários sobre a parada LGBT, o que realmente estava se passando em sua cabeça era a respeito do seu tio assassinado. Recordou-se de ter acessado a internet em sua escola anos atrás e encontrado uma imagem da fotografia do corpo sem vida do seu tio Martin – retirada pela polícia na cena do crime – em um blog sobre criminalidade de um autor anônimo. Desde então, essa imagem perturba o psicológico do Peter.

Coletando as fitas uma por uma, ele buscava a sua preferida. Não podemos culpar a provável sexualidade reprimida do Peter pelas suas atitudes, muito menos justificar com o trauma, mas sim a maneira com a qual procurou lidar com toda essa situação. Não é fácil fugir disso, buscar uma saída;

compreende?! Eu mesmo procurei arduamente alguma maneira de superar o que o próprio Peter fez comigo.

Peter sempre sentiu atração por homens desde que se entende por gente. No armário da sala da sua casa, tem uma escultura média de um pé masculino que servia de cinzeiro, Jonas a comprou em uma feira popular em uma barraca que vendia esses tipos de produtos, ele achava bastante engraçado e fazia parte de uma coleção de cinzeiros com diferentes membros do corpo humano. Certo dia, em uma de suas visitas ao meu quarto, ele afirmou que tinha fetiches por pés, e de vez em quando pedia para lambe-los meus. Sentia vontade de rir porque fazia cócegas, e ao mesmo tempo nojo, nunca entendi o motivo em sentir excitação em uma parte do corpo que está sempre em contato com o chão. Nesse mesmo dia, em um momento de confissão inconsciente, Peter falou sobre a escultura que enfeita a sala de sua casa: um pé masculino, grande, com dedos grossos. Provavelmente, a sua admiração por essa estatueta desenvolveu esse fetiche estranho.

Descobri muito sobre a vida do Peter durante o tempo em que ele me visitava. Ele costumava contar seus traumas, a relação com seus pais, e de como todos esses fatores o levaram à minha casa. Ele comentou sobre as fitas pornográficas que tinha em seu quarto, eram com elas que Peter se aliviava antes de me conhecer. Ele as assistia todas as vezes em que o seu pai, Jonas, falava sobre homossexualidade, sobre seu tio assassinado ou cometia alguma repressão contra ele. Peter ficou viciado em pornografia, e conseguia se sentir bem com ela, mesmo que por alguns minutos.

ESCONDE-ESCONDE: A BRINCADEIRA

Tinha acabado de chegar da escola, cansado, mais um dia sem me comunicar com outras pessoas, queria apenas me deitar e descansar. Quando fui destrancar a porta, percebi que a casa já estava aberta e que só uma pessoa tinha acesso à chave da minha casa e era o...

Pra mim já deu por enquanto, quero falar sobre a vida de outra pessoa agora. Alguém que, com toda certeza, foi e é bem mais feliz do que eu.

Pelo menos, por enquanto...

Feliz aniversário, Jhony!

Estamos em 22 de abril de 2020, quase vinte anos depois dos fatos ocorridos do início da minha desastrosa pré-adolescência. Waterfall se modernizou de uma maneira desajustada; o comércio se expandiu rapidamente; os índices de violência aumentaram e universidades surgiram, trazendo consigo um número considerável de pessoas de outros estados. Minha vida não tem sido a mesma faz algum tempo, minha família saiu de Waterfall e terminei por me isolar. Ninguém tem mais contato comigo, mas mesmo assim estou informado de todas as coisas que acontecem na cidade.

Em um bairro nobre, na casa que era conhecida na minha infância como “casa da piscina”, reside uma família de classe média alta: os Walters. Anthony Walter é um doutor em história da arte e professor na Universidade de Waterfall; sua esposa, Claire Walter, é doutora e nutricionista, e também leciona na mesma instituição de seu marido. Eles têm um filho de doze anos de idade, Jhony Peterson Walters, um menino de **cabelo de cuinha castanho escuros**, que adora vestir macacão.

De vez em quando, sua mãe o carrega para universidade, chamando atenção de diversas pessoas por sua personalidade extrovertida. Jhony é uma criança muito comunicativa, mas como sua família chegou à cidade a pouco tempo, ele ainda não tinha nenhum amigo e seus pais ainda buscavam uma escola para o matricular. O motivo de tanta espera se deve a personalidade criteriosa de sua mãe, que exige a melhor educação possível para o seu filho. O pequeno Jhony não se alimenta de qualquer maneira, se entupindo de produtos industrializados como a maioria das crianças fazem, o garoto segue uma rígida dieta criada pela própria mãe, com o auxílio de uma nutricionista; sua babá fica encarregada de certificar se tudo está em ordem. Apesar de tantos critérios, Claire cumpre o papel de mãe carinhosa e gentil, dando tudo que o menino pede, desde brinquedos a viagens e, de vez em quando, alguma sobremesa, como sorvete de frutas.

Claire está voltando de mais um dia cansativo de aula, no qual lecionou em três turnos inteiros sem pausa. Nesse dia específico, estava bastante deprimida, seu aluno orientando havia acabado de cometer suicídio e a universidade decretou luto, encerrando as aulas mais cedo aquela noite. O estudante se chamava Oman El Marikh, filho de muçulmanos comerciantes

da cidade. Seu trabalho de extensão se tratava de criar uma dieta à base de alimentos que aumentam o nível de serotonina no cérebro, levando-o a implantar o que foi batizado de projeto “Feira da Alegria”: um espaço público destinado à degustação gratuita desses tipos de alimentos, estimulando a população de Waterfall a aderir a hábitos mais saudáveis.

Oman sofria de depressão profunda e dedicou a maior parte de sua vida à academia. Estava mentalmente estável enquanto realizava suas atividades, porém a Universidade de Waterfall enviou um e-mail coletivo para alguns estudantes decretando o corte de algumas bolsas de estudo e, para a infelicidade do orientando da Claire, o nome “Oman El Marikh” se encontrava na lista das bolsas cortadas. A justificativa da instituição foi de que o estudante não cumpriu com um dos regulamentos da bolsa integral.

A Sra. Walters tentou recorrer, mas não obteve sucesso. O jovem cometeu suicídio no mesmo dia em que vos falo, com um tiro na boca, no banheiro masculino da própria instituição - na véspera do aniversário de Jhony. O corpo do jovem foi encontrado por estudantes que fotografaram o cadáver e compartilharam para diversos grupos nas redes sociais. Ela ainda engolia a notícia a seco enquanto voltava para sua casa. A universidade fica localizada um pouco antes da entrada da cidade, distante do centro, logo é preciso atravessar uma rodovia. Essa viagem dura em torno de trinta minutos de carro, se não tiver engarrafamento, caso contrário o tempo é de cerca de uma hora de trânsito.

Nesta noite em particular a estrada estava muito escura, coberta por uma neblina densa. A energia ainda estava consumida pela depressão e tristeza, devido à morte de Oman. Claire dirigia desolada e sem ânimo para voltar para casa.

- Meu deus! – ela reage com um susto.

Claire, desatenta, desvia o carro de um animal que está no meio da estrada, e que estranhamente não se mexeu em momento algum enquanto o carro se aproximava. Acabou por bater seu veículo no acostamento. Uma criatura pequena quase foi o alvo, mas devido à escuridão somente foi possível avistar os seus olhos, que reluziam um brilho vermelho no meio da neblina, tarde demais para parar.

- Mas que merda, essa foi por pouco, preciso ficar mais atenta. Aquele

bicho é um...?

Com o carro no encostamento, Claire abriu a porta do veículo e tentou visualizar o animal que quase atropelou para ver se ele estava bem. Enquanto se aproximava, o animal se dissipava no meio da neblina, desaparecendo gradativamente. Pela sua silhueta, se tratava de um pequeno felino.

- Bichano? Psss... Psss... - ressoou um típico som para chamar atenção do felino.

De repente, o gato desapareceu sem deixar rastros e Claire, em um momento de distração, quase é atropelada por um carro que passa em alta velocidade, a poucos centímetros de distância dela.

- Cuidado vadia! – gritou o motorista, quase passando o veículo por cima da professora que estava distraída em busca do animal.

- Que droga! – reagiu - preciso voltar para casa urgente, é muita coisa para minha cabeça, preciso dormir.

Claire retira seu carro do acostamento e segue em direção a sua casa, dessa vez um pouco mais atenta às armadilhas noturnas das rodovias de Waterfall.

JHONY QUER UM AMIGO

Ah... A **casa da piscina**, como era conhecida na minha antiga infância dos anos 2000, é uma residência envolvida por pedras de mármore e cercada por plantas e árvores. No andar superior, existe uma área de lazer mobiliada com aparelhos de musculação e uma escada que dá acesso à piscina, com área de visitas equipada com uma churrasqueira e forno a lenha. Ao lado, podemos encontrar uma sauna perto da ponte particular da residência que dá acesso ao rio.

Aos meus dezesseis anos, pouco depois do trauma com o Peter, no auge da minha rebeldia, me juntava com alguns amigos do ginásio para invadir essa casa. Na época, pertencia a um senhor de 80 anos que morava em Sacramento, na Califórnia, e que conseqüentemente visitava a residência apenas durante a temporada de verão.

Aquela mansão à beira do rio passava a maior parte do ano vazia e sem nenhum tipo de segurança. A única vigilância era de uma faxineira

contratada pelo velho, que organizava a casa a cada quinze dias, e a mesma já estava ciente de que alguns jovens invadiam a propriedade de tempos em tempos para fazer algum tipo de algazarra, mas não se importava.

O senhor morreu em 2008 e seus filhos colocaram a residência à venda. Devido ao preço altíssimo, a casa permaneceu por anos na geladeira do mercado imobiliário, resultando em gastos enormes e anuais com manutenção e documentação. Com o tempo, o preço foi reduzindo até finalmente ter sido vendida para os Walters em 2019, que se mudaram para a casa no ano seguinte. Ninguém mais teve a coragem de invadir a residência, que agora está ocupada, e acredito que invadir casas bonitas para beber e fumar não é algo tão interessante assim para os jovens desta geração, ao menos sob meu ponto de vista.

Claire acabou de chegar na casa e seu marido, Anthony, já estava dormindo. Assim sendo, resolveu ir até o quarto do seu filho, que se encontrava acordado assistindo televisão.

- Papai não te colocou para dormir?
- Colocou sim mamãe, mas acordei novamente.

Carinhosamente, Claire se aproxima e deita ao lado do seu filho, o abraçando.

- Como foi seu dia, mamãe?
- Ah... Foi cansativo, mas foi bom - diz lentamente, tentando evitar comentar algo a respeito da morte de Oman ao menino.
- Um aluno seu morreu hoje, né?! Você está triste?

Claire deu um suspiro profundo.

- Não quero falar sobre isso, meu anjo, ainda estou muito triste, me desculpe. Seu pai que te contou isso?
- Não mamãe - respondeu olhando fixamente nos olhos de sua mãe - as pessoas da cidade estão espalhando na internet.
- Triste, as pessoas daqui não tem respeito e nem consideração pelos outros, compartilhando algo tão triste e visceral na internet.

Nesse momento, uma lágrima escapou de um dos olhos de Claire, que imediatamente secou com suas mãos e tentou mudar de assunto logo em seguida.

- O que está assistindo? Nesse horário não tem nenhum programa legal para você.

- Estava passando a TV Criminal sobre um caso aqui de Waterfall, o “Destrinchador da Cachoeira”, você já ouviu falar nele?

- Meu filho, não é saudável para você ficar assistindo a esse tipo de programa! Mas enfim, vou confiar que você tem cabeça pra isso. – diz Claire, acreditando na perspicácia e maturidade de seu filho - Sim, já ouvi falar dele, mas soube que morreu em uma ação policial, está tudo tranquilo agora.

- Sim mamãe, mas dizem também que ele pode estar vivo.

- Sério? Como assim?

- Acharam um corpo do suspeito em uma casa, mas dizem também que outra pessoa pode ter sido o assassino.

- Bem, mas se tudo acabou não temos com o que nos preocupar, não é mesmo?! Interessante, um caso local já protagonizar documentários de televisão.

-Mãe, as pessoas gostam de coisas que envolvem mistério! Eu também adoro!

- Seu danadinho! - diz Claire, fazendo cócegas no filho que responde se debruçando em risadas - Está bom desse assunto, hein?! Vamos dormir.

Claire desliga a luz do quarto, e com a mão no interruptor é surpreendida pelo chamado do pequeno Jhony.

- Mãe!

- Oi meu filho? - responde, religando a luz do quarto.

- Posso te pedir uma coisa?

- Sim, claro!

- Posso ter um amigo?

- Um amigo? - se aproxima da cama do pequeno Jhony - como assim um amigo, meu bem?

- É que você ainda não me matriculou na escola, e não conheço ninguém aqui, estou me sentindo um pouco sozinho.

Uma das características que marcam a personalidade da professora Claire é a sua empatia, ao ver o semblante triste de seu filho, lembrou imediatamente de Oman, que em seus momentos de descontração, durante a realização de sua pesquisa, citava que possuía poucos amigos. A morte do orientando

mexeu bastante com o seu psicológico, que associava qualquer momento de tristeza com o estado depressivo do seu falecido aluno.

Como mãe, deduziu que seu filho poderia entrar no mesmo quadro se permanecesse solitário por muito tempo, e deixou claro em sua cabeça que vai fazer de tudo para que isso nunca aconteça.

- Eu posso te levar para a universidade na segunda, pode ser? Amanhã é sábado, seu aniversário, você tem direito de fazer o que quiser!

- Eu quero um bichinho.

- Um... Pet?

- Sim, mãe!

- Hm...

Claire lembrou o momento em que quase atropelou um felino no meio da rodovia, e que ele simplesmente desapareceu no meio da neblina. Permaneceu um pouco dispersa, e com olhar de paisagem por alguns segundos.

- Mãe? Está aí?

- Oi! - disse, despertando.

- Sim claro, vamos ao abrigo de animais amanhã para ver se tem algum gatinho para adoção, tudo bem?

- Oba! – disse Jhony entusiasmado.

- Agora vai dormir, amanhã temos que acordar mais cedo.

- Certo, mãe, estou muito feliz!

- Boa noite, meu anjo - Claire beija o rosto de Jhony.

- Boa noite, mamãe.

Claire se retira do quarto de seu filho, e com a mão no interruptor desliga a luz, esboçando um breve sorriso enquanto seus pensamentos rodeavam entre a morte de Oman e o gatinho da rodovia.

SÁBADO, OITO HORAS DA MANHÃ, DIA DO ANIVERSÁRIO DE 13 ANOS DO PEQUENO JHONY WALTERS

Jhony acordou cedo e foi diretamente para a cozinha tomar o seu café da manhã, completamente entusiasmado. Visualizou o seu pai enfeitando o

balcão da cozinha com enfeites para sua festa, ao lado da empregada, Nina, que preparava o bolo de aniversário. O menino vestia sua blusa preferida de listras, na cabeça um boné vermelho do personagem de seu jogo favorito, trajando um macacão jeans e brincando de amarelinha no piso xadrez da cozinha (uma brincadeira que consiste em pular com um ou dois pés em cada quadrado diferente marcado no chão), enquanto se aproximava do seu pai, o Dr. Anthony Walters.

-Para onde a mamãe foi?

- Buscar os convidados no aeroporto - Respondeu Anthony, com um sorriso.

Anthony tem cinquenta e dois anos de idade, possui um porte físico atlético e um visual que não corresponde a sua idade, de cabelos grisalhos, olhos castanhos e barba feita. Seu visual de um homem de família charmoso chamava bastante atenção das moças e de alguns rapazes da universidade. Os olhares dos estudantes não incomodavam Claire, que no auge dos quarenta anos também ostentava um físico invejável, pele bem cuidada e longos cabelos loiros. Para Jhony, seu pai é um herói, sempre esteve presente em momentos importantes de sua vida. Era o tipo de pai exemplar, participativo em eventos escolares e que assistia por muito tempo filmes de ação e aventura com ele. Devido ao ritmo de professor universitário, sua presença se reduziu um pouco, mas nada que afetasse o menino psicologicamente.

- Quem vocês convidaram para a festa? – perguntou Jhony, curioso.

- Sua tia Annie, o marido, seus dois filhos e alguns dos nossos colegas de trabalho.

- Ah, tudo bem.

- Eu sei que ainda não tem amigos da sua idade em Waterfall, mas o Jordan vai estar por aqui.

Jordan é o filho mais novo da irmã de Claire (Annie) de treze anos, porém sua personalidade é completamente diferente: quieto e malicioso. Das poucas vezes que visitou a casa dos Walters, quando moravam em outra cidade, raramente se comunicava com Jhony, eles definitivamente não tinham uma relação amistosa.

- Filho.

- Oi pai!

-Sua mãe tem uma surpresa para você quando chegar!
-Sério? O que é? - perguntou retoricamente, pois já imaginava que seria o seu mais novo pet.
- Não posso te falar, mas você vai adorar! – Anthony riu, pois já sabia que Jhony tinha ideia do que se tratava, mas a cultura do mistério entre pais e filhos é um ritual bem divertido, não poderia faltar com esse suspense.

UM NOVO AMIGO PARA JHONY

- Oman?

Sussurrou ao entrar no banheiro da universidade, a temperatura do ar está baixa e a ventilação densa, uma neblina cobre somente o banheiro masculino e não está presente em nenhum outro local da instituição. Então Claire se aproximou mais um pouco e conseguiu avistar um rapaz em frente ao mictório, era o Oman, vivo, em carne e osso.

- Que susto! – disse ela, aliviada - Espalharam uma notícia desagradável ao seu respeito.

- Oman? – repetiu Claire.

O rapaz emitia alguns sons estranhos e desconexos, o sorriso e alívio repentino da professora desaparecem e deram espaço ao semblante de angústia e preocupação, que desenhava o seu rosto alguns segundos atrás. Resolveu se aproximar mais um pouco, encostando a mão no ombro do rapaz que permanecia de costas.

- A respeito da sua bolsa... Eu tentei conversar com o colegiado e com o reitor, mas não pude fazer nada a respeito. Infelizmente.

Oman não responde.

- Está me escutando?

Claire não tinha percebido, devido à densidade da neblina que cobria o banheiro, mas ao observar os pés do estudante, percebeu que o garoto pisava em uma poça de sangue. Assustada, virou rapidamente o jovem em sua direção e percebeu que seu rosto está completamente desfigurado. Oman

atirou contra a própria boca, estava vivo, mas não conseguia falar devido à destruição da mandíbula e dos dentes, seus olhos se mexiam repleto de agonia e pedia por ajuda através de gemidos. A arma, um revólver calibre 357, estava jogado dentro do mictório, boiando em uma poça de sangue e urina.

- Alguém, por favor, me ajude! - gritou em prantos, com Oman em seus braços. – Alguém me ajude! Socorro! Ele está morrendo!

Desesperada e sem resposta, continua gritando por socorro enquanto Oman se agoniza em gemidos, esfregando o rosto, destruído pela tentativa de suicídio, no colo de sua professora, espalhando sangue por toda a roupa de Claire. Finalmente, o garoto parou de agonizar e desmaiou.

- O-Oman?

Mesmo com a certeza de que seu aluno estava morto, ela decidiu verificar os pulsos que, para sua surpresa, ainda apresentava sinal de vitalidade, trazendo a esperança de que mesmo com o rosto completamente desfigurado ele ainda pudesse sobreviver. Sempre foi uma pessoa cética e não conseguia acreditar que estava apostando em fé e milagres.

Oman deu um tiro na própria boca, que rasgou sua mandíbula, dentes e perfurou o seu cérebro. Não reagia, nem sequer conseguia formular uma frase. Era um zumbi. Aquele corpo em seu colo começou a dissipar junto com a neblina, até finalmente desaparecer. Então, uma voz masculina murmurou - Você o deixou morrer - atrás de Claire, que ao virar-se, deparou com o mesmo gato que quase atropelou na rodovia: um angorá branco, peludo e de olhos vermelhos.

O celular de Claire toca.

Mensagem de texto:

09h28min, AM.

Annie Irmã: Estamos chegando ao aeroporto em 15 minutos, o desembarque vai ser rápido, está nos esperando? – seguido de emojis sorridentes.

Claire estava em um devaneio, teve o mesmo sonho com Oman na madrugada passada e não queria atrelar a morte de seu orientando como sua responsabilidade. Ela fez o máximo que pode para que a bolsa de estudos do seu aluno não fosse cortada pela instituição, mas não obteve êxito em suas tentativas; entretanto, o seu nível de empatia pelas pessoas não a permitia que ficasse isenta de qualquer tipo de responsabilidade. Seu carro está estacionado na garagem do aeroporto, esperando a família da sua irmã mais velha desembarcar.

Para que seus familiares pudessem localizar seu carro, enviou uma mensagem de áudio descrevendo a cor do veículo, modelo e número da vaga do estacionamento. O carro estava um pouco bagunçado, tinha acabado de comprar uma caixa de transporte para gatos, areia e um pacote de ração, além de uma série pastas e documentos da universidade. Precisou então reorganizar o espaço para que todos coubessem no veículo. Já se passaram vinte minutos desde a última mensagem da sua irmã, então Claire encostou o rosto no volante e quando estava prestes a adormecer escutou uma batida no vidro do carro, que a despertou com um leve susto.

- Claire? - surge Annie.

Em resposta a irmã, abaixou o vidro do carro recepcionando toda a família.

- Desculpe, estou um pouco cansada hoje, como foram de viagem?

- Tudo tranquilo, tirando uma turbulência no meio do voo que me deixou um pouco apavorada e um problema com a mala do Otto, que atrasou um pouco o desembarque. Fora isso, nada demais. Vamos, estamos ansiosos para a festa.

Claire estranhou um pouco o bom humor da sua irmã, que não costuma tratá-la tão bem o tempo todo. Como primogênita de sua família, Annie foi obrigada a criar sua irmãzinha desde sua adolescência, desenvolvendo uma maturidade e extinto materno coercivo, não teve oportunidade de cursar uma faculdade, casou-se cedo com um caminhoneiro, o gigante Otto Williams, para sair de casa. Durante muitos anos, observou seus pais ofertarem para Claire tudo o que fosse possível, principalmente ao pagarem uma faculdade para se tornasse uma mulher independente.

Annie a invejava pois nunca trabalhou e se tornou dona de casa após

engravidar do seu primeiro filho, Tommy Williams. Apegou-se a preceitos religiosos para se antagonizar ao estilo de vida de sua irmã. Existe um único aspecto em que Annie se assimilava de sua irmã mais nova, ambas cuidavam bem de suas aparências. Elas são capazes de convencer a qualquer pessoa de que possuem dez anos a menos. Ainda assim, era uma maneira que Annie tinha de competir com sua irmã, em uma disputa unilateral, já que Claire nunca se importou com nada daquilo.

- Sentem-se, o carro está uma bagunça, cheio de coisas da universidade. Mas consegui arrumar um espaço para vocês.

Annie se sentou na poltrona ao lado da motorista. Otto, seu marido, sentou nos bancos traseiros junto com seus filhos: Tommy, de vinte e três anos, que não parava de mexer no celular desde que saiu do avião, e Jordan, de treze - o mais novo - que comia uma porção de batatas fritas compradas no aeroporto durante o desembarque.

-Adotaram um gato? - perguntou Otto, após bater a cabeça no transportador enquanto se ajeitava no carro.

-Meu filho me pediu um de aniversário, vou parar em um abrigo de animais antes de chegar em casa. Fiz essa promessa ontem à noite, - respondia enquanto dava partida - ainda não o matriculei na escola, Jhony está se sentindo sozinho aqui em Waterfall, acredito que uma companhia enquanto não se socializa vai fazer bem.

- Ah, com certeza, não gosto muito de gatos, prefiro cães. Ao menos eles são úteis para proteger a casa - Otto responde, com desdém.

- Não preciso de segurança, Otto, somente de um amigo para o meu filho.

- Gatos não são amigos do homem, eles gostam da casa, são oportunistas, vai por mim Claire, só servem para gastar dinheiro com ração e vacina.

- Dinheiro não é um problema para mim, só quero fazer o meu filho feliz - rebateu.

- Por que não matriculou o Jhony em uma escola ainda? - disse Annie, interrompendo.

- Estou buscando a melhor escola para ele, que atenda meus critérios. Estou em dúvida entre duas instituições, mas ainda preciso visitá-las para entender o plano de ensino de cada uma.

- Em Waterfall o melhor colégio é o de freiras, todos da cidade comentam

isso. Mas do jeito que você é cética, vai afastar o menino de Deus até mesmo nisto! - disse Annie, sem olhar no rosto da irmã.

- Temos nossas próprias crenças, não sou a favor de um colégio que doutrina crianças a rezar de forma induzida por uma religião específica, você sabe disso.

- Claro, você sempre foi pagã, e levou sua família para o mesmo caminho.

- Hm, a gente estava começando bem... – risos – Até mesmo estranhei, já esperava que seu bom humor não iria durar por muito tempo.

- Chegamos, aqui é o abrigo de animais, querem me esperar no carro ou vão me acompanhar? – disse Claire, perguntando a todos no carro de forma paciente.

- Vou ficar aqui no ar condicionado - disse Tommy, em um dos poucos momentos em que retirou os olhos de seu aparelho móvel.

- Eu tô com fome de novo! - exclamou Jordan.

- Aqui por perto tem alguma lanchonete? - perguntou Annie - Podemos te esperar em algum ponto enquanto levamos o Jordan para comer.

- Tem sim, uns dois metros depois do abrigo.

Otto e Annie levaram Jordan para uma lanchonete, enquanto Claire visitava o abrigo em busca do pet. Tommy resolveu permanecer no carro, acessando o celular.

SEJA BEM VINDO, FELINO

A Fundação Restaurar é a maior instituição que abriga e cuida de animais em situação de rua ou abandono de Waterfall, criada pela veterinária Mônica McLean em 1990. Até os dias de hoje, ela se destaca por seu papel filantrópico, gerando em torno de 200 adoções por ano, salvando a vida de diversos animais. Lembro-me que meu pai adotou um cachorro aqui e o deixava perto do terreno baldio da minha antiga casa. Claire ligou para a doutora algumas horas antes de buscar seus familiares no aeroporto, e sabendo que Mônica é extremamente criteriosa, providenciou com antecedência os documentos necessários para a adoção do futuro pet de Jhony. A veterinária a recepcionou no balcão.

- Que bom que você chegou, sempre fico contente quando alguém decide adotar um novo animal!

- Também fico muito feliz, Dra. Ainda mais por ser estritamente contra a comercialização de animais e estar ajudando a prover um lar para um desses bichinhos. - disse Claire.

- Está certo, conheço seu trabalho na universidade, sei que é uma boa pessoa. Confesso que meus critérios diminuíram um pouco, tem um tempinho que o número de adoções despencou.

- Sério mesmo? - responde- O que houve?

- Não faço ideia do que está acontecendo, alguns animais começaram a adoecer repentinamente faz uma semana. Uns dois cães morreram de causas desconhecidas, estamos realizando diversos exames e não conseguimos chegar à conclusão alguma, estou quase fechando as portas por um momento.

- Nossa, não seria algum tipo de bactéria ou vírus?

- Acredito que não, se fosse, conseguiríamos identificar mais facilmente, eu realmente não sei o que está acontecendo. Já mandei uma circular pela cidade, você não viu?

- Confesso que não, tenho estado sem tempo ultimamente. - respondeu, com o ar um pouco desanimado, pensando que não conseguiria realizar o desejo do seu filho.

- Mas não te contei ao telefone por um motivo específico, você disse que estava atrás de um gato, e entre os animais do abrigo, somente um deles está completamente saudável.

- Sério? – respondeu Claire, entusiasmada.

- Sim, é aquele angorá branco ali - Mônica aponta o dedo em direção ao felino, que chama atenção de Claire, alimentando suas esperanças. – Ele chegou aqui tem uma semana, provavelmente tem em torno de oito meses de idade e passa o dia inteiro dormindo, a noite fica agitado tentando sair, mas aparentemente é um animal bonzinho.

Ao se aproximar do gato, a cada passo, Claire sentiu a temperatura do seu corpo cair, frio, gélido, exatamente da mesma maneira em que estava quando voltava da universidade na noite passada. O gato, que até então estava dormindo, acordou e olhou a professora fixamente. Apesar do felino ostentar olhos castanhos, Claire enxergava o mesmo olhar brilhante e avermelhado do animal que quase atropelou noite passada. Ao analisar sua pelugem branca, relembra do gato que visitava seus recentes pesadelos com Oman.

Até que a lucidez finalmente tomou conta de sua cabeça, percebendo que seria impossível esse gato ser o mesmo do acidente ou o mesmo de seus sonhos.

- Vou levar ele.
- Que ótimo, acredito que vá gostar.

Pegou o gatinho no colo e, enquanto caminhava pelo abrigo, observou o sofrimento em cada animal que agonizava de dor. Alguns tinham manchas enormes e apresentaram queda de pelo, como se estivessem com uma doença terminal. Angustiada, e sem entender - sequer Mônica e os demais veterinários da região tinham ciência do que estava acontecendo -, ficou em silêncio. Mesmo tentando elaborar justificativas em sua mente do porquê de somente o gato que estava adotando não apresentar nenhum desses sintomas, resolveu ignorar, apostando na sorte do felino. Chegando ao balcão para concluir o processo de adoção, a doutora apresentou algumas documentações e perguntou:

- Já decidiu o nome dele?
- Ainda não, isso ficará ao cargo do meu filho, Jhony.
- Ah certo, acredito que ele vai adorar batizar o seu novo amiguinho. - risos - Então, leve essa documentação e cartão de vacina, após batizá-lo, e traga-o de volta para a fundação para que tome a sua primeira vacina.
- Certo, muito obrigado doutora!
- Eu que te agradeço, espero que ele dê muito amor para sua família.
- Tenho certeza, vai dar tudo certo, espero que seus bichinhos se curem logo.
- Vamos fazer o máximo possível, não posso permitir que a fundação feche as portas.
- Boa sorte, até logo.
- Até.

A FESTA

Aniversário de 13 anos de Jhony. Festa temática de videogames, íntima, somente para os familiares.

19h00.

A senhora Walters escondeu o gato na garagem quando chegou em casa, deixando aos cuidados de Nina até a hora da festa, para fazer uma surpresa

para seu filho. Para que o plano funcionasse, pediu para que sua empregada mentisse, dizendo que iria pegar o felino no abrigo por que não tinha espaço no carro para trazê-lo de manhã cedo. Para seu azar, teve que suportar a criança perguntando pelo bichano o tempo todo, puxando a aba da sua calça enquanto terminava de organizar a festa – Ele já está chegando! – repetia Claire inúmeras vezes, em tom de brincadeira, para tentar ludibriá-lo até o momento certo de entregar o presente.

Está tudo pronto, a cozinha está enfeitada com balões, letreiros com os dizeres “Feliz Aniversário Jhony!”. Algumas imagens de personagens dos jogos favoritos do garoto estavam coladas nas paredes. Várias travessas de salgados em cima da mesa, o bolo com as velinhas ilustrando os treze anos, refrigerante, e para os adultos, bastante cerveja na geladeira. Toda família estava presente naquele momento: seus pais; a tia Annie; seus primos, Tommy e Jorda e seu tio Otto. Jhony ficou em frente ao bolo para apagar as velinhas, mas estava irritado.

- Não está feliz meu filho? - Perguntou, sabendo que o menino estava ansioso pelo seu bichano.

-Eu queria o meu gato, você mentiu para mim!

- Não menti! Olha isso!

Nina surge com o felino dentro da transportadora que estava enfeitada com um laço vermelho gigante, simbolizando um presente de aniversário. Logo Jhony sorriu, e pulou de alegria em direção ao seu presente.

“Parabéns para você! Nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida. Parabéns para você! Nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida!”.

Cantaram em coro, enquanto Jhony agarrou seu presente, abriu a porta da transportadora e abraçou o seu bichano.

- Qual vai ser o nome dele? – perguntou tia Annie.

- Ah, eu ainda não sei! Vou pensar! - respondeu Jhony, ainda empolgado com o seu novo amigo.

-Bem, precisa pensar em um nome logo, breve precisarei retornar ao abrigo para completar a documentação do pet e levá-lo ao veterinário. – disse Claire a Jhony.

-Aaaai! - gritou Jhony.

Inesperadamente, o gato arranhou o rosto de Jhony com suas garras e pulou para fora do colo do garoto, que ficou em prantos enquanto sangrava por causa da ferida. O felino, ainda sem nome, fugiu em direção ao corredor – Ei! Volte aqui! - gritou Jhony, que correu atrás do seu mais novo bichinho de estimação. Seu primo, Jordan, foi atrás enquanto ria e se divertia com a situação. Mesmo com o clima nada agradável após o ataque de raiva do felino, Claire tentou amenizar a situação.

- Nina, por favor, vai atrás do Jhony e limpa aquele arranhão com álcool. Amanhã vou levar aquele gato para vacinar.

- Sim, senhora! – respondeu Nina.

Anthony apaga as velinhas que ficaram acesas e abre a geladeira, pegando uma cerveja.

- Então, vamos começar? A noite é uma criança não é mesmo? – Ele liga o computador e coloca uma música mais animada para tocar em sua caixa de som via Bluetooth, com o intuito de animar a festa.

-Não vejo problema! - disse Otto - Me passa uma cerveja aqui!

Enquanto Anthony e Otto bebiam, Tommy se manteve a festa inteira mexendo no celular, colocou um fone de ouvido e se retirou em direção ao quarto, passando despercebido. Claire pega duas garrafas de cerveja e oferece uma a sua irmã, que imediatamente recusa.

- Às vezes esqueço que você não consome bebidas alcoólicas - risos.

- Hm, desse mal eu não vou morrer! - respondeu Annie, rispidamente.

-Pelo visto, pode morrer de outros! – rebateu Claire, com ironia.

- Vou fingir que não entendi o que você quis dizer, sempre com essa sua ingratidão e falta de respeito.

- Como é? – indagou Claire.

- Claire, seja honesta consigo mesma. Querendo ou não, você sempre foi à preferida de mamãe e do papai, sempre teve mais razão, sempre foi a mais bonita... Eu perdi toda minha vida sendo obrigada a cuidar de você e é com esse comportamento que você me agradece?

- Espere, eu não te obriguei a carregar este fardo, você foi a babá por que queria se sentir útil ao papai, não venha descontar suas frustrações em mim. Se tiver que culpar alguém, culpe papai, culpe mamãe!

- Eles não estão mais entre nós, dedicaram todo o sangue e suor para você se tornar quem é hoje em dia, espero que lide com isso.

- Sinceramente, não vou mais discutir, hoje é aniversário do meu único filho, espero que não faça questão de estragar esse momento. Com licença!

Claire segue em direção ao seu marido e cunhado, que estavam se divertindo enquanto Annie se enchia de suas amarguras pessoais. Mas antes que pudesse se distanciar e seguir com a festa, sua irmã mais velha, sussurra em baixo tom:

- Ao menos, sei criar os meus filhos – e se retira da festa, indo em direção a sala de estar.

Optando pelo status de boa anfitriã, Claire resolveu ignorar as provocações da irmã.

É HORA DE DORMIR

Tommy Williams é o filho mais velho de Annie e Otto Williams, sobrinho de Claire, e primo de Jhony. Desde que entrou na pré-adolescência, tornou-se um rapaz quieto e pouco interativo, isso se deve a sua rígida criação. Mesmo passando pouco tempo em casa, Otto Williams exigia que seus dois filhos homens tivessem firmeza e virilidade para protegerem suas famílias, diferente de Anthony, que possui uma visão mais ampla da concepção de ser um homem e nunca reprimiu os sentimentos e as emoções de Jhony.

O pai de Tommy ostenta uma mentalidade mais retrógrada, criado em uma família do interior, sem muita instrução, aprendeu com seus pais e seus avôs que o papel de um homem é ser forte para proteger sua família e prover o que for possível para todos. Começou a trabalhar desde cedo, não teve a oportunidade de estudar e enxergar o mundo com outras possibilidades. Anos depois, casou-se com Annie e a engravidou. Tommy nunca teve a oportunidade de se expressar como queria, anos de repressão fizeram com que, aos 23 anos de idade, começasse a entender a vida através do seu ingresso na universidade. No entanto, esse começo tardio trouxe algumas

consequências.

Carente de afeto, Tommy só era capaz de se relacionar com outros rapazes através dos aplicativos de encontros, onde passava a maior parte do dia acessando e trocando fotos íntimas com outros rapazes. Encontros eram marcados, os quais por muitas vezes eram desastrosos e não preenchiam o vazio que existia em sua vida.

Aproveitando que todos estavam na festa e que o quarto de visitas estava vazio, Tommy viu a situação como uma oportunidade para responder um rapaz, cujo o apelido no aplicativo era “A-23”. Durante a conversa que eles estavam tendo, o rapaz lhe enviou algumas fotos íntimas e o garoto resolveu retribuir. Tommy se posicionou com a câmera frontal, e quando estava prestes a retirar a foto, foi surpreendido por risadas do seu pai e de Anthony que se aproximavam do quarto. Rapidamente, se envolveu no cobertor e escondeu o celular.

A festa tinha acabado e seu pai entrou no quarto, bêbado, despencando na cama. Anthony e Claire seguiram em direção ao quarto do casal. Quase pego de surpresa, Tommy recebe outra mensagem de A-23.

- Cadê?

Tommy silencia o aparelho e ignora a mensagem, e percebendo que seria impossível retribuir o favor, resolveu dormir.

Antes de atingir seu sono, Jordan estava no corredor brincando com o gato, até que resolveu pegar o bichano pelas patas traseiras e começar a girar rapidamente até jogá-lo na parede, o gato reage à dor com miados de desespero. Jhony, ao escutar o barulho no outro lado do corredor, avança em direção a Jordan, socando-o no rosto, que respondeu dando risada com a mão em seu rosto.

Enquanto Jhony acariciava o seu gatinho, tentando acalmá-lo, seu primo o provocava diversas vezes dizendo que iria matar o gato quando tivesse oportunidade. Nina, a empregada e babá, surge e leva ambos para seus respectivos quartos. Jhony carregou seu pet para a cama, iria dormir pela primeira vez com o seu novo amigo.

Somente uma pessoa resolveu não adormecer nesta noite. Annie Williams foi a única entre os adultos a não se alcoolizar e nem sequer se divertir, resolveu sentar na sala de estar e assistir televisão durante toda a madrugada. Ela observava cada móvel na casa da sua irmã, as marcas dos

eletrodomésticos, as cortinas da sala, a cor do piso, o modelo das mesas e das cadeiras, o sofá, procurava alguma coisa que pudesse ser usada contra Claire. O sentimento de inferioridade e insegurança em relação irmã alimentava as suas andanças pela sala durante a madrugada.

Até que Annie resolve ir à cozinha. Aquela, com o piso xadrez e eletrodomésticos de última geração.

Annie resolve então comer o último pedaço do bolo de aniversário que sobrou.

Lembranças da amargura

Annie entrou na cozinha e seguiu em direção ao bolo, que estava em cima do balcão. Para poder notar a presença de algum de seus familiares, que por ventura viessem a despertar no meio da noite, deixou a porta da cozinha entreaberta e desligou uma das duas luzes, deixando o cômodo com meia iluminação. Caminhou em passos leves, cortou um pedaço do bolo de aniversário e sentou-se à mesa. Enquanto devorava a sobremesa – que recusou de início, para afrontar sua irmã – ligou a cafeteira, retirou o celular do bolso, pôs no modo silencioso e fotografou cada detalhe da cozinha dos Walters, enquanto esperava o café ficar pronto.

Annie atravessou a cozinha e seguiu em direção a sala de estar, quando esbarrou no gato de Jhony, que saiu da cama de seu dono e ficava perambulando pela casa durante a madrugada. Com o susto, chutou com força o animal para afastá-lo, mas antes que o gato pudesse completar seu miado, que consequentemente denunciaria sua insônia, Annie o puxou para seu colo e começou a acariciá-lo.

- Pss... Calma, gatinho... Calma, gatinho...

Assim que o gato se acalmou, Annie o pôs no chão e seguiu seu trajeto em direção ao corredor, espiou cada um dos quartos. Primeiro o quarto de visitas, onde estavam seu marido e os dois filhos; depois o quarto de Jhony, que estava dormindo; em seguida o quarto de empregada, onde Nina descansava, e por último o quarto de sua irmã, trancado. Annie, ao tentar minuciosamente abrir a maçaneta para espiar, escutou alguns gemidos contidos e, ao desconfiar do que se tratava, recuou dando meia volta pelo corredor.

Annie voltou para a cozinha e percebeu que a cafeteira estava desligada, alguém tinha puxado a tomada.

- Tem alguém aí? – disse sussurrando e levemente arrepiada.

Estava com medo de ser pega xeretando a casa da irmã. Pensou, por algum

motivo, que tivesse sido o Jordan ou o Jhony, mas ambos estavam dormindo. Independentemente de quem fosse, já havia retornado ao quarto, visto que a cozinha estava vazia. Encostou a porta e foi em direção ao bolo mais uma vez, comendo o último pedaço.

A porta estava encostada e se abriu lentamente, assustando Annie.

- Quem está aí? – reagiu ela, um pouco mais tensa do que antes. – Jordan, se for algumas de suas brincadeiras, apareça ou vai apanhar, seu moleque!

Após algumas voltas pelo cômodo, percebeu que ninguém estava presente e mais uma vez se acalmou.

- Ninguém está aqui, deve ter sido o vento, vou fechar a porta.

Annie trancou a porta da cozinha para não se assustar com qualquer tipo de surpresa novamente, em seguida, religou a cafeteira.

Sugestão do autor: reproduza a música tema da peça “O Quebra-Nozes” durante a leitura da cena.

De volta à narração de Andrew:

O café ficou pronto, enquanto Annie pegava sua xícara, a caixa de som de Anthony, que estava em cima do balcão, se ligou sozinha e começou a tocar a “Dança das Flautas de Reed” de O Quebra-Nozes - de Tchaikovsky - no volume máximo. Annie se desesperou, tentou desligar a caixa por diversas vezes, não obteve êxito em nenhuma delas. Jogou o aparelho no chão para que parasse de tocar, que mesmo quebrado permaneceu reproduzindo a música, aumentando gradativamente a extensão do volume. O som a causava pânico e tensão, que estava receosa que sua irmã ou qualquer outra pessoa da casa pudesse acordar com o barulho.

- Quem está aqui? Desligue esse som agora! - gritou, em prantos.

Enquanto o volume aumentava, uma das gavetas do armário que guardava

os talheres desabou no chão, espalhando garfos, facas e colheres por todo o piso, a porta da cozinha se fechou e se trancou com força. Annie correu apavorada e tentou abrir a porta, alguém tinha pego as chaves que estavam em cima do balcão, ela percebeu então que estava presa no cômodo e que não conseguiria sair. Debruçou-se em frente à porta, ficando em posição fetal. Apavorada e em lágrimas, tinha a certeza de que alguém estava fazendo uma brincadeira de muito mal gosto, e, por incrível que pareça, absolutamente ninguém da casa estava escutando o barulho.

A música do quebra-nozes entrou em modo repetição, todas as janelas da cozinha estavam fechadas e possuíam grades. O som circulava somente naquele cômodo - Annie gritava por socorro, mas sua voz ficou abafada por conta do volume da música.

Ela tentou destruir a caixa de som novamente, chutando-a, mas a música não parava de tocar. De repente, todas as gavetas do enorme armário de cozinha da casa dos Walters caíram no chão, derrubando os talheres guardados, pratos de porcelana e copos. A sensação de claustrofobia e pânico tomou conta de Annie, que permanecia jogada no chão. A única luz da cozinha que estava acesa se apagou. Tudo ficou escuro, o volume da música diminuía gradativamente, mas continuava.

Suspiros... E mais suspiros... Annie se agonizava no chão, não conseguia enxergar mais nada, tudo estava um breu, queria ir embora, mas não conseguia. A porta estava trancada, a cozinha bagunçada, não encontrava as chaves, e se isso se tratava de uma brincadeira de algum dos garotos, foi muito bem elaborada, ninguém além da própria estava presente na cozinha.

[Barulho do interruptor]

Ligaram a luz, mas dessa vez uma iluminação de cor avermelhada tomou conta do ambiente. O angorá branco, o mais novo pet do seu sobrinho, Jhony, apareceu em cima da mesa e começou a encará-la. Annie se assustou.

- O que você está fazendo aqui? Claire! Anthony! Otto!

Enquanto gritava o nome de cada um de seus familiares, buscando por socorro, o gato permaneceu a encarando e balançando a cabeça de um lado e para o outro, acompanhando a melodia da música, que aumentou o seu volume novamente. Quando Annie se aproximou do felino, recebeu um golpe de faca pelas costas, se debruçou e colidiu com o queixo na quina da mesa,

quebrando dois dentes e caindo de barriga para baixo - decaindo com seu rosto ao chão frio. Suas costas e sua boca sangravam enquanto o gato a observava, realizando os mesmos movimentos sinfônicos com sua pequena cabeça felina: a criatura parecia hipnotizada pelo sofrimento e angústia de Annie, que agonizava de dor.

- A alguém me ajude, POR FAVOR!

Annie se vira e percebe passos em direção à sua frente; eram da sua irmã, Claire, a pessoa que a esfaqueou.

- Então... É você! - Apavorada e raivosa, Annie encara sua irmã de frente e tenta se levantar para se defender, mas é esfaqueada novamente, dessa vez no peito esquerdo. Claire estava com os olhos avermelhados, de coloração escarlate, carregando um semblante sádico no rosto. Friamente, ela profere algumas palavras a sua irmã, que estava prestes a morrer.

- Eu sempre serei melhor que você, sabe disso! Querida irmãzinha, nossos pais investiram em mim porque acreditavam que, diferente de você, eu teria algum futuro pela frente. Agora você está aqui, prestes a morrer, isso depois de observar cada cômodo da minha casa; cada eletrodoméstico caro que pude comprar com o meu salário; artefatos que você não tem em sua casa e tanto desejou; um marido que me faz feliz e transa sempre comigo; um filho que me ama e é comunicativo... O que você deseja antes de morrer?

Annie estava apavorada. Não conseguia acreditar que estava prestes a ser morta pela própria irmã, seu peito não parava de sangrar. Sem muitas forças, expressou suas últimas palavras.

- Vai pro inferno!

Claire cortou a jugular de Annie, fazendo o sangue espirrar em seu rosto. Em seguida, desferiu em torno de vinte golpes letais de faca por todo o corpo de sua irmã, variando entre o peito, a barriga, o rosto e o pescoço. À cada golpe, sorria com os gritos de dor advindos de sua irmã. Annie faleceu.

[a música parou de tocar]

O gato se movimentou em direção ao corpo da vítima, que estava mergulhado de maneira quase que imersa em uma poça de sangue. Usando a

ponta da lâmina, Claire desenhou o número 6 na testa da sua irmã, arrastou o corpo para o centro da cozinha e começou a cortar o pescoço para remover a cabeça.

Claire acorda aos gritos, suada, estava em sua na cama e tudo não passou de um terrível pesadelo, não conseguia acreditar que estava assassinando sua irmã, nem mesmo em seus sonhos. Por mais que a relação entre as duas não seja e nunca fosse muito harmoniosa, jamais pensaria em matá-la. O grito desperta o seu marido, Anthony, que estava sonolento e com uma leve ressaca.

- Meu bem, o que aconteceu? – perguntou Anthony, com sono e olhos cerrados.

- Nada, tive um sonho estranho com a Annie... – respondeu, ainda meio desnorteada.

- Vocês discutiram ontem?

- Mais ou menos, mas não foi nada demais, encerrei logo o assunto.

- Imagino... É bom que esteja tentando lidar ao máximo com a situação de vocês, pelo Jhony.

- Sim, é nele que mais penso antes de levar adiante qualquer discussão com minha irmã, nele e nas outras crianças.

- Falando nele, será que já escolheu o nome daquele gato? – questionou Anthony, fugindo de assunto.

- Não sei, vou perguntar para ele daqui a pouco.

- Por favor, que seja mais tarde, hoje é domingo e também estou a fim de dormir mais um pouco. Tenta tirar uma soneca novamente, meu bem - risos.

- Nem consigo dormir mais depois dessa, desde a morte do Oman tenho tido esses pesadelos estranhos, quase que sobrenaturais... Não quero saber de sonhar por umas boas horas.

- Hm, precisa parar de assistir filmes de terror! - riu, Anthony, que se deitou novamente.

- Nem sou muito fã desse gênero.

Prestes a se levantar, a empregada, Nina, bate na porta desesperadamente, gritando:

- Claire! Claire! Pelo amor de Deus abra essa porta.

- Entre! O que houve?

Nina abre a porta e, aos prantos, avisa aos seus patrões que encontrou Annie na cozinha, morta.

Claire se desesperou, tinha acabado de sonhar que assassinou a própria irmã, cada detalhe de seu sonho era transmitido em sua mente, enquanto ela e Anthony corriam pelo corredor em direção à cozinha. Chegando próximo ao cômodo, encontraram Jordan e Tommy chorando no chão, pequenas poças de sangue formavam uma trilha em direção à porta da cozinha. De longe, era possível escutar os gritos de pânico e tristeza vindo de Otto, que lentamente, com o coração acelerado, se aproximou da cena.

Otto estava segurando o corpo de sua esposa, que pingava sangue e teve suas vestes rasgadas. Annie trajava um vestido longo e florido na madrugada de sua morte, seu corpo havia sido esfaqueado diversas vezes, assim como no sonho de Claire, alimentando a sensação de pânico e angústia que sentiu após se aperceber do fato. Otto sequer falava, segurava o corpo de sua esposa morta e o abraçava fortemente. Devido à força na qual Otto se debruçava sobre o corpo, o corte profundo no pescoço de Annie se abriu até que a cabeça caísse e rolasse em direção ao pé de Claire, que gritou apavorada.

- Precisamos ligar para a polícia, urgente! - disse Anthony, apavorado.
- Cadê o Jhony? -perguntou Claire, em prantos.
- Está dormindo! - respondeu Nina - não tive coragem de acordá-lo.

Enquanto Anthony telefonava para a polícia, Nina tentou acalmar Otto, pedindo para que ele se afastasse do corpo da esposa para não se manchar ainda mais de sangue, e que logo os policiais iriam chegar para que realizassem uma investigação. Claire estava estática e em prantos, não conseguia parar de correlacionar o seu sonho com o acontecido. O bolo, assim como no sonho, tinha sido comido pela sua irmã, a cafeteira foi utilizada e havia um copo de café pela metade ao lado, a única diferença é que toda a cozinha estava arrumada. Não haviam sinais de luta, nenhuma gaveta estava no chão e a caixa de som estava intacta no balcão. O gato de Jhony também não estava por perto no momento.

INVESTIGAÇÃO

Jhony corria pelo corredor com o gato no colo.

- Mamãe! Mamãe! Eu descobri o nome dele! - gritava.

Claire imediatamente correu em direção ao seu filho.

-Agora não, meu amor, vai para o quarto - disse, impedindo que Jhony atravessasse o corredor em direção a cozinha.

-O nome dele é Bobby! O que achou?

- Espere, meu bem, não é o momento agora... - Claire interrompeu sua fala ao observar as patas de Bobby, que estavam manchadas de sangue. Mesmo que por um momento de delírio, imaginou que aquele gato tinha algo a ver com a situação, mas sua racionalidade a impediu de pensar em uma situação tão fantasiosa como esta; concluiu que a criatura perambulou pela cozinha depois do crime e manchou as patas de sangue.

- Leve-o para o banheiro, ele está sujo, vai lá meu filho!

- Aconteceu alguma coisa? - desconfiou Jhony.

- Eu vou matar esse gato, ele matou minha mãe! - gritou Jordan, em desespero, avançando em direção a Jhony e Bobby.

Tommy segurou seu irmão, o impedindo de avançar em direção ao seu primo.

- Pare com isso, Jordan! - exclamou - Seja quem for o desgraçado que invadiu a casa e matou nossa mãe, a polícia vai descobrir.

- A tia Annie morreu, mãe? - perguntou Jhony, confuso.

-Vamos meu filho, depois eu te explico. O ambiente não está propício para você agora.

Claire leva Jhony para o quarto, junto com seu gato.

- Dê um banho nele aqui na suíte, só volte quando te chamar, tudo bem?

- Tudo bem, mamãe! - respondeu Jhony, obediente, porém um pouco desconfiado e incomodado com o estado de pânico de sua mãe.

Em poucos minutos, a polícia chegou à casa dos Walters junto com a perícia criminal, comandada pelo detetive Roman Yamada. Os policiais isolaram a cena do crime, permitindo apenas que os peritos permanecessem no local.

- Acredito que vocês vão ter um trabalho a mais na investigação, a cena foi corrompida. O marido, Otto, está muito abalado, ele agarrou o corpo da esposa momentos antes de ligarmos pra polícia. - respondeu Anthony.

-Sim, vamos precisar da coleta de amostras de DNA de todos os membros aqui da casa para levar ao laboratório. Por enquanto, todos aqui são suspeitos em potencial - disse o Detetive Roman.

Anthony e Claire se assustam, e Anthony reage:

-Nós?! Suspeitos?!

- Não há sinais de arrombamento ou escalagem em nenhum local da casa – responde Roman com firmeza - seja quem for que cometeu este crime, já estava dentro da residência ou teve acesso livre. Todos são suspeitos aqui até que se prove o contrário. Enquanto isso, levaremos o corpo para que a autópsia seja realizada.

- Mas...

Antes de Anthony pudesse indagar mais alguma coisa, Claire o interrompe.

- Tudo bem senhor, vamos colaborar o máximo possível com a investigação. Eu tenho a certeza que ninguém aqui seria capaz de tal ato.

- Certo. Tem mais alguém por aqui?

- Só o meu filho de treze anos, Jhony, ele está no quarto. Tentei preservá-lo do cenário todo, ainda é uma criança.

Otto avança de forma agressiva a Roman e o confronta, o segurando pela gola de sua farda.

- Escute aqui seu filho de uma mãe, como ousa desconfiar de mim e dos meus filhos! - exclamou.

Seus olhos estavam enfurecidos de raiva e tristeza, ele jamais aceitaria ser suspeito de assassinar sua própria esposa.

- É por questões de investigação, senhor. Entendo perfeitamente a sua perda, mas caso o senhor insistir em continuar com esse tipo de comportamento, será necessário levá-lo à delegacia.

- Filho da Puta! Desgraçado! - Otto grita e ameaça o detetive com um soco,

mas é detido e imobilizado pela força policial.

- Acalmem-se, por favor! - implorou Claire.

- Chega! Levem todos dessa casa para a delegacia urgentemente, a perícia irá realizar as investigações cabíveis com todos vocês - ordenou Yamada.

A perícia levou o corpo e a cabeça de Annie para o laboratório de necropsia, enquanto Claire, Anthony, Otto e todos os demais eram encaminhados para a delegacia, para análise e depoimentos. Jhony pergunta a sua mãe se pode levar Bobby, Claire nega o pedido, mas ao observar as manchas de sangue nas patas do felino, o detetive Roman intervém e diz que não há problema.

- Poderá ser necessário! – afirmou.

Na delegacia, amostras de DNA de todos os presentes na cena do crime são coletadas e enviadas para o laboratório.

Depois de horas de análises, os suspeitos foram chamados para depor um por um. Roman recebeu um relatório do laboratório demonstrando as especificidades do modelo da faca utilizada no crime através de análises dos cortes, e a hora da morte.

SALA DE INTERROGATÓRIO

DEPOIMENTO: ANTHONY WALTER

O primeiro a prestar seu depoimento foi Anthony Walter.

Roman:

- Onde esteve à meia noite e quarenta e cinco minutos da madrugada do dia vinte e quatro de abril, Sr. Anthony Walter?

- Bom, eu estava dormindo junto com a Claire. Algumas horas antes aconteceu a festa de aniversário do nosso filho. Eu, Claire e Otto bebemos algumas garrafas de cerveja, a Annie recusou e foi para a sala. Depois disso, lembro de pouca coisa, só de ir para o quarto e dormir.

- A Claire foi dormir junto com você?

- Sim, dormimos juntos nessa noite, por quê?

- E o seu filho, Jhony?

Anthony pegou um pouco de ar ao escutar o nome do seu filho de treze

anos durante o interrogatório, ao inspirar mais um pouco, respondeu:

- Dormiu alguns minutos antes com o gato. Mas qual o motivo dessa pergunta? Jhony é uma criança.

- Acalme-se Sr. Walter, são perguntas feitas para que o momento do assassinato fique claro durante a investigação.

- Tudo bem! – Anthony se acalmou.

- O senhor, por acaso, detém posse desse tipo de arma branca em seus pertences?

O detetive Roman Yamada pôs em cima da mesa uma fotografia ilustrativa de uma faca full tang de doze polegadas, 15,7 cm de comprimento de lâmina e peso de 300 gramas. Essa é a arma que foi utilizada para golpear Annie mais de vinte vezes e, em seguida, criar uma fissura em seu pescoço de uma superfície até a outra, quase deixando a cabeça fora do corpo.

- Não! - respondeu Anthony - Não há nada desse tipo em minha casa. Nem eu e nem a Claire temos o hábito de colecionar esse tipo de objeto ou veríamos serventia para isso.

- Desenharam com a lâmina o número seis na testa da vítima, consegue deduzir do que se trata?

- Não faço ideia, sinceramente.

- Certo! – Roman continuou após uma pequena pausa - Não foi encontrado esse tipo de arma branca na cena do crime. Conseguimos apreender algumas facas que estavam nas gavetas da cozinha, mas nenhuma bateu com o tipo de corte observado no corpo da vítima.

- Então, podemos supor que ninguém da casa foi responsável por essa atrocidade - respondeu Anthony.

- Ainda é cedo para fazer qualquer tipo de afirmação, Sr. Walter. Na sua casa mora apenas o senhor, a sua esposa e seu filho?

- Sim, a família da minha falecida cunhada mora em outra cidade. Chegaram aqui ontem de manhã para o aniversário do meu filho.

- Certo, você percebeu algo estranho acontecendo durante a festa? Entre ela e o marido, ou em relação à irmã para com... Sua esposa? - Roman pergunta com ar de suspeitas - Você acha que algo possa ter desencadeado isso?

- Sinceramente detetive, se está desconfiando da minha mulher e acha que

vai tirar alguma coisa de mim para incriminá-la, não vai adiantar. A Claire não é assassina! Nem ela e nem qualquer pessoa da minha família! – disse Anthony, com afinco.

- Certo Sr. Walter, está liberado.

Antes de sair da sala de interrogatório, Anthony diz:

- Na minha casa tem câmera de vigilância, inclusive em alguns cômodos internos da casa. Existe uma câmera na cozinha, pode pedir um mandado de busca para investigá-las, se quiser, e verá que ninguém da minha casa é culpado.

Após o recado, ele se retira e fecha a porta.

SALA DE INTERROGATÓRIO

DEPOIMENTO: TOMMY WILLIAMS

Tommy Williams, filho primogênito de Annie Williams, é o próximo a ser interrogado. O garoto se sentou à mesa e sequer encarou o detetive, pegou seu celular, colocou um dos fones e ficou mexendo. Roman, analisando o comportamento apático do garoto, pergunta.

- Sr. Williams, Onde esteve à meia noite e quarenta e cinco minutos da madrugada do dia vinte e quatro de abril?

Tommy não responde, desdenhava do detetive, mirava para a tela do celular enquanto que, em um dos seus fones, era possível escutar o barulho da música de tão alto que estava o volume.

- Senhor Williams?

Roman rispidamente retirou o fone do ouvido de Tommy, pôs o celular do garoto de tela para baixo na mesa e repetiu a pergunta.

- Onde esteve às meia noite e quarenta e cinco minutos da madrugada do dia vinte e quatro de abril, Sr. Tommy Williams?

Tommy suspira e responde.

- Estava dormindo

Roman repara no comportamento de Tommy após parar de mexer no celular. Estava inquieto, batendo os dedos levemente na mesa e tremendo, um comportamento típico de quem sofria de crises de ansiedade ou abstinência.

- Dormiu cedo para um jovem da sua idade, não saiu para curtir nenhuma festa?

- Não tenho sido muito de aproveitar festas.

Roman encara o celular do jovem que estava em sua frente e indaga:

- Sabe que se não quiser conversar comigo sobre o que terrivelmente aconteceu com sua mãe, não tem o menor problema. Posso conseguir mais informações através do seu celular mesmo!

- Se realmente acha que matei minha própria mãe, pode olhar minha última conversa no celular pelo aplicativo de mensagens. – respondeu Tommy, com certo receio.

Roman analisou a última troca de mensagens do rapaz pelo telefone, que marcava às 23h43min. Conversava com outro rapaz, não era o A-23 do aplicativo, mas também se tratava de um lance amoroso. Ao reparar em alguns detalhes da conversa rapidamente, Roman pergunta.

- Sua mãe sabia a respeito da sua sexualidade?

- Não, ela era super religiosa, meu pai é conservador, por isso não converso muito com eles – respondeu, coagido, precisava dizer qualquer coisa naquele momento.

- Certo - Já teve algum problema com eles, principalmente com sua mãe, em relação a isso?

- Não o suficiente para matá-la. Eu amava minha mãe, independentemente de qualquer coisa.

- E seu pai?

- Não conversamos muito, ele é caminhoneiro, raramente fica em casa. De qualquer forma, nunca tivemos uma briga a respeito dessa situação.

- Entendo, Tommy... Você notou algum comportamento estranho de alguma pessoa presente na casa em relação a sua mãe?

- Minha mãe e a tia Claire sempre brigavam, mas nunca foi nada demais. Gosto muito da minha tia, nunca desconfiaria dela.

- E a relação entre seus pais?
- Nunca reparei muito nisso, desculpa.

Roman se espreguiçou levemente na poltrona e retirou de sua pasta a ilustração da mesma faca que mostrou a Anthony.

- Já viu esse objeto na casa de seus pais ou na residência de seus tios?
- Hum... Não, nunca vi. - respondeu, após pensar um pouco
- Certo Sr. Williams, está liberado.
- Uma coisa, detetive...
- Sim?
- Você vai contar sobre minha sexualidade para o meu pai?

Roman encarou Tommy por alguns segundos, abaixou a cabeça e deduziu que a situação para o garoto seria delicada.

- Não, pode ficar tranquilo.
- Muito obrigado, detetive - agradeceu, esboçando um leve sorriso de alívio no rosto.

Tommy colocou os dois fones em seu ouvido, aumentou o volume da música e se retirou da sala de interrogatório. Roman chamou um agente que o acompanhava durante a investigação e pediu a solicitação de um mandado de busca para a casa dos Walters, em busca da arma do crime e das imagens das câmeras de segurança.

SALA DE INTERROGATÓRIO

DEPOIMENTO: OTTO WILLIAMS

Otto Williams é o próximo. O marido da vítima ainda não aceitava ser listado como suspeito. Para o grandalhão orgulhoso, a justiça jamais deveria desconfiar de um pai de família. Otto achava que Roman iria o incriminar de qualquer forma, talvez por rancor, principalmente depois de quase levar um soco no rosto.

- Está mais calmo senhor Williams?
- O que acha? - Ironizou Otto.

- Certo - Onde esteve por volta da meia noite e quarenta e cinco minutos da madrugada do dia vinte e quatro de abril, Sr. Otto Williams?

- Acho um absurdo ter que responder esse tipo de pergunta - indagou.

- Poderia simplesmente responder à pergunta, Sr. Williams?

- Certo... Fui dormir. Bebi bastante com o Sr. Walter durante a comemoração do aniversário do meu sobrinho. Minha cunhada colocou as crianças para dormir, Annie saiu da festa pouco depois de discutir com Claire e ficou na sala após todos dormirem. Ela estava sem sono, essa foi à última vez que vi minha esposa.

- Conseguiu captar algum detalhe da discussão entre Claire e sua esposa?

- Não... O som estava bem alto e eu conversava com o Anthony, mas parecia algo banal. É de costume elas trocarem farpas, desde pequenas, segundo o que a própria Annie falava. Mas nunca sentiram raiva uma da outra para chegar a esse ponto.

- Entendi, o senhor chega a desconfiar de alguém? Da senhorita Claire, por exemplo? Ou da empregada?

- Nunca, tenho certeza que foi alguém fora da casa que invadiu e a matou, não sei por que razão, mas tenho certeza que vou pegar esse desgraçado e a justiça será feita.

- Sim, será, senhor Williams... Aliás, por acaso o senhor ou alguém da sua família detém posse desse objeto aqui? - diz, exibindo a ilustração da arma identificada no crime.

- Não, nunca vi, eu mexo com diversos tipos de ferramentas e viajo para vários locais do país dirigindo caminhão, se tivesse visto algo do tipo em minha casa ou na casa dos Walters, iria reconhecer.

- Certo, esse foi o modelo de faca utilizado para assassinar a sua esposa, seja quem for que a matou, portava esta arma. Mas não foi encontrada na cena do crime, a conclusão veio através da análise dos cortes pelo laboratório forense. Caso encontremos a arma, podemos achar o assassino através de um exame.

- Hm, que façam isso logo!

- Mais uma pergunta, você conhece alguém em Waterfall ou do seu município que por acaso teria alguma coisa contra a sua esposa?

- Não, ela era uma mulher bastante querida, frequentava a igreja, tinha amigos, fazia boas ações, sem contar que aqui em Waterfall ela não era muito conhecida. Claire conhece mais pessoas por aqui.

- Então, acredita que poderia ser algo feito para atingir a Claire?

- Não sei, conheço pouco da vida dela por aqui, isso vocês terão que descobrir.

- Certo, está liberado por enquanto Sr. Williams, meus pêsames.

Otto se retira da sala, apático, claramente abatido e sem mencionar uma palavra. Ele queria acreditar que aquela situação toda não passava de um prolongado pesadelo e se recusava a acreditar que sua esposa, com a qual conviveu por mais de vinte anos, teve a vida ceifada de uma forma tão cruel, e que além de tudo passou a ser suspeito do caso.

SALA DE INTERROGATÓRIO

DEPOIMENTO: JESSICA FERNANDEZ (NINA)

A próxima a ser interrogada foi a doméstica e cuidadora do pequeno Jhony, Jessica Fernandez. Ela trabalha em tempo integral na casa dos Walters.

- Boa tarde, Sra. Fernandez.

- Ah, pode me chamar de Nina.

- Trabalha há quanto tempo para os Walters?

- Desde que começaram a morar aqui, na casa da piscina, mais ou menos no início deste ano.

- Por onde estive na madrugada do dia vinte e quatro de abril, à meia noite e quarenta e cinco minutos?

- Levei o pequeno Jhony para deitar com o seu gatinho, e depois resolvi dormir porque teria que acordar cedo para arrumar a cozinha.

- Foi você que encontrou o corpo da Annie?

- Sim, tinha acabado de acordar. Me levantei para arrumar a cozinha que estava bagunçada, por causa da festa, e quando cheguei perto da porta vi algumas gotas de sangue. Fiquei um pouco assustada, mas continuei olhando até onde as gotas davam e quando cheguei perto e vi o corpo da Senhora Annie jogada no chão, perto da mesa, em cima de uma poça de sangue. Fiquei assustada e corri para avisar ao marido dela, o Sr. Otto, e aos meus patrões.

- Você percebeu alguma reação estranha por parte de alguns deles?

- Claro que não. Todos estavam abalados e sem entender o que havia acontecido, até o filho mais velho dela, o Tommy, que é meio sozinho, tinha

esquecido o celular.

- Você é da cidade, não é? Você saberia de alguém que teria algo contra a Annie ou contra a Claire?

- Não sei de nada moço, sei que a irmã da patroa não é daqui e não conhece ninguém além de seus parentes. Já a Claire conhece mais pessoas por causa da faculdade, mas até onde sei todos tem gosto pela patroa.

- Entendi. Você por acaso já viu esse tipo de faca na residência de seus patrões? – Roman mostra novamente a ilustração.

- Hum, não, olha que eu sei de tudo que tem naquela casa viu, arrumo tudo e nunca vi esse troço aí não. Nem na cozinha, nem nos quartos e nem em lugar nenhum.

- Certo, agradecido.

- Sr., já posso ir para casa?

- Por enquanto iremos continuar as investigações, todos são suspeitos até segunda ordem.

- Meu Deus, que coisa terrível! Estou liberada?

- Está sim.

- Ah, obrigada Sr. Vou lá tentar consolar todos lá fora, isso tudo é uma lástima.

- Sim é, pode ir.

Após Nina se retirar, Roman conversa com o outro agente envolvido no caso que o acompanhava dentro da sala de interrogatórios.

- Até agora, todos estavam dormindo minutos antes do crime, ninguém viu a arma, ninguém sabe de alguém que teria algo contra a vítima ou contra a sua irmã, todos parecem bem confusos e desorientados.

- Sim - respondeu o agente ao lado - Mas ainda temos mais uma, a irmã da vítima, a Claire.

- O senhor Walters tem certeza que estava dormindo junto de sua esposa, até sugeri que a polícia investigue através das câmeras de segurança da residência. Se a conversa com a senhora Claire der no mesmo, saberemos a resposta através das filmagens da câmera da cozinha.

-Iremos investigar as crianças, detetive Yamada?

-Acredito que não será necessário.

SALA DE INTERROGATÓRIO

DEPOIMENTO: CLAIRE WALTER

Claire foi a última a ser interrogada. Roman decidiu ignorar Jordan e Jhony por acreditar que o depoimento deles não seria relevante no momento. Em todos interrogatórios Claire foi citada, assim sendo, ela se tornou uma das principais suspeitas, mesmo levando em conta que, aparentemente, dormia junto do marido na noite anterior.

- Sra. Walter, sente-se, fique à vontade.
- Vou tentar, ainda estou um pouco atormentada.
- Soube que a senhora discutiu com sua irmã um pouco antes de sua morte, estou certo?
- Já começa com uma pergunta tão direta e íntima, detetive?

Roman suspira levemente

- Certo. Onde esteve à meia noite e quarenta e cinco minutos da madrugada de vinte e quatro de abril?

- Dormindo, com meu marido. Fiquei um pouco tonta devido às cervejas que tomei, e logo após o fim da festa fui me deitar junto com o Anthony, ele não te contou?

- Contou sim... Voltando às perguntas, você discutiu com sua irmã aquela noite?

- Sim, mas foi algo breve. Minha irmã sempre cuidou de mim, ela foi forçada a amadurecer muito cedo devido às condições de nossos pais. Desde então, ela me culpa por nunca ter feito faculdade e, de certo modo, por ter engravidado e se casado cedo, diferente de mim. Essa situação sempre gerou um atrito muito grande no convívio da família, ainda mais considerando nosso estilo de vida diferente. Ela gostava de criticar algumas coisas em mim e na forma de cuidar da minha família e da minha casa, mas nada que me fizesse querer matá-la. Eu a amava.

- Criticava? Que tipo de coisa, por exemplo?

Claire suspira brevemente.

- Então, sempre tive mais oportunidades que minha irmã, tenho que admitir: meus pais me ajudaram a concluir a faculdade, sempre gostei de

beber, namorar e sair com os amigos, coisas que a Annie nunca teve a oportunidade de fazer. Depois que se casou ela se tornou mais religiosa, nosso estilo de vida era bem antagônico.

- Entendo, você conhece alguma pessoa da sua cidade natal ou de Waterfall que teria algo contra a sua irmã?

- Para ser sincera, não, principalmente aqui em Waterfall. Ela não conhece ninguém aqui.

- Como estão seus pais?

- Mortos, detetive.

- Meus pêssames.

- Não precisa, faz bastante tempo que faleceram.

- Certo, e sabe de alguém em Waterfall que teria algo contra você?

- Ao ponto de matar minha irmã? Não!

- E a ponto de fazer outro tipo de coisa? Como você conheceu a cidade? Por que decidiu morar aqui?

- Eu fui contratada pela universidade, sou professora e fiz meu projeto de doutorado aqui na cidade em 2005. Sou da área de nutrição, enquanto estive por aqui, naquela época, conheci algumas pessoas, principalmente jovens, mas não fiz inimizade alguma até onde eu sei. Comecei a morar de fato na cidade neste ano quando comecei a dar aulas, conheço poucas pessoas e as poucas que conheço são da universidade.

- Tem contato com as pessoas que você conheceu alguns anos atrás, aqui na cidade?

- Não. Acho que me lembro de poucas pessoas.

- Senhora W...

- Pode me chamar de Claire, por favor?

- Certo Claire, você já viu em sua casa este modelo de faca? – Roman mostra novamente a ilustração da faca.

Ao observar a ilustração, Claire começa a sofrer alguns insights do sonho em que assassinou sua irmã. Nele, utilizou a mesma faca da imagem mostrada pelo detetive. A coincidência alimentou a angústia e pânico em Claire, que por diversas vezes refletia durante o devaneio: “Será que fui eu?”, “Como foi que isso aconteceu?”, “Não, não pode ser... Eu nunca seria capaz de...”. A professora suava frio e tremia enquanto devaneava por alguns segundos, o detetive a encarava tentando entender o que estava se passando pela cabeça da suspeita.

- Claire?
- Oi, me desculpe, me desliguei um pouco. Aconteceu muita coisa e estou com a cabeça cheia, acabei de perder minha irmã!
- Você não respondeu minha última pergunta, você por acaso já viu esse tipo de faca em algum lugar da sua casa?
- Não, nunca vi. Nem eu e nem meu marido gostamos de colecionar itens do tipo, desculpe... Por acaso, vocês encontraram essa faca na cena do crime?
- Não, mas vamos solicitar um mandado de busca pela sua casa para investigar, procurar a arma do crime e averiguar a filmagem das câmeras de segurança.
- Desenharam com a lâmina o número seis na testa da sua irmã, consegue deduzir do que se trata?

Claire se recorda do momento exato do sonho em que desenhava no rosto de sua irmã o número seis, utilizando a mesma lâmina. Ela ficou angustiada mais uma vez, porém respirou um pouco e respondeu.

- Sinceramente, não sei do que se trata – respondeu Claire - Na cozinha tem uma câmera de segurança, no corredor e nas partes externas da casa. Fiquem à vontade para investigar, tenho certeza que ninguém da casa cometeu essa atrocidade contra minha irmã.

- Mais uma coisa, o marido dela, o senhor Otto, parece bem agressivo. Sabe de alguma coisa na relação dos dois que possa ter desencadeado ou contribuído com algo do tipo?

- Me desculpe, não me intrometo na relação dos dois. Não faz meu perfil vigiar a vida da minha irmã.

- E o filho dela, o Tommy, parece um rapaz calado e misterioso. Saberá me dizer como é a relação entre os dois?

- Tommy é um bom rapaz, ele é quieto daquela maneira por motivos pessoais, nada que seja relevante. Ele é universitário, inteligente, trabalhador e amava a mãe.

- Certo, está liberada Claire. Mas infelizmente, até as investigações dentro de sua casa terminarem, você e sua família não poderão voltar para a sua residência durante alguns dias, isto até segunda ordem. Iremos providenciar um local para alojar a todos, está aqui o endereço.

- Quando irão liberar o corpo para o velório?

- Assim que a autópsia for totalmente concluída.

- Certo.

Abalada, Claire se retira da sala de interrogatório e, ao abrir a porta, visualiza o seu filho Jhony com Bobby no colo. Encarou o gato e, por uma fração de segundos, achou que os olhos dele ficaram vermelhos, Jhony percebeu a reação estranha de sua mãe, e logo perguntou

-Mamãe? Aconteceu alguma coisa?

Olhando novamente para os olhos de Bobby, percebeu que eles estavam da cor normal, castanho claro, ficando mais aliviada. Novamente esteve devaneando, ficar próxima da criatura a deixava cada vez mais aflita, sem nenhum motivo aparente. Seus sonhos afetaram seus pensamentos, primeiro o sonho esquisito e sombrio com Oman, depois o pesadelo em que assassinou sua própria irmã. Em ambos, Bobby estava presente com o mesmo vermelho nos olhos. Claire também não se esqueceu do dia em que adotou Bobby, quando viu todos os outros animais doentes menos o gato.

De qualquer maneira, recusava-se a acreditar que se tratava de algo sobrenatural, uma espécie de maldição ou alguma coisa do tipo. “Essas coisas não existem” - Repetia para si mesma, na tentativa de tranquilizar seus pensamentos.

- Nada meu querido, vamos embora.

Um pouco depois que os Walters e os Williams se retiraram da delegacia, Roman ainda indagava a respeito dos interrogatórios. Apesar de ter se mudado recentemente, pesquisou por muito tempo a respeito de alguns crimes que ocorreram anos atrás em Waterfall. Roman abriu seu computador e navegou em pastas de crimes passados. Para ele, alguma coisa estava estranha, por mais que a investigação estivesse apenas no início reconhecia de algum lugar a assinatura do assassino. O agente Erick, nativo da cidade, estava ao seu lado em outra mesa.

- Agente?!

- Sim, detetive!

Roman pede que Erick se aproxime do computador para observar algumas fotos das vítimas de crimes que ocorreram na cidade em 2005.

- Conhece esse caso, Erick
- Sim, são as fotos de vítimas do “Destrinchador da Cachoeira”.
- Consegue identificar algo similar com o assassinato da Annie Williams?
- Similar... Deixe-me ver... Ah sim, - respondeu Erick, após analisar as fotos – uma das principais assinaturas do destrinchador da cachoeira era enumerar suas vítimas pela ordem dos crimes... Ele desenhava a numeração correspondente a vítima em suas testas, usando a lâmina de uma faca.
- Sim, e mais uma coisa, a faca que esse criminoso utilizou em seus crimes é do mesmo modelo que a faca usada para matar Annie Williams.
- Espere detetive, quer dizer que o Sr. está achando que o assassino é o Destrinchador? Esse cara foi encontrado morto em uma operação da polícia. Ele matou quatro pessoas, incluindo um policial aposentado, e depois cometeu suicídio.
- Eu sei, mas há quem desconfie de que a polícia pegou o cara errado e encerrou o caso.
- Não houve erros na investigação, Roman, isso é boato do povo dessa cidade. Ele morreu no dia em que a polícia encontrou seu esconderijo. Antes de se matar, marcou o número cinco na própria testa. Foi encontrado o DNA dele em todas as vítimas, na arma do crime e no...
- Eu sei! - interrompeu - Mas existe a possibilidade de que esse novo assassino esteja tentando continuar o legado do Destrinchador, ele marcou o número seis na testa da Annie, catalogando-a como a sexta vítima, então isso dá margem para a existência de outra pessoa na cena do crime.
- Pode ser, mas não descarta os familiares da vítima.
- Sim, esse caso já é conhecido e esse tipo de faca de colecionador pode ser encontrada na internet. Então, pode ser qualquer pessoa.
- Realmente.
- Por isso, vamos precisar investigar as câmeras de segurança externas e internas da casa dos Walters. Além de analisar se tem alguma outra câmera nos arredores da casa pertencentes aos vizinhos, elas podem ter captado alguma imagem do possível assassino na rua. Se é que o assassino já não estava dentro da casa... – comenta Roman, categórico - Só mais uma coisa, faça o possível para que a informação da imitação da assinatura do Destrinchador não chegue à mídia local. Eles são capazes de criar um circo em torno deste caso, atrapalhando a investigação e a vida daquelas pessoas. Não quero suspeitos acusados antes de alguém ter sido condenado, certo?
- Claro detetive, até agora nenhuma informação da investigação foi

liberada para a mídia local, tudo está sendo mantido em segredo de justiça.

- Por favor, se a mídia reviver essa história do “Destinchador da Cachoeira”, a população vai ficar alarmada e, conseqüentemente, termos sérios problemas com esta investigação.

Algumas horas depois...

Claire dirigiu em direção ao hotel em que a família ficaria hospedada até segunda ordem. Otto, Tommy, Jordan, Jhony e Bobby estavam no carro. A empregada, Nina, recebeu ordens expressas da polícia para ficar em sua casa e não foi encaminhada para o mesmo hotel em que a família estava. O clima estava carregado e ninguém se atrevia a quebrar o silêncio. Bobby não parava de miar, estava aparentemente com fome e roçava no pescoço de Jhony.

- Filho, por que você não colocou o Bobby na transportadora?

- Ele não gosta mãe, ele me falou.

- Meu querido, sua imaginação continua fértil mesmo depois dessa tragédia toda - risos - Mesmo que o Bobby não goste, é mais seguro para ele, estamos dirigindo. Fale com seu amiguinho que já vamos chegar ao hotel, para dar razão para ele.

-Tudo bem, mamãe!

Jhony abraçou Bobby e sussurrou em seu ouvido. Claire observou a cena pelo retrovisor central do automóvel.

- Mãe?

- Oi meu querido, alguma coisa?

- Bobby falou que a tia Annie era uma puta invejosa, e que mereceu o que teve.

...

Claire imediatamente parou o carro e olhou em direção a Jhony, ninguém ali presente estava conseguindo acreditar no que aquele menino de treze anos tinha acabado de dizer.

Crime em Waterfall, Juventude dos anos 2000

ESCONDE-ESCONDE

Retornando ao meu passado, naquele mesmo domingo em que meus pais viajaram, Peter não tinha aparecido em minha casa. Infelizmente, essa sorte não durou muito tempo. No dia seguinte, quando cheguei da escola, encontrei a porta destrancada. Somente uma pessoa tinha acesso às chaves naquela época, pensei em permanecer diversas vezes no lado de fora, até mesmo em dormir na rua, encarei aquela porta por quase uma hora sem saber o que fazer.

Imaginava que uma hora ou outra ele iria aparecer na porta e me convidar para entrar, me constrangendo na frente das pessoas que atravessavam o beco, mas isso não aconteceu. Esperei mais alguns minutos e uma música começou a tocar em um volume bem alto, era um pop rock, o tipo de música que estava estourando nas rádios daquela época, e eu adorava. Escutei de longe vozes de outras pessoas e algumas garrafas caindo no chão.

- Não é possível que esse miserável está fazendo uma festa aqui em casa.

Resolvi entrar. Encontrei Peter e mais três rapazes bebendo e escutando música alta.

- Olha é o Andrew, estava te esperando para a festa, conhece meus manos?

- Não...O que você pensa que está fazendo? Minha mãe...

Peter me interrompeu, colocando o dedo em minha boca.

- Calma, só estamos nos divertindo, vai uma cervejinha?

Quando vi a garrafa nas mãos de Peter, senti pontadas em meu peito. Recordei-me da primeira vez em que bebi e fumei enquanto meus pais

estavam dormindo, fiquei com bastante vontade; movido por uma sensação de abstinência, resolvi aceitar.

- Me dê isso aqui! - peguei a garrafa da mão do Peter.
- Se liga, esses são os meus colegas: Estephen, Mario e Edward.
- Prazer! - cumprimentei.
- Vamos nos divertir? Seus pais só vão chegar semana que vem, prometo que vou deixar tudo arrumado como estava.

Por algum motivo, naquele momento, resolvi confiar no Peter, mesmo que com uma pulga atrás da orelha. Ele já estava dentro da minha casa, não havia muito o que fazer; e como aparentemente não queria me fazer nenhum mal, deduzi - também pela presença de seus amigos - que algo como o ocorrido no sábado anterior não iria acontecer novamente, ele nunca teria coragem de mostrar seu lado obscuro para seus próprios colegas.

Bebi bastante, fumei com Peter e seus amigos, o álbum de estúdio da minha banda preferida estava tocando no *home theater*. Embriaguei-me e me diverti, não podia acreditar que estava me sentindo tão bem perto de uma pessoa que me causou tanta dor. Em um determinado momento, desligaram a caixa de som.

Com as mãos na cintura e um cigarro apagado na olheira, Edward, um rapaz magro, esguio e de cabelos loiros, perguntou:

- E aí Peter, quando vamos começar a brincadeira?
- Ah é mano, agora é a hora! - respondeu Peter.
- Como assim, brincadeira? - perguntei desconfiado.
- Você vai ver, relaxa aí!

Minha sensação de embriaguez quase se dissipou, fiquei arrepiado e um pouco nervoso, todos estavam olhando fixamente para mim. Reconhecia aqueles semblantes, no dito momento, todos aqueles rapazes tinham olhares similares ao de Peter, sempre que entrava no meu quarto para jogar vídeo game comigo...

Peter era um rapaz gordo e alto.
Edward era magro – esguio -, alto e loiro.
Mario possuía porte médio e era calvo.

Eram três jovens de portes físicos diferentes. Se a brincadeira se tratasse do eu imaginava naquele momento, não saberia o que fazer ou como me defender.

- Vamos jogar vídeo game! - disse Peter, com um sorriso sugestivo.
- Olha, é uma boa ideia! - disse Mario.
- E aí pequeno Andrew, o que acha hein?

Imediatamente, comecei a tremer, iria acontecer novamente.

- Estou brincando! - disse Peter, rindo após perceber a minha reação de pânico.

O clima de tensão mudou subitamente para um momento de descontração.

- Ele não gosta de jogar vídeo game com ninguém, né Andrew? Fica tranquilo.

Após a piada sem graça, todos os outros amigos dele começaram a rir. Naquele instante, só conseguia pensar o quanto o Peter era um filho da puta detestável e estava se aproveitando do meu trauma para tirar sarro da minha cara. Fiquei tão estressado que peguei outra garrafa de cerveja e virei de uma vez, para aliviar o meu nervosismo.

- A brincadeira vai ser o “Esconde-Pinga”.
- O que é isso, Peter? - perguntei, desconfiado.
- Calma, você vai gostar, é tipo um esconde-esconde, só que valendo doses de bebida. Eu vou começar, irei contar até trinta bem devagar e todos vocês terão que se esconder em algum local da casa, quem perder, vai ter que virar uma garrafa de cerveja inteira sem reclamar.
- Parece interessante, gostei - respondeu Edward.
- É! Vamos nessa! - disse Mario.
- Então, você começa Peter! - respondi, meio entusiasmado.
- Beleza, vou contar hein...

Peter encostou o rosto na parede e começou a contar de um até o trinta, bem devagar. Me escondi embaixo da minha cama, era pequeno o suficiente, me encolhi e tive a certeza de que ninguém iria conseguir me achar. Quando

Peter parou a contagem, começou a procurar. Ele entrou no meu quarto, pude ver seus pés por debaixo da cama.

Porém, percebi que Peter conversava com outra pessoa, era uma voz muito parecida com a do Edward. Depois, surgiu a voz do Mario, três pares de pernas estavam na minha frente naquele momento. Ainda estava debaixo da cama, dessa vez não sentia clima de brincadeira, e sim muito medo, eram eles que estavam ali.

- Ele está aqui em baixo, vi se escondendo.

Peter se abaixou e me avistou escondido.

- E aí, te encontrei rapazinho - riu ironicamente - agora está na hora de brincar.

A brincadeira acabou, eles me encontraram...

Todos ao mesmo tempo.

JUVENTUDE 2005

No ano de 2005, eu tinha 15 anos, estava no início do ensino médio; nessa época, os estudantes se dividiam em tribos. Enquanto caminhava pelo colégio, no horário do intervalo, visualizava uma série dessas turmas: Os valentões; os esportistas; os nerds; as garotas populares; os otakus e algumas outras pessoas avulsas. Mesmo me considerando uma pessoa antissocial, possuía minha turma: pessoas que todos os outros grupos – até mesmo os otakus – zoavam e achavam tão esquisitas quanto eu. Usávamos roupas mais escuras, maquiagens densas e gostávamos de escutar nossas bandas favoritas no nosso *Mini System* portátil (aqueles com *CD Player*), em meio ao pátio.

O satiricamente chamado “Clube dos Vampiros Negros” surgiu no primeiro dia do ensino médio, e era composto por mim; Kelly “Black”, a garota com quem me relacionava amorosamente na época e James Stuart, um dos meus colegas de classe, todos com mesma idade que eu.

Kelly tinha um estilo marcante da década, gostava de camisas pretas estilizadas com seus próprios desenhos e cobertas por strass, ou blusas de bandas, sempre decotadas. Tinha preferência por saias de couro, meia calças

escuras e tênis *all star*.

James Stuart era o nerd da turma, não era inteligente em matemática como todos pensavam, mas tinha um vasto conhecimento sobre mídias. Gostava de cinema, games, quadrinhos e se vestia sempre com camisa moletom, mesmo no calor. Era magrelo e alto.

Sexta-feira, 20 de maio de 2005.

Cheguei no pátio, fui o último a sair daquela aula enfadonha de história. Kelly e James me esperavam atrás da quadra poliesportiva.

- Olha só quem chegou, demorou ein! - disse Kelly.
- Tive uns probleminhas na aula, aquela professora cuzona quase me deixou instalado lá na sala.

James se espreguiçou um pouco após receber uma mensagem de texto, deu um sorriso de espanto e falou.

- Ei caras, vocês ficaram sabendo das novas? – disse ele.
- Novas? Saiu algum jogo novo para *Play 2* dessa vez? – respondi, desdenhando da possível fofoca.
- Ah não cara, saca só, vocês estão ligados naquele maluco filho do velho xerife?
- O Peter Harrison? – indaguei.
- Sim.
- Aquele cara é louco, qual foi a merda que ele fez dessa vez? - perguntou Kelly.

Só um momento...
Preciso orientá-los:

Passaram-se alguns anos dos acontecimentos tortuosos em minha casa. Desses tempos para cá, Peter adotou um comportamento mais agressivo: se envolveu em diversas confusões nos estabelecimentos da cidade, foi denunciado várias vezes por tentativas de agressões físicas e sexuais, bebia com muita frequência e se relacionava com pessoas do tráfico de drogas de Waterfall. Seu pai, Jonas Harrison, mesmo aposentado, ainda era influente na cidade e fazia o máximo possível para impedir que seu filho fosse preso,

convencendo algumas pessoas importantes a retirarem as denúncias contra Peter. Por sorte, a última vez que havia tido contato pessoal com ele foi na “brincadeira” de esconde-esconde, no ano de 2001.

- Não foi ele, na verdade... – disse James.
- Diz logo, porra! – respondi.
- Enfim, vocês sabem que ele tinha um tio viado que foi assassinado, né?
- James, esse termo é bem idiota, mano. - corrigiu Kelly.
- Ok James, o que tem o tio do Peter? - perguntei, angustiado.
- Então, o viúvo do cara está aqui na cidade, um tal de To... acho que ... Tomas!
- Sério? E o que ele veio fazer aqui?
- Não sei cara, mas o povo está falando por aí que ele veio para reabrir o caso do falecido marido, que não foi solucionado de fato.
- Caramba! que babado! – respondeu Kelly, entusiasmada.

Kelly falou em voz alta e se levantou do chão entusiasmada por alguns segundos, chamando rapidamente a atenção dos rapazes que jogavam futsal na quadra.

- Senta aí, doida!
- Então, o que pretendem fazer hoje à noite? - perguntei.
- Vamos no Rock Bar Pub, vai ter um show ao vivo hoje à noite, todas as pessoas da cidade se reúnem lá, topam? - disse Kelly, mostrando um folheto do Rock Bar Pub que guardava em sua mochila.
- Ah, vai ser as nove né? acho que vou chegar uma hora depois – respondi, sem muito ânimo.
- Por que, Andrew? Vai perder quase toda a apresentação da banda.
- Infelizmente, é no mesmo horário da TV Criminal, hoje tem um episódio especial sobre Jeffrey Dahmer, não posso perder.
- Porra cara, de novo isso. Eu também curto umas paradas meio dark, mas não sou muito chegada nesses negócios de serial killer não, acho bizarro!
- Ah Kelly, você gosta de assistir filmes de terror na minha casa, mas não gosta de assassinos da vida real? Muito irônico! – debochei.
- É diferente, nos filmes é tudo mentira! – Kelly respondeu, com um senso de humor leve.
- Você que tem problemas com a realidade, Kelly. Um dia, pode até ser a

sua, quem sabe?

[...]

- Andrew, como é? – indagou Kelly, um pouco assustada.
- Enfim, tava só zoando. Dez ou onze horas encontro vocês lá, pago as bebidas para compensar.
- Agora você falou minha língua! - respondeu James.
- Tá certo gatão, leva cigarro por favor, a vaca da minha mãe confiscou o maço que achou na minha bolsa.
- Tá certo, assim que estiver saindo de casa, envio uma mensagem de texto para o seu celular.

Kelly me deu um beijo no rosto, ajeitou sua mochila e foi embora. Resolveu matar aula naquele dia, iria dormir a tarde inteira para passar o resto da noite toda acordada. James pegou um dos seus fones de ouvido e compartilhou comigo. Passamos o restante do intervalo escutando o *Mezmerize*, álbum de lançamento da banda *System of a Down* daquele ano.

O ROCK BAR PUB DE WATERFALL

O Rock Bar Pub era o principal ponto de encontro de jovens naquela época, foi inaugurado, inicialmente, com a proposta de acompanhar a ascensão do rock contemporâneo da década de 2000. Sua arquitetura é composta por mesas, cadeiras e balcões de madeira, com a iluminação mais contida e escura e o piso revestido por cerâmica xadrez preto e branco. Nas prateleiras do bar, diversas bebidas quentes, em sua maioria whiskeys, como *Jack Daniels*, mas também serviam cerveja e chopp. Nas paredes, quadros de variadas bandas de rock contemporâneas da época, como Slipknot, Symphony X, Linkin Park, Green Day, Mudvayne, Evanescence e até mesmo homenagens a bandas mais veteranas, como Black Sabbath, Black Label Society, Beatles, Nirvana, Hole, Rammstein, Iron Maiden, ACDC, entre outros.

Contudo, a principal atração do Rock Bar Pub era o seu palco interno, um espaço destinado a apresentação de bandas de rock da região; essas performances musicais aconteciam nas sextas, sábados e domingos, alguns festivais de moto clubes também eram realizados no estabelecimento. Hoje

em dia, o seu público se reduziu a um determinado nicho, ainda funciona, mas perdeu-se o interesse da maior parte do público, frequentado em sua maioria por adultos e jovens alternativos. Na época, eles pouco se importavam com a entrada de menores de idade, mesmo quando alguns jovens portavam documentos falsos para entrar; a organização já estava ciente, mas não era conveniente barrar a entrada de clientes.

James passou de carro na casa de Kelly, que demorou umas boas horas para se arrumar, ambos seguiram em direção ao Rock Bar Pub. Enviei uma mensagem de SMS avisando que só chegaria no local às dez horas da tarde.

- Chegamos. – disse James.
- Recebeu a mensagem de Andrew, James?
- Sim, ele só vai chegar às onze. Que pena, vai perder o show inteiro.
- Foda-se ele, vamos logo.
- Vocês brigaram? O que anda acontecendo entre vocês dois?
- Não sei... Andrew anda tão estranho, e faz tempo que, bem você sabe... Acho que ele não tem mais interesse em mim.

James se aproximou de Kelly minuciosamente, e, ao perceber um conflito em nossa relação, se aproveitou e passou as mãos nas pernas da minha ex-namorada, demonstrando interesse ao tentar consolá-la.

- Estou aqui para o que você precisar, beleza?
- James... obrigado, mas vamos logo, não quero perder o início do show.

Demonstrando certo desconforto, Kelly cortou o diálogo e saiu do conversível vermelho, saltando pela porta, acendeu um cigarro e puxou James para entrada do clube. A banda local preparava a checagem de som e as pessoas se aglomeravam aos poucos, carros e mais carros estacionavam próximo ao clube, em especial um veículo de primeira linha com placa de outro estado, que chamou atenção das pessoas ao redor. O motorista estacionou próximo do carro de James, e saiu:

Era um homem bem vestido, com o cabelo arrumado e bem conservado, aparentava ter em torno de trinta anos ou menos, alto, ostentava um físico atlético. Enquanto esse sujeito se aproximava da entrada do clube, as pessoas ao redor o observavam, secando-o, pareciam serpentes prestes a darem o bote. Kelly percebeu os holofotes que caíram naquele homem e ficou indagada, seu interesse não era bem sexual - não fazia o tipo dela - se tratava

apenas de um ato de curiosidade, e vontade de fazer alguma fofoca.

- James... vem cá, por que está todo mundo babando naquele cara?

- Em que mundo você vive? Esse é o Tomas, viúvo do tio do maluco do Peter, é dele que a cidade toda está falando.

- Caralho! - gritou - então é esse cara que voltou para reabrir o caso da morte do tio do Peter? O tal do Martin?

- Sim, mas fala baixo porra! Por causa disso aquelas histórias malucas sobre o Harrison voltaram com força na boca do povo da cidade.

- Aqueles contos bizarros de terror? - perguntou Kelly, retoricamente.

- Antes fosse, pelo menos quem tem cérebro sabe que isso é bobagem. Na verdade, é sobre o senhor Jonas Harrison, irmão do Martin, ter sido o verdadeiro assassino.

- Caramba, eu me lembro disso, acha mesmo que ele teria coragem de matar o irmão e encobrir tudo?

- Levando em consideração que o cara é, ou melhor, era um xerife carrancudo, e todo mundo fala que ele odeia viado - e odiava o irmão - tudo é possível!

- Puta merda!

- Bem, deixa quieto, vamos logo, a banda vai tocar.

Kelly e James entraram na festa enquanto espiavam minuciosamente cada passo de Tomas, sentaram-se em uma mesa um pouco distante, porém com um ponto de visão estratégico do mais novo forasteiro, queriam espiar o Tomas de qualquer jeito, estavam curiosos. A banda começou a tocar, então pediram cerveja, beberam e curtiram durante um bom tempo, enquanto observavam o viúvo. Apesar de todo o esforço da dupla, não obtiveram sucesso na espionagem caso esperassem por mais informações, Tomas ficou sozinho em sua mesa, não conversou e nem interagiu com qualquer pessoa em sua volta, apenas bebia enquanto folheava alguns documentos. Na quinta rodada de cerveja, Kelly desistiu e começou a me enviar mensagens, perguntando a que horas eu iria chegar.

Kelly

21:39

- Ei gato, venha logo! Já estou levemente bêbada. Beijos!

Recebi a mensagem de texto da minha namorada, mas resolvi não a responder naquele momento, estava em êxtase, sempre me sentia daquela maneira depois de assistir meus documentários da TV Criminal. Após respirar um pouco, comecei a me arrumar para ir ao bar de uma vez, Kelly não parava de mandar mensagens de texto, cada copo que virava era uma mensagem diferente.

Coloquei uma calça e fiquei na frente do espelho, naquela época, aos meus quinze anos de idade, ostentava cabelos longos. Meu porte físico mudou, do magrelinho pequenino a um rapaz mais alto, com o corpo um pouquinho mais definido. Minhas orelhas ainda eram grandes, mas ficavam escondidas no meu cabelo. Estava começando a ter um pouco de barba, minha pele ainda era pálida, mas não me deixava tão estranho como me sentia antes.

De qualquer maneira, sempre que encarava meu reflexo no espelho enxergava o mesmo garoto de doze anos, que procurava por diversão em diversos meios os quais o garantia não conseguir interagir muito bem com as outras pessoas. Mesmo depois de anos, ainda me sinto aquele menino, aquele ao qual as crianças da praça dos correios apelidaram de Presto do *Dungeons and Dragons*.

Mas... Por que?

Ainda me restavam alguns traumas vivenciados durante a infância, ainda buscava a mesma coisa de quando tinha doze anos: um meio de me entreter, algum mecanismo para me comunicar com outras crianças. Contudo, após sofrimento causado pelo Peter, passei a procurar uma forma de exteriorizar aquela violência que martelava a minha mente, e que jamais consegui deixar em algum limbo qualquer do meu inconsciente, que me atormentava todas as noites. Bebidas, cigarros, maconha, músicas, sexo, tudo isso era efêmero, e com o passar dos anos já não possuía mais efeito.

A única coisa que conseguia me aliviar por um maior período de tempo eram os documentários que assistia na TV Criminal, perceber o quanto as vidas de outras pessoas eram piores que a minha, ou se tornaram através de alguma fatalidade gerada por terceiros, me anestesiava. Sei que isso soa sádico e egoísta, mas me aliviava, entretanto, já estava se tornando tão pouco efetivo quanto a bebida e as minhas fodas com a Kelly. Resolvi parar de pensar e agir, pensar em muita coisa não faz bem, aprendi isso naquele momento em que me olhava no espelho antes de resolver partir de uma vez

por todas para o Rock Bar.

Cheguei ao Rock Bar às dez horas da noite, como prometido, Kelly e James já estavam bêbados e a banda local estava no ápice do espetáculo, tocando hard metal enquanto o público se agitava em frente ao palco, levantando garrafas de bebidas para o alto. Com a premissa de evitar que qualquer tipo de pensamento se manifestasse, para que eu pudesse viver o meu presente sem turbulências, agarrei Kelly e a beijei fortemente, pedi mais uma rodada de cerveja para a minha turma. James comentou sobre a presença de Tomas no recinto, e que ambos estavam o espionando para descobrir alguma novidade, sem muitas pretensões. Não me importei com aquilo naquele momento, pouco me interessava saber a respeito de alguma pessoa que tivesse qualquer tipo de laço com os Harrisons, mas estava prevendo que algo ruim iria acontecer naquela noite.

A banda anunciou a última música para finalizar o show, um cover de *Determined*, do Mudvayne, o público, já enlouquecido, iniciou um *mosh* - uma dança associada a gêneros como punk rock e trash metal, que consiste em apenas realizar uma série de movimentos agressivos, tais como cotoveladas, joelhadas, e colidir um contra o outro. Não estava afim de participar, resolvi me levantar e me afastar do público, quando inesperadamente fui atingido por uma cotovelada muito forte de um outro rapaz, esbarrei no chão e deixei o meu celular cair.

- Merda! meu celular caiu, me ajudem a procurar.

Quando me dei conta, o aparelho havia se misturado a uma multidão de pessoas que estavam no meio do ato do *mosh*. Enquanto Kelly me ajudava a procurar, ela foi atingida com uma joelhada na testa e caiu no chão. James se irritou e retrucou, iniciando uma briga com o rapaz que atingiu minha namorada. Os guardas do estabelecimento saíram da entrada e tentaram intervir na confusão, outros jovens ao lado começaram a brigar uns com os outros, inspirados pelo conflito iniciado por James.

Me senti desconfortável com a situação e me retirei do estabelecimento, sem me despedir dos outros. Quando a confusão acabou, Kelly encontrou meu celular, mas já não estava mais presente no local. Ela se aproximou do James, que estava sentado no balcão e com o olho roxo devido a briga.

- Você viu o Andrew? Achei o celular dele.

- Não vi, ele sumiu no meio da confusão, largou todo mundo aqui e vazou.

- Ah, droga.
- Me dá o celular aqui, posso entregar amanhã cedo, moro perto da casa dele.
- Não sei... acho que sei onde ele está, vou procurá-lo.
- Me dá essa merda aqui! - disse James, puxando o celular da mão de Kelly. - Se você for procurar o cara a essa hora da noite, é melhor ir sem nada para não ser assaltada. Se você perder isso, o Andrew vai ficar mais puto ainda – afirmou James, rudemente.
- Está certo, estou indo lá. Vou atrás dele.
- Boa sorte, no seu lugar eu nem perderia esse tempo.
- Vai à merda, James!

Kelly saiu do clube e seguiu em direção a cachoeira de Waterfall, no conjunto de quiosques chamado “Cana & Amor”, me conhecia bem o suficiente para saber que toda vez que entrava em crise me retirava sem avisar e sentava em frente aos quiosques, para observar o fluxo do rio. No meio do caminho, ela se esbarrou em Peter, que estava perambulando sozinho pelas ruas. Ele fazia essa rota todas as noites, os moradores não se aproximavam com medo de que ele pudesse fazer alguma coisa. Eles se encararam por alguns segundos e Kelly resolveu afrontá-lo.

- Olha por onde anda, seu retardado!

Após ofendê-lo, Kelly se retirou e seguiu com o seu percurso. Peter permaneceu estático, sem reagir, esperou que a garota atravessasse mais alguns metros e passou a seguir, sutilmente, a mesma rota.

...

No dia seguinte, acordei de manhã cedo e presenciei meus pais em uma discussão. Essa situação se tornava cada vez mais frequente com os anos, o Sr. Garcia, meu pai, estava quase se aposentando e trabalhava cada vez menos. Com a chegada do ócio, passou a culpabilizar minha mãe por não se sentir mais útil para qualquer tipo de coisa; bebia com bastante frequência e passava a maior parte do tempo na casa dos Harrisons, trocando conversas com Jonas. A briga doméstica foi interrompida pelas batidas desesperadas na porta da frente. Minha mãe atendeu.

- Oh, olá James! Bom dia!
- Bom dia Sra. Garcia, o Andrew está aí?
- Está sim! Filho é o James! – gritou, me chamando.

Sai do meu quarto e fui em direção a porta, ignorando meu pai que estava no meio do caminho. James apresentou um semblante tenso, pálido e nervoso, entregou o meu celular que eu havia perdido na noite anterior e perguntou a respeito da Kelly, queria saber se estive com ela depois da festa.

- Kelly? Não... Perambulei um pouco pelo resto da noite e fui dormir.
- Cara! A mãe dela ligou para o seu celular, preocupada. Kelly achou o seu aparelho na festa e disse que iria atrás de você, tomei o celular da mão dela para que ela não fosse assaltada naquele horário. Aparentemente, depois disso, ela não foi mais vista por ninguém e não chegou em casa.
- Como é que é? – indaguei.
- Cara, a gente precisar encontrar ela! – disse James, alarmado.
- Bora, ela não deve ter ido muito longe. – respondi, imaginando que não fosse nada muito preocupante.

Pegamos o carro e rondamos pela cidade atrás do paradeiro de Kelly, imaginei que ela pudesse ter me seguido ao Cana & Amor, sabendo que lá é o meu refúgio espiritual. Sugerí a James que seguisse pela rota que levava em direção a cachoeira. Quando nos aproximamos da entrada, a polícia estava realizando uma sonda e cercando o local, impedindo a passagem de qualquer outro veículo e vistoriando todos os motoristas. Um dos policiais se aproximou do nosso carro.

- Documentos!

Éramos menores de idade na época, e nenhum de nós dois portava habilitação. Para escapar da situação sem levar algum tipo de multa, usei o cargo do meu pai para conseguir subornar o policial.

- Sou filho do Nicholas Garcia, xerife aposentado da cidade.

O policial avistou minha identidade, e ao ler o nome e sobrenome do meu pai que constava no documento, suspirou e me devolveu logo em seguida.

- Certo... Vocês são menores de idade, mas como um de vocês é filho do chefe, vou deixar passar desta vez. Meninos, estamos em uma cena de crime, vocês precisam dar meia volta. Não vou multá-los, mas tratem de se retirar logo daqui.

Devido ao desespero, por causa do suposto desaparecimento da Kelly no mesmo local, indaguei.

- Mas... Cena de crime? O que aconteceu? Alguém morreu?

- Olha garoto, ainda não sabemos muito sobre. Uma garota foi encontrada morta, mas não identificamos o corpo ainda.

James e eu, encaramos um ao outro, incrédulos, compartilhamos o mesmo pensamento - será que é a Kelly? - não tinha como esperar por mais alguma coisa naquele momento.

- Senhor policial, minha namorada desapareceu ontem à noite, estamos em busca dela.

- Consegue descrevê-la? – perguntou.

- Sim, ela tem cabelos pretos com mechas azuis, meio gordinha, estava usando uma blusa preta, saia de couro com strass, meia calça e all stars.

- Hm...

O policial se afastou alguns metros do conversível vermelho de James e chamou o agente forense, que estava analisando a cena do crime.

- Esse rapaz, é filho do chefe Nicholas Garcia, ele afirma que sua namorada desapareceu na noite anterior. A descrição combina com a vítima que foi encontrada hoje de manhã por um pescador local.

- Certo, chamem os rapazes para identificarem o corpo.

A polícia solicitou nossa presença na cena do crime para que fosse realizada a identificação do corpo. Quando me aproximei, pude perceber que realmente era a minha namorada, jogada em uma pedra em frente ao rio, com marcas de facadas no peito e um corte profundo no pescoço. Em sua testa, estava escrito com sangue o numeral 1, provavelmente feito com a lâmina da faca que usaram para assassiná-la.

O policial pediu a nossa confirmação mais uma vez. Em prantos e caindo

de joelhos, exclamei:

- É a Kelly, minha namorada!

SONHO E SUSPEITO

A morte de Kelly “Black” se espalhou com muita rapidez ao redor da cidade. Existiam alguns responsáveis pela disseminação da informação, entre eles, a própria polícia - que deixou a notícia escapar para a mídia local antes que iniciassem qualquer tipo de investigação; o jornalismo de Waterfall e os fofoqueiros. Lembram-se da amiga da minha mãe? A Lita Holtz? Pois é! Ela foi a pessoa responsável pela notícia ter chegado em primeira mão para a minha família, nem eu mesmo contei coisa alguma para eles a respeito. Estava desolado, faziam-se poucas horas desde que estive presente para reconhecer o corpo da minha namorada, brutalmente assassinada.

Minha mãe fez alguns questionamentos, perguntou se eu já sabia a respeito, preferi não esclarecer qualquer tipo de dúvida e resolvi omitir alguns fatos que ocorreram durante a minha busca pessoal por Kelly. A mídia local, por mais incrível que possa parecer, não achou imprudente criar um sensacionalismo básico a respeito do caso. A maneira pela qual Kelly foi assassinada, em um dos rios da cachoeira mais frequentada da cidade, principal ponto de encontro do final de semana dos moradores de Waterfall; e o modo pelo qual seu corpo foi encontrado, completamente esfaqueado, repleto de sangue, com um corte no pescoço e o número “um” escrito em sua testa, sugeria, pelo menos para a mídia, que se tratava da obra de um serial killer, ou de um ritual de jovens satanistas, um culto ao demônio ou algum tipo de sacrifício.

Qualquer uma das duas hipóteses assustavam os moradores, se fosse algum serial killer, seria o primeiro da história de Waterfall, ninguém iria sair de casa. Se fosse satanismo, bruxaria ou algo do gênero, seria um problema para jovens headbangers da cidade, repleta de pais cristãos que provavelmente iriam fazer protestos na frente do Rock Bar Pub, ninguém teria paz.

Passaram-se alguns dias, fiquei em torno de uma semana sem frequentar a escola. James às vezes me visitava, mas meus pais resolveram brigar praticamente todos os dias, o Sr. e a Sra. Garcia já não conseguiam mais se entender. Eles passaram a acreditar na história de bruxaria e tentavam a todo custo condenar meu estilo de vida, diziam que eu estava longe de Deus, dentre outras coisas. Toda vez que tentava escutar minhas músicas no

aparelho de som, eles me repreendiam, então comprei um MP3 portátil, um par de fones de ouvido e fiquei trancado no quarto com meus álbuns de estúdio preferidos.

UM SUSPEITO SURTIU

Finalmente, liberaram o corpo da minha ex-namorada para o velório, às três da tarde em uma terça-feira, quase no final do mês de maio. Em poucas horas ocorreu o enterro, os familiares estiveram todos presentes. James quase se enterrou junto, ainda estava apaixonado pela minha garota e às vezes me culpava pela sua morte. Segundo ele, se eu não tivesse surtado e desaparecido naquela noite, ela não teria ido atrás de mim e, provavelmente, estaria viva agora. Não conseguia culpá-lo na época por pensar daquela maneira, talvez minha negligência fez parte daquele acontecimento, mas não podia voltar ao tempo para consertar o possível erro, também não queria me condenar por nada, já me culpava por muita coisa.

Infelizmente, James se afastou, cortamos laços por causa da morte da Kelly.

Estava sozinho, mais uma vez.

Para liberação de um corpo, é necessário a conclusão da autópsia e um suspeito, a polícia segurou bem a informação até chegarem a algum tipo de resolução. Eis que um nome então surgiu: uma testemunha avistou Peter Harrison perseguindo Kelly em uma rua a poucos metros do Rock Bar Pub. Segundo esse indivíduo, que manteve seu anonimato, o garoto seguiu a jovem durante todo percurso até ambos desaparecem de sua vista.

A polícia do estado identificou a arma utilizada no crime através de uma análise forense feita a partir dos cortes no corpo da vítima, era uma full tang, de doze polegadas, com 15,7 centímetros de comprimento e uma lâmina de 300 gramas. Essa arma foi ligada diretamente ao Peter Harrison pelo seguinte motivo: o mesmo item foi apreendido em uma briga de bar, Peter atingiu um outro rapaz com a mesma faca.

Essa arma é um item de coleção. O seu pai, o xerife aposentado Jonas

Harrison, costumava adquirir e acumular coisas do tipo, que ficavam de fácil acesso a Peter. Essa briga foi abafada pela influência do aposentado policial, que de alguma maneira fez com que a vítima retirasse a queixa contra o seu filho, conseguindo recuperar a faca dos arquivos da polícia e levando-a novamente para sua casa

Porém, dessa vez não havia muito o que se fazer. A polícia entrou com um pedido de prisão contra Peter Harrison um dia depois do enterro de Kelly. Peter havia desaparecido horas antes, ninguém sabia do seu paradeiro, alguns desconfiavam que seus pais, Jonas e Madelline Harrison, estavam acobertando seu filho problemático, mas eles negavam. Uma busca foi realizada por toda a casa e nenhum sinal do garoto foi encontrado, nem mesmo da arma do crime, o que aumentou a desconfiança geral do envolvimento dos pais, até porque não seria a primeira vez que Jonas fizesse o possível para acobertar as merdas do seu filho. Mas daquela vez a população não conseguia mais tolerar, tratava-se de um homicídio brutal, realizado contra uma jovem menina, no principal ponto de diversão dos habitantes de Waterfall. Achar o Peter, naquele momento, se resumia a um ato de justiça e paz.

Os problemas para Jonas Harrison nem tinham começado ainda naquela época; o viúvo do seu irmão, Tomas, estava fazendo o possível para tentar reabrir o caso do homicídio não solucionado do seu falecido cônjuge, Martin Harrison. Em um determinado momento, ambos se encontraram no tribunal de justiça da cidade, ameaçaram um ao outro e até mesmo partiram para agressão física, as desconfianças sobre o envolvimento do ex-policial no assassinato do seu irmão só aumentaram.

Afinal, por que Jonas estava tão apavorado? Naquele momento, tinha perdido o controle e ameaçou Tomas de morte na frente de várias pessoas, e na pior das coincidências, na frente da Lita Holtz, que estava xeretando alguma coisa enquanto bebia café e fumava um cigarro de filtro vermelho na frente da sede do tribunal.

Mas é óbvio que essa briguinha se espalhou por toda a cidade. O nome dos Harrisons estava mais manchado do que o mar após um vazamento de petróleo. Eram chamados de assassinos, cúmplices, bandidos, sequer conseguiam sair de suas casas. As pessoas perseguiram Peter, que até então estava desaparecido, igual se caçavam bruxas na Idade Média.

As meninas tinham horários para saírem de casa e toque de recolher, e na maioria das vezes andavam acompanhadas pelos seus pais ou companheiros

A cidade viveu um verdadeiro caos, ocasionado, em grande parte, pela mídia que fez questão de deixar todos em pânico. E esta nem seria a primeira morte que estava para acontecer no fatídico ano de 2005.

ENCONTRO NO BAR/DEVANEIO

Passou uma semana desde a morte da minha amada Kelly “Black”. Neste período de tempo, fiquei em isolamento social e voluntário, não saía do meu quarto para quase nada, apenas para necessidades básicas. Estava sem amigos, sem namorada, vivendo em uma casa problemática. A cidade ainda estava com medo, Peter permaneceu desaparecido e ninguém conseguiu encontrá-lo; e segundo o último bilhete enviado pela minha escola, se eu faltasse mais uma semana de aula seria reprovado por faltas e expulso.

Meus pais, na época, me condenavam por faltar a escola, e nas diárias discussões conjugais, sempre que meu nome surgia na boca de qualquer um deles, atribuíam a culpa um no outro por não ter me tornado o homem que sempre sonharam.

James me enviou uma mensagem de texto, mostrou-se preocupado pelo meu sumiço, dizia que se equivocou em ter me acusado como parcialmente responsável pela morte de Kelly e que passaria na frente da minha casa no dia seguinte para me dar uma carona até a escola.

A turma do ensino médio estava realizando uma espécie de feira de alimentos orgânicos, projeto acadêmico sob orientação da professora e doutoranda hoje conhecida como Claire Walter, que na época se apresentava como Claire Clarkson (sobrenome de solteira), anos antes de se mudar de vez para a cidade em 2020, e passar a lecionar na Universidade de Waterfall.

A escola estava repleta de tendas com os mais variados tipos de frutas, cada turma do ensino médio liderava uma das barracas, distribuindo sucos, chás, sementes, e os mais diversos tipos de alimentos e seus benefícios à saúde do corpo humano, incluindo panfletos com textos de todos os assuntos debatidos durante a exposição.

Na barraca de melancias, Claire estava palestrando a respeito das propriedades da fruta para uma turma de professores e estudantes, esse foi um

dos momentos em que trocamos olhares, não pude deixar de perceber o quanto ela era bonita, com boa forma e confiante. Há muito tempo não conhecia uma mulher tão firme em suas palavras e propósitos, permaneci com meu olhar fixo enquanto ela palestrava e encantava seus espectadores. James, esperto, percebeu o meu deslumbre e não se absteve em comentar.

- Ela é uma gata, não é mesmo?
- É, mas não é para o nosso bico! – respondi.
- Mas é claro! - risos - Vamos para a tenda dos chás? Quem sabe tem alguma droguinha bacana por lá.

Enquanto caminhávamos para a barraca de chás, James me propôs passar uma noite no Rock Bar Pub. Tive alguns receios em aceitar, mas, na espreita, escutei alguns professores do colégio convidarem a Claire, logo repensei a respeito da minha decisão, precisava conhecê-la de alguma maneira.

Chegamos ao Rock Bar Pub às oito horas da noite, James e eu. Nossas conversas ainda soavam apáticas e monossilábicas, por mais que meu amigo tivesse me perdoado por algo que ele mesmo enfiou na cabeça, ainda parecia receoso. Suponho que... Ou melhor, tenho certeza que, assim como eu, ele não tinha qualquer tipo de amigos na cidade, e não queria ficar sozinho.

Avistei Claire sentada em frente ao balcão, tomando sua cerveja, comentei com James. Ela estava sozinha, sem a postura de professora, vestia preto da cabeça aos pés, usava uma botina de couro e um rabo de cavalo.

- Ei James, acho que vou puxar um papo com ela.
- Andrew, se manca, ela é bem mais velha que você, mais inteligente, bem-sucedida, nunca vai ter uma chance, tu é só um pivete de quinze anos!
- Eu só quero conversar, relaxa mano.

Me aproximei do balcão, deixando James para trás, puxei um banco e sorrateiramente sentei ao lado da professora, que bebia seu segundo copo de chopp.

- Posso sentar aqui? - perguntei, timidamente, puxando assunto.
- Claro, você é estudante, não é mesmo?
- Ah sim, fiquei um tempo sem ir..., mas voltei hoje.
- Que ótimo, voltou a tempo para acompanhar a feira de alimentos, fico feliz. Qual é seu nome?

- An... A-Andrew Jay Garcia, o seu é Claire, né? Vi nos panfletos do evento. – respondi, parecendo um retardado de tanto receio e timidez.

Durante a pausa no diálogo introdutório, pedi uma cerveja, a professora me encarou com um sorriso de canto de rosto - deve ter achado engraçado um estudante do ensino médio bebendo - mas sem soar espantada.

- Hm, na sua idade eu também gostava de beber escondido.

- Digamos que meus pais não se importam muito com isso, risos.

- Eu imagino, fica à vontade, não vou te dedurar.

- Muito obrigado... Claire, né?!

- Sim.

- Você ficou sabendo da menina que foi assassinada este mês? Ela estudava na escola.

- Sim, eu soube, deve ser por isso que os estabelecimentos da cidade estão quase vazios.

- É sim, ela era minha namorada.

- Sinto muito, espero que peguem o suspeito.

- Espero que sim, ele já me fez muito mal, mas não vem ao caso.

Claire reparou na minha camisa estampada com a imagem de um gato preto.

- Gosta de gatos? - perguntou, puxando assunto ao perceber o meu desconforto.

- Sim, eles são seres místicos, sabia?

- Sério? Me explica melhor! – perguntou, para minha surpresa, ela estava realmente a fim de conversar.

- Dizem que eles protegem a casa de espíritos ruins, e que em seus olhos existem portais para o mundo dos mortos.

- Nossa, que bacana, do que mais você gosta Andrew?

- Bem, eu assisto documentários sobre crimes e tal, assassinos em série, já assistiu a TV Criminal?

- Hm, nunca parei para assistir, mas são assuntos realmente bem interessantes! – respondeu Claire, mas em um tom em que soava que estava dialogando com uma criança pequena.

- Claire, você tem alguma coisa para fazer? Algum compromisso?

- Bem... levando em conta que eu e você precisamos acordar mais cedo

para ir à escola, receio que não tenho mais nada a fazer além de tomar cerveja.

- Tem marido? Filhos? Assim, pergunta educada.

Claire gargalhou e virou o resto de bebida que tinha em sua garrafa, acendeu um cigarro e pediu outra cerveja para o barman.

- Não está interessado em mim, né?

- Não! - respondi, nervoso - Foi só uma curiosidade, me desculpe.

- Olha, tenho um lance com um cara em outra cidade, ainda não é meu namorado. Mas filhos, casamentos, essas coisas, talvez só quando terminar meu doutorado esse ano.

- Desculpe-me, obrigado pela conversa, eu tenho que ir.

- Tudo bem Andrew, deixa que eu pago sua conta.

- Obrigado! Até amanhã.

Respondi e sai correndo depois.

RITUAL NA CASA DA PISCINA

Meia noite, casa da piscina, o velhinho proprietário viajou há alguns dias atrás e deixou sua funcionária tomando conta da residência, mas ela trabalhava somente até o pôr do sol e retornava na manhã do dia seguinte. O filho da funcionária, Steve, esperou a mãe adormecer para roubar as chaves da casa, pegar as bebidas escondidas no fundo da gaveta da cozinha e convocar os amigos para uma social ao som de rock n' roll na beira da piscina.

Nesse dia em específico, Steve enviou um SMS para uma turma dizendo que teríamos uma convidada especial e que rolaria uma cerimônia bem específica. Fui um dos convidados, logo após minha conversa esquisita com Claire no Rock Bar Pub. Um dos rapazes, vestido de preto, estava na porta recepcionando as visitas, a área da piscina estava coberta por velas acesas, em todos os cantos haviam pentagramas desenhados com sangue.

Steve me cobriu com um manto preto e afirmou - "Estamos iniciando uma nova seita a partir de hoje, a seita da luxúria de Asmodeus". Confesso que estava meio perdido, influenciado pelas bebidas sobrepostas às mesas, que desejava consumir, resolvi imergir naquela onda estranha. Doze jovens encapuzados criaram um círculo em torno da piscina, dentre eles, apenas um

não estava utilizando manto da cor preta, vestia vermelho e parecia o centro das atenções. Steve começou a proferir um poema folclórico que relacionava o diabo a morte de Martin, o tio de Peter, que naquela época completava dez anos do seu misterioso assassinato.

“O espírito da luxúria é governado por um dos sete príncipes do inferno, chamado Asmodeus. Este era um dos reis de Sodoma e Gomorra nos tempos bíblicos, governava a maior sede de pecados da carne que existiu na face da terra. Quando as pessoas são dominadas por esse demônio sedento por sexo, abandonam as leis naturais de Deus.”.

Eles repetiram esse trecho treze vezes, e adicionaram um a mais:

“Aqueles que se contrapõem às leis ditas naturais de Deus, e seguem a todos os ritos do quarto comandante do submundo, são concedidos com a graça de perambular no inferno como um espírito líder após a sua morte.”.

Tudo isso me soou como uma grande piada de pré-adolescentes que queriam pagar de satanistas, esperava que toda aquela presepada terminasse para consumir as bebidas alcoólicas da festa. Não imaginava que a situação pudesse ficar mais grave quando o rapaz de capuz vermelho revelou seu rosto.

Era Peter Harrison, o suspeito do assassinato de Kelly Black, os jovens formaram uma ciranda em sua volta, não pude reagir, fiquei paralisado e sem acreditar no que estava presenciando. Eles veneravam um suposto assassino, e estavam escondendo o mesmo da polícia. Diziam que ele era o escolhido, e que estava prestes a cumprir uma missão concedida pelo demônio.

Aparentemente, Peter estava dopado, suas pupilas estavam dilatadas e não conseguia reagir com perspicácia a tudo que estava acontecendo a sua volta. Por mais que não acreditasse em algum tipo de inocência, estava claro que não era da vontade dele estar ali, era um boneco de ventrículo nas mãos daqueles pseudo satanistas. Poderia denunciar todos eles para a polícia naquele momento e entregar o Peter, mas resolvi assistir mais um pouco.

- Entrem com o sacrifício!” - gritou Steve, e outros rapazes encapuzados, dessa vez de branco, surgiram do interior da casa carregando um caixão de madeira com a cabeça de um bode morto em uma das pontas. Em seguida, jogaram o caixão no centro da piscina, que ficou boiando na superfície.

O rito se tornou fúnebre. Peter, vestido de vermelho, entrou na piscina e em seguida entraram seus “súditos”, que dentro da água montaram um círculo em volta do caixão. Fui empurrado para participar, não queria me molhar, mas estava coagido, paralisado e um pouco em pânico. Steve pediu para que a tampa do caixão fosse aberta e me entregou uma faca.

- Andrew, como você é novo aqui, deverá fazer o que for pedido.

Segurei a faca sem entender o que fazer, até que finalmente abriram o caixão. Dentro dele estava Claire Clarkson, desacordada, como ela foi parar ali, não fazia ideia, havia a deixado no bar algumas horas atrás.

- Mate-a! - ordenou Steve.

Minhas mãos começaram a tremer, mas um certo instinto assassino estava circulando em minhas veias naquele momento. Claire aos poucos abria seus olhos e retornava a sua consciência, me aproximei do túmulo erguendo meus braços para penetrar seu peito com a lâmina. Quando me visualizou, ela gritou, não a tempo o suficiente para não ser atingida no peito.

Claire acorda, em 2020, no hotel em que sua família estava hospedada após a morte de sua irmã, Annie. Tudo não passou de um terrível pesadelo, muito parecido com o que tive há quinze anos atrás, naquela mesma noite, logo após conhece-la, como se alguma força desconhecida estivesse prestes a invadir a sua realidade, e deixar algum recado.

MENSAGEM DE TEXTO PREMONITÓRIA

Estamos no presente

Claire desperta, são meio dia, não havia conseguido dormir e passou boa parte da madrugada acordada. Tudo que aconteceu ainda perturbava a sua cabeça: o assassinato brutal de sua irmã; a certa sensação indigesta de culpa; o sentimento de que algo estranho estava acontecendo; o suicídio do seu aluno, Oman. Após o sonho, refletiu a respeito das lembranças confusas em relação a sua visita à Waterfall em 2005, sua mente fantasiava casos surreais e tenebrosos, e a única coisa que ela tinha consciência de ter realmente acontecido foi nossa conversa no Rock Bar Pub, uma única vez, sequer

lembrava do meu rosto ou do que conversamos naquele dia. Claire voltou para casa com outros professores após beber bastante no bar, e foi dormir para prosseguir com a feira de alimentos na escola no dia seguinte. Ela tinha a certeza de que nunca presenciou ritual algum com adolescentes encapuzados, muito menos com a própria dentro de um caixão.

Anthony Walter, seu esposo, enviou um recado de áudio algumas horas antes:

PLAY: Querida, não te acordei mais cedo pelos seguintes motivos. Deixei você dormindo mais um pouco pois sei que está bastante cansada e tensa com o que vem acontecendo conosco. Fui convocado de última hora para uma reunião no colegiado de artes com urgência, volto mais tarde, deixei uma garrafa de café cheia na cabeceira da cama do hotel, vou passar na delegacia e conversar com aquele detetive para saber que dia poderemos retornar a nossa residência. Beijos, te amo.

Visualizado.

Claire respondeu com outra mensagem de áudio:

PLAY: Tudo bem, querido, muito obrigada. Vou cuidar das crianças até você chegar, se puder, compre uma bebida no caminho de volta para o hotel, estou precisando, risos.

Ao se despertar mais um pouco após uma dose de café, se levantou, foi em direção ao quarto das crianças e percebeu que nem Jhony, nem Jordan e nem Bobby, o gato, estavam lá. Pensou que talvez os meninos tivessem saído para brincar com o tio Otto no playground do hotel. Então, Claire tirou sua camisola, vestiu uma roupa formal e desceu até a recepção do hotel, encontrando com seu sobrinho mais velho, Tommy Williams, conversando pelo celular.

- Tommy, você viu o seu pai ou as crianças?
- Meu pai saiu, disse que iria conversar com o detetive para saber quando vão liberar o corpo da minha mãe.
- Ele levou o Jordan e o Jhony?
- Ah... não, ele foi sozinho, os meninos ficaram no quarto.
- No quarto? Mas nenhum dos dois estão lá, você não viu nenhum deles

saindo?

- Desculpe, não vi nada.

Claire, ao perceber que Tommy respondia a todas suas perguntas olhando para o aparelho, se irritou e disse:

- Talvez se você parasse de mexer nessa merda por alguns minutos, não teria perdido seu primo e seu irmão. Caramba!

Tommy respirou fundo após a bronca, engolindo a seco e fingindo que não escutou nada. Claire saiu irritada em direção ao playground em busca das crianças, detestava a inércia e apatia de seu sobrinho, que não conseguia estabelecer qualquer diálogo com seres humanos reais por mais de dez segundos. Seu celular vibrou devido a uma solicitação, e, ao abrir, recebeu uma mensagem de um número anônimo.

ANÔNIMO

12:49 AM.

“Suas crianças estão na casa da piscina, Claire, venha correndo, uma delas vai morrer!”.

Claire se apavorou pela vida de seu filho e do seu sobrinho, mais uma morte na sua família estava prestes a acontecer. Perguntou para diversas pessoas no local em busca de alguma pista, muitos diziam que avistaram duas crianças saindo sozinhas do hotel e pegando um ônibus em direção ao cais - onde a residência dos Walters está localizada - carregando um gato no colo.

O maior empecilho é que o hotel fica a uma hora a pé do cais, e Otto levou o carro para ir até a delegacia. Iria demorar muito mais tempo, e por mais que pudesse se tratar de algum trote, ela não estava disposta a apostar suas fichas nessa possibilidade. Jordan e Jhony desapareceram do hotel e nenhuma testemunha local avistou alguma pessoa suspeita próxima das crianças.

Claire pediu um táxi no meio da rua e ligou para o detetive Roman Yamada, em busca de ajuda.

O terrível quartinho de brinquedos

Na delegacia, Otto aguardava na recepção para ser atendido pelo detetive Roman Yamada, desejava de qualquer maneira reaver o corpo de sua esposa para dar início ao velório. Tremia as pernas de tanta ansiedade e ironizava, em alto e bom som, o trabalho e atendimento dos policiais, acusando as autoridades de irresponsáveis por não obterem informação alguma a respeito do caso. Até que finalmente, Roman convida Otto para sua sala, na intenção de dispensar o grandalhão furioso o mais rápido possível.

- Quero o corpo da minha esposa agora! A família tem o direito de enterrá-la com dignidade, diante a Deus.

- Me desculpe, Sr. Otto Williams, - respondeu Yamada, com frieza - não será possível. Trata-se de um crime em que sua família está envolvida. Até a conclusão da autópsia, não vamos poder liberar o corpo da sua mulher.

Otto se ergueu violentamente de sua cadeira e segurou o detetive pela gola da camisa.

- Até quando vocês vão ficar cortando a minha mulher, até acharem o filho da puta que fez isso?

- Acalme-se ou terei que prendê-lo por desacato. Solte-me e sente-se agora!

Após Otto o soltar, Roman respirou um pouco e afirmou:

- Então... Trata-se de um homicídio que envolve a sua família, e no momento todos são suspeitos, até mesmo você, Sr. Williams.

Otto se levantou mais uma vez da mesa, com rispidez.

- Seu infeliz!

Proferindo isto, apunhalou o detetive no rosto, empurrando seu corpo contra a mesa. O telefone da sala tocava, era a Claire, mas devido a confusão armada pelo viúvo enfurecido, a atenção ao telefonema não foi

correspondida. Yamada gritou por auxílio policial, até que conseguiram conter Otto, que de relance ainda golpeou dois soldados antes do momento em que fosse detido de uma vez pela arma de choque.

- Você está temporariamente preso por desacato! – disse Yamada, retornando a sua integridade.

- Eu quero minha mulher! Eu quero minha mulher! - Otto gritava aos prantos, enquanto era arrastado para sua cela. Erick, agente auxiliar de Roman, se aproximou do seu colega que estava secando o sangue que escorria de sua boca e nariz, após o ataque.

- Detetive, o senhor está bem?

- Estou sim... Eu deveria ter imaginado que isso iria acontecer. Enfim....

- Então detetive, o que vamos fazer com esse cara?

- Vamos deixá-lo preso no momento, só por segurança, mas não acho que ele seja o culpado. Ele é só um viúvo em prantos pela morte da sua esposa.

- Bem passional, não acha? Acredito que possa ser um assassino em potencial.

- Talvez Erick, porém seja quem for o assassino não deixou rastros, é alguém muito inteligente e perspicaz. Duvido muito que tenha sido esse sujeito, já o descartei como suspeito a muito tempo.

- Entendi.

- Então, alguma notícia sobre a análise da câmera de segurança da casa? – perguntou o detetive Yamada.

- Sim, analisaram as filmagens, mas os minutos em que a Sra. Willians estava na cozinha foram estranhamente deletados. O laboratório afirmou que será possível recuperar esses arquivos e convertê-los através da metragem de recuperação, mas vai demorar alguns dias.

- Certo, isso já confirma a teoria de crime premeditado. Só alguém muito inteligente seria capaz de preparar um terreno assim, mande notícias o mais rápido possível sobre esse backup.

- Certo detetive, estarei as ordens!

O TRENZINHO DE JHONY

Na casa dos Walters, as crianças invadiram a residência, que estava coberta por faixas escritas “NÃO ENTRE – CENA DO CRIME!”, pela porta dos fundos. Jhony, que carregava Bobby no colo, foi liderado por Jordan, que

estava consumido por uma imensa cobiça pelos brinquedos no quarto do seu primo.

Como uma típica criança de classe média alta, filho de pais universitários, Jhony possuía uma coleção extravagante de brinquedos. Em um cômodo com mais de duzentos metros quadrados e coberto por um carpete, no centro, estava instalada uma mini ferrovia de brinquedo em miniatura, ativada por um controle remoto. Este brinquedo em específico é um dos mais cobiçados pelo seu primo Jordan, que morria de inveja de sua coleção exorbitante.

Ao lado do guarda-roupas, havia uma cristaleira que continha uma linha completa de *figure actions* dos mais diversos universos dos quadrinhos. Alguns ursos de pelúcia gigantes ficavam em volta da cama. Na escrivaninha havia uma variedade de livros juvenis, e uns três macaquinhos de brinquedo - com ativação eletrônica por horário e conexão *Bluetooth* - que seguravam instrumentos de percussão, o pequeno Jhony gosta de utilizá-los como despertadores.

Na porta do quarto, Jordan pediu para segurar o gato por alguns segundos. Jhony concordou e o garoto, assim que segurou Bobby, começou a puxá-lo pela cauda e balançá-lo de um lado para o outro. Jhony se irritou e empurrou Jordan contra a parede.

- Pare! Você tá machucando ele! – exclamou Jhony.

O gato caiu e fugiu corredor adentro da casa.

- Ei! O que você fez? Estava apenas brincando com seu gato, idiota!

- Não vou deixar mais você brincar no meu quarto, vamos embora agora! Temos que procurar o Bobby.

Cruzando os braços e manifestando um pequeno gesto receoso, Jordan concordou com seu primo que decidiu ir embora do local após a discussão:

- Tudo bem!

Jhony seguiu em busca de Bobby, e assim que virou as costas, foi golpeado na cabeça pelo seu primo com um abajur que estava em cima de uma mesa de vidro. Após desmaiar imediatamente, Jhony recebe, covardemente, mais dois golpes do mesmo objeto, enquanto estava estirado no chão.

Jordan riu e entrou no quarto, largando Jhony ferido gravemente, com um

sangramento na cabeça.

HORA DE BRINCAR!

Jordan entrou no quarto e trancou a porta. Ao estar no meio de tantos brinquedos que nunca teve a oportunidade de possuir, ficou encantado, e antes de se divertir com a miniatura da ferrovia que tanto admirava, resolveu encarar a cristaleira que guardava a coleção farta de bonecos do seu primo. Tendo em mente que são os brinquedos pelos quais Jhony possuía mais estima, resolveu causar alguns danos para deixar seu recado.

Jordan pegou um taco de baseball que ficava pendurado na parede e esbaforçou a vidraça da cristaleira, derrubando parte dos brinquedos de ação no chão. Ele retirou as prateleiras uma por uma e destruiu cada um dos bonecos. Durante o ato, esbarrou em uma das *figure actions*, desequilibrou-se e colidiu de costas com a prateleira; o garoto segurou o móvel a tempo de não deixar que caísse em cima de si mesmo, porém cortou uma das mãos em um dos cacos de vidro que restaram na beira da porta.

- Ai, droga! – gritou após soltar um palavrão em alto som. O menino tentou conter o sangramento com a própria blusa.

“Click”

- Que foi isso? - reagiu Jordan, após ouvir um som que se assemelhava a alguém pressionando um botão.

- J-Jhony? É você?

Sem resposta, Jordan seguiu em direção a ferrovia de brinquedo que estava localizada no centro do carpete, quando o trenzinho começou a caminhar pelos trilhos sozinho. Ao se assustar com o brinquedo, o garoto se aproximou gradualmente da ferrovia enquanto derramava no carpete o sangue que gotejava de suas mãos. O trenzinho aumentou sua velocidade ao passo que percorria seu trajeto, atingindo com força o calcanhar de Jordan, que, em um determinado momento, pôs seus pés no meio do percurso do brinquedo, caindo imediatamente no chão.

- Não consigo me mexer! – pensou Jordan.

Jordan sentiu seu corpo paralisado e não conseguia mais reagir ao cair. O trenzinho começou a andar de ré, fazendo o trajeto oposto. Para o garoto, era como se tivesse levado uma pedrada em seu calcanhar devido a dor, e agonizando, conseguiu se mexer aos poucos, arrastando lentamente o seu corpo para fora dos trilhos e deixando apenas parte do seu rosto nestes mesmos. O brinquedo atingiu Jordan mais uma vez, precisamente em seu rosto.

“Click”

Mais um som de controle remoto ecoou no ar.

O trenzinho parou de se movimentar, mas os macaquinhos de percussão que ficavam na escrivaninha do quarto - os que Jhony adorava usar como despertador - começaram a funcionar descontroladamente, os três brinquedos emitiam os sons dos diferentes instrumentos de percussão que utilizavam:

Um macaquinho segurava dois pratos, o outro segurava um tamborzinho e o último portava um xilofone. Juntos, e em sinfonia, simulavam um cortejo fúnebre em um tom alto e aterrorizante, algo muito além da capacidade funcional daqueles pequenos brinquedos. O som aterrorizava Jordan, que não conseguia fazer nada além de se arrastar no chão e agonizar de dor, espalhando o sangue de suas mãos que manchava todo o carpete.

“Click”

Novamente, o trenzinho começou a se movimentar, mais veloz do que da última vez. Jordan gritou apavorado e o brinquedo acertou a sua boca, destruindo a maior parte dos seus dentes de baixo. Mesmo fora da trilha, o trenzinho não cessava seus movimentos, adentrando goela abaixo do garoto e o sufocando aos poucos. Em um reflexo de dor e desespero, Jordan conseguiu se levantar cuspiendo o brinquedo de sua boca, junto com sangue e pedaços de dentes.

Jordan começou a chorar e gritar pela sua mãe, pai e até mesmo pelo nome do seu primo.

- Mamãe, me ajuda! Papai, cadê você? Por favor, por favor!

Até que visualizou Bobby em cima da cama, encarando-o e resplandecendo um olhar avermelhado, como o sangue que escorria de sua boca.

- Foi você! Foi você que matou a mamãe! – pensou Jordan.

Bobby se deitou na cama e começou a balançar sua cauda de um lado para o outro, como se estivesse manifestando tranquilidade ao perceber o estado deplorável de Jordan, que estava mancando devido a dor no calcanhar e sangrando pelas mãos e pela boca.

O garoto, enfurecido, parte para cima do felino na tentativa de matá-lo, quando percebe que a porta do quarto, que deixou trancada, se abre espalhando uma neblina densa que cobre Bobby, o fazendo se dissipar pelo ar. Jordan tropeça e cai na cama, o som emanado pelos brinquedos de Jhony aumenta, beirando o insuportável. O pobre garoto, sem esperanças de continuar vivo, chora e implora pela presença de sua mãe.

“Parou”

Jordan percebeu que todos os brinquedos pararam de funcionar depois que a neblina cessou. Ao observar a porta mais uma vez, reparou que o corpo do seu primo Jhony, que estava estirado no corredor depois ter sido golpeado, havia desaparecido do local.

- Jhony, cadê você? Me ajuda! - murmurou Jordan, se arrastando pela cama.

- Eu estou aqui! – disse uma voz similar à de Jhony, que ecoou por volta do quarto.

- Jhony? Onde você está?

Perseguindo o som da voz, Jordan redirecionou o olhar para os arredores do quarto. Ao tentar se erguer da cama, é atingido por uma facada nas costas com tamanha força que rasga sua pele e perfura as colunas torácicas. O algoz agarra o seu pescoço e, coercivamente, vira o garoto de barriga para cima. Ao agonizar-se de dor e com os sentidos reduzidos, por consequência do golpe - juntamente a uma visão turva - Jordan é surpreendido ao reconhecer a pessoa que o esfaqueou.

- JHONY!

Portando, na mão direita, a mesma faca responsável por quase extirpar Annie, Jhony pressiona o corpo do seu primo contra a cama, que estava paralisado após receber um golpe na coluna. Jordan, frente a frente com sua morte, começa a chorar de desespero e clamar pelo nome da sua falecida mãe.

- Mamãe! Mamãe, cadê você?

Ostentando um olhar avermelhado e expressão apática, Jhony pronunciou as últimas palavras antes de acabar com a vida do seu primo.

- Você vai encontrar a querida titia, no inferno!

Jordan é atingido por golpes de faca no pescoço, perfurando a veia jugular e espirrando uma grande quantidade de sangue no rosto de Jhony, que sem demonstrar algum tipo de repulsa, continua a golpear seu primo, desta vez no peito, perfurando a caixa torácica em torno de seis vezes. A criança tem seu estômago rasgado lentamente por um corte profundo da lâmina, deixando parte de suas vísceras à mostra. Como último ato, Jhony utilizou da faca para desenhar o número sete na testa da vítima.

Jordan morre por consequência de um choque hipovolêmico, seu sangue tingiu de vermelho a maior parte dos tecidos da cama e o carpete.

Coberto pelo sangue de sua vítima e aparentemente em estado de inconsciência, perambulando pelos arredores do quarto, Jhony visualiza mais uma vez o corpo de Jordan, que estava estirado na cama, e vê Bobby mastigando parte dos órgãos expostos do seu primo. O brilho vermelho em seus olhos se dissipa e o garoto apaga, desmaiando.

Jhony desperta, estava desmaiado no corredor após os golpes que recebeu de seu primo momentos antes de invadir seu quarto. Sua cabeça estava doendo e sangrando e seu coração acelerado, devido ao pesadelo que teve: sonhou que estava matando seu próprio primo com diversos golpes de faca. Procurou por Bobby, que surgiu em sua frente, o encarando com seus olhos castanhos e seus pelos brancos e brilhosos, porém banhados em sangue, que limpava com sua língua.

O menino percebeu que uma quantidade relativa de sangue escorria pela porta do seu quarto. Ao abrir, viu que o corpo do seu primo Jordan estava

estirado na cama da mesma maneira que sonhou, perfurado e com vísceras à mostra. Jhony agarrou Bobby no colo e, aos prantos, fugiu do local, sem perceber que a mesma faca que foi identificada pela polícia no crime anterior estava no bolso traseiro de sua bermuda.

Alguns minutos depois, Claire chega de táxi na porta de sua casa em busca dos garotos, ela utilizou uma das cópias do seu chaveiro para abrir a porta da frente, mesmo com a casa selada pela polícia para fins investigativos. O desespero para encontrar seu filho e sobrinho a fazia ignorar qualquer tipo de obediência à justiça naquele momento. Ao se aproximar do corredor, viu o abajur manchado de sangue no chão, apavorou-se ainda mais quando percebeu que da porta do quarto de Jhony escorria sangue.

- Não, o que aconteceu aqui?

Claire caminhou lentamente em direção ao quarto, e ao adentrar o cômodo, viu o corpo de Jordan em cima da cama; a cristaleira destruída; os brinquedos do seu filho no chão e sangue espalhado por todo o carpete. Não acreditava no que tinha acontecido, seu sobrinho foi assassinado com a mesma violência que a sua irmã, e não havia nenhum sinal do seu filho. Em pânico e prantos, gritou:

- NÃO!!!

Ao escutar barulhos de carros estacionando na porta da casa, viu pela da janela do quarto que se tratava da polícia forense, enviada para mais uma investigação relacionada ao crime anterior. Antes que pudesse gritar por ajuda, recebeu mais uma mensagem no celular.

ANÔNIMO

13:30 AM.

“Estou com o Jhony, Tommy Williams é o próximo!”.

Após visualizar a mensagem, Claire grita por socorro e é visualizada pelo detetive Yamada em um dos carros da perícia.

- Aquela é a Claire? O que ela está fazendo aqui?

Roman ordena a entrada imediata da escolta na residência, eles encontram a professora no quarto, em frente ao corpo de Jordan recém-assassinado.

Claire não conseguia emanar palavras corretamente devido ao tamanho pânico em que se encontrava, mas antes que pudesse explicar qualquer coisa, o detetive decretou sua prisão em flagrante. Ao ser detida e presa por homicídio de primeiro grau, tentou a todo momento explicar que encontrou o corpo ali e que o assassino está com seu filho e vai matar Tommy.

A polícia ignorou e Claire foi presa, o corpo de Jordan foi levado para investigação.

AFETOS LÍQUIDOS

DISTRAÇÃO

Na delegacia, Roman foi informado pela perícia que o garoto morreu às treze horas e vinte minutos da tarde, e conseguiu comprovar o álibi de Claire entrando em contato com o taxista, que garantiu, através do aplicativo, que a professora chegou na residência cerca de dez minutos depois do crime. O detetive pediu para o agente Erick buscá-la para um interrogatório.

Roman elaborava alguma maneira de contar ao já abalado Otto Williams a respeito do assassinato do seu filho mais novo. Neste momento, já tinha em mente que se tratava de um assassino em série, mas ainda não conseguia compreender alguns elementos do crime: trata-se de alguém da família? Ainda não era possível desconsiderá-los como suspeitos, mas seria uma terceira pessoa? No assassinato de Annie Williams não havia evidências ou rastros de qualquer indivíduo que não estivesse na residência naquela noite, por que o assassino em série está marcando na testa de suas vítimas uma contagem que se iniciou do número “seis”? Seria um imitador do “Destrinchador da Cachoeira”, de quinze anos atrás, ou algum fanático que deseja continuar o seu legado? Onde está o Jhony? Seria mais de um assassino, ou um só? Para esclarecer algumas destas dúvidas, somente com o depoimento de Claire, que momentos antes de ser presa tentava dizer alguma coisa.

Também era necessário efetuar uma busca aos outros suspeitos: Tommy Williams, filho mais velho e reprimido do casal Annie e Otto; a empregada Jéssica Fernandez, que não estava hospedada no hotel, e Anthony, marido da Claire. Na concepção do detetive, qualquer um dos três poderiam ter assassinado Jordan, por motivos ainda desconhecidos.

INTERROGATÓRIO: CLAIRE

Roman iniciou o interrogatório com Claire, enquanto a mesma tentava se

acalmar após o choque dos últimos acontecimentos.

- Primeiramente, peço desculpas pelo ocorrido, já comprovamos seu álibi com o taxista.

- Não quero desculpas, preciso achar logo o meu filho antes que alguém o mate.

- Já estamos atrás dele, mas primeiramente, o que te levou até a residência? Como encontrou o corpo do Jordan lá?

- Acordei um pouco mais tarde hoje devido a insônia, ainda estou angustiada com tudo que vem acontecendo, meu marido me enviou uma mensagem de áudio dizendo que teve uma reunião de urgência na universidade. Quando me levantei da cama, segui em direção ao quarto em que os meninos dormiam, mas nenhum dos dois estavam lá. Desci para a recepção do hotel e encontrei Tommy mexendo no celular, ele não fazia ideia do paradeiro dos garotos e o meu cunhado tinha saído com o carro. Tentei ligar para o senhor, mas não me atendeu.

- Você sabe que Otto está preso, né? - disse Roman, interrompendo.

- Por quê? - indagou Claire.

- Ele veio até aqui para reaver o corpo da esposa, queria o velório com urgência, estava estressado e muito abalado. Ele agrediu a mim e alguns policiais que tentaram detê-lo, tive que mantê-lo preso para que pudesse se acalmar um pouco mais. É possível que sua ligação tenha acontecido no meio dessa confusão, então não consegui te atender..., mas prossiga.

- Meu Deus... - disse Claire pausadamente com a mão na cabeça, manifestando desespero - e ele sabe da morte de Jordan?

- Ainda não! Vamos informá-lo em breve.

...

Após uns segundos de silêncio, Claire prosseguiu.

- Então, recebi esta mensagem de texto de um número anônimo - afirma Claire, mostrando o seu celular para Roman - diz que os meninos se encontravam na casa e que um deles iria morrer. Desesperada, eu pedi um táxi, quando cheguei encontrei Jordan morto daquela maneira horrível. O quarto estava completamente destruído, Jhony havia desaparecido e mais... Pouco antes de vocês chegarem ao local, recebi uma última mensagem de texto afirmando que Tommy seria a próxima vítima e que o meu filho estava

com ele. Agora estou desesperada.

- Mensagem de número anônimo? Mais alguém além da sua família e pessoas do seu círculo tem o seu contato, Claire?

- Não, só a Nina e alguns dos meus colegas de trabalho...

Erick entra na sala de interrogatório, interrompendo o detetive para repassar uma informação com urgência.

- Detetive, desculpe-me interromper, mas a polícia descobriu que um dos suspeitos, a empregada Jéssica Fernandez, desobedeceu às ordens de ficar em sua residência e está foragida da cidade. A força policial está atrás dela, ela deve estar com a criança.

- Certo!

- A Nina? - indagou Claire.

- Senhorita Claire, solicito que fique aqui para sua segurança, vamos atrás da suspeita e resgataremos o seu filho.

- Esperem - interrompeu Claire, levantando-se da cadeira - vocês precisam buscar o Tommy no hotel, ele pode estar correndo perigo.

- Fique aqui! - ordenou o detetive, sem dar ouvidos para a última fala da professora.

Para o desespero dos investigadores, uma multidão de pessoas se encontrava na porta da delegacia. A notícia do assassinato de Jordan se espalhou por toda Waterfall. Após alguma fonte interna vazar o acontecimento para a mídia local, jornais expressavam em caixa alta e negrito: “A professora Claire, da instituição de ensino superior local, é a principal suspeita no homicídio brutal de sua irmã e de seu sobrinho mais novo.”.

Como já havia abordado anteriormente, em razão do assassinato de Kelly Black há quinze anos atrás, morte de crianças e adolescentes é algo que comove toda a cidade. As pessoas condenavam Claire antes mesmo de qualquer tipo de conclusão da justiça e queriam sua cabeça a qualquer custo, a associação das famílias de Waterfall pedia a exoneração da professora de seu cargo na universidade.

Roman tentava conter a multidão enfurecida, afirmando que ainda não obtiveram nenhum tipo de conclusão em relação aos crimes, e que estavam atrás de um dos suspeitos. Por sorte, os detalhes dos homicídios não foram

relatados pela mídia, se a população soubesse que o assassino está imitando a assinatura do “Destrinchador da Cachoeira”, o imbróglio seria muito maior. O detetive ordenou que a polícia reforçasse a segurança de Claire, temendo alguma espécie de linchamento popular.

Amedrontada ao perceber a confusão em que estava metida, tentou ligar para o seu marido para relatar o que estava acontecendo, ou para saber se ele já tinha alguma informação a respeito. Precisava de sua presença naquele momento, porém todas as ligações caíam na caixa postal.

A LINHA TÊNUE ENTRE TESÃO E CARÊNCIA

Tommy Williams, filho mais velho do casal Otto e Annie, encontrava-se em seu quarto de hotel enquanto os fatos desastrosos envolvendo sua família aconteciam. Claire ligou diversas vezes para o garoto para tentar avisá-lo de que estava na mira de um assassino em série, mas ainda guardava mágoa de sua tia devido a bronca que recebeu mais cedo, ignorando assim todas as ligações.

Deixou o celular no modo silencioso e pôs o aparelho na cabeceira da cama, estava imerso em sua sensação de tesão e começou a se masturbar e se esfregar pelo colchão. Tommy sempre foi um garoto solitário, que reprimia sua sexualidade por conta de sua criação estritamente religiosa. Mesmo com a morte de sua mãe, seu pai ainda estava presente e sempre imprimia nos filhos um modelo de masculinidade que nunca serviu bem ao garoto. Neste sentido, posso afirmar com convicção de que Otto Williams é idêntico ao meu pai, Nicholas.

Como consequência, tanta repressão e falta de comunicação afetou a maneira na qual o rapaz se relacionava com as pessoas, nunca conseguiu manter nenhum tipo diálogo prolongado pessoalmente, e sempre esteve em busca de afeto. A única sensação de liberdade que tinha era a de se comunicar com outros rapazes em aplicativos de relacionamento gay, marcando encontros rápidos e sem compromisso.

Fazer sexo amenizava qualquer tipo de vazio existencial que sentia, mas ele mesmo tinha ciência que se tratava de uma cura momentânea, uma

sensação efêmera de liberdade. Assim que gozava e recebia “adeus” de cada rapaz com que transava, o sentimento de carência e abandono afetivo tomava conta de si mais uma vez. Tommy estava decidido a nunca mais apelar a esse tipo de relacionamento novamente para se sentir feliz.

Porém, sua libido estava interferindo em seu raciocínio, a dor pela morte da sua mãe alimentava sua sensação de tristeza e carência. Sem saber o que fazer para se acalmar além de se tocar, decidiu pegar o celular, quando vê uma solicitação de mensagem do seu aplicativo de encontros. O rapaz com quem conversava dias atrás, com o *nickname* “A-23” e sem foto do rosto no perfil, enviou uma nova mensagem. O jovem que dias atrás estava a 140 km de distância, mostrava em seu perfil no aplicativo que estava bem mais próximo de Tommy, pelo menos a algumas quadras do hotel:

A-23

- *Ei, está aí?*

Tommy refletiu um pouco mais antes de responder, não queria passar por cima de sua própria decisão de nunca mais se meter nesse tipo de encontro. Por mais que não houvesse nada errado em marcar um sexo casual com outra pessoa, naquele momento de luto soava impróprio, entendia que precisava dar um tempo desse tipo de coisa para não se machucar mais uma vez.

Lutando contra os próprios desejos, bloqueando e desbloqueando o celular diversas vezes, decide responder à mensagem:

- Estou sim, tudo bem?
- Nunca mais conversamos, risos.
- É... aconteceram umas coisas bem tensas comigo ultimamente, precisava dar um tempinho.
- Tudo bem, está a fim de algo hoje?
- Não sei cara, você está aqui em Waterfall?
- Sim, quero te ver.
- Nunca vi o seu rosto, tem foto?
- Não mando foto do rosto cara, sou discreto.
- Então não vai rolar, tchau.

Tommy bloqueia o aparelho e decide não responder. Segundos depois, o celular enviou mais três notificações do aplicativo, mesmo relutante, ele

decide averiguar. A-23 enviou fotos de seu pênis ereto para chamar sua atenção. Imerso pela vontade de fazer sexo, decidiu responder.

- Tem local? Estou em um hotel com minha família, a qualquer momento eles podem brotar por aqui.
- Tenho sim, vou te mandar localização.
- Beleza, estarei aí em vinte minutos.
- Estou esperando.

Após marcar o encontro, preparou-se no banheiro, decidido de que seria a última vez em que usaria o aplicativo.

Disse para si mesmo que iria desinstalá-lo depois dessa transa, mas que não podia resistir, precisava se aliviar de alguma maneira, e não conhecia outro modo para repelir a sensação de tesão misturada com carência, luto e angústia. Claire ligou mais uma vez, Tommy decidiu atender depois de ignorá-la por todo esse tempo.

- O que foi?
- Querido, pelo amor de Deus, onde você está? Preciso falar com você urgente, está corren-
- Vai se fuder! - xingou, interrompendo Claire.

Tommy desliga o celular no meio da ligação e resolve tomar um banho.

CONTATO IMEDIATO

Tommy se retirou do hotel em que estava hospedado e deixou um bilhete com a recepcionista, com o endereço da pousada em que “A-23” se encontrava:

- Avisa a Claire, caso ela chegar, que fui me encontrar com um amigo da universidade que mora na cidade.

E partiu, no meio do caminho, enquanto atravessava a faixa de pedestres. Visualizou Bobby sozinho parado na calçada, coberto de sangue, que desapareceu de sua vista em milésimos de segundos depois. Acreditando que se tratava de alguma espécie de miragem, seguiu seu caminho normalmente.

O rapaz que se autodenominava no aplicativo como “A23” estava hospedado em um hotel próximo, bastava atravessar a rua. Chegando no local, pediu para a recepcionista interfonar para o quarto. Tommy abriu o aplicativo para avisar que já tinha chegado e que estava esperando a autorização para subir.

A-23

- Pode subir, estou no apartamento 13.
- Estou indo – disse Tommy.

Ao chegar na porta, tocou a campainha do apartamento três vezes. Sem obter algum tipo de resposta, e percebendo que a porta estava destrancada, resolveu abri-la.

- Oi... Você está aí?

Notou que várias fotos e páginas de jornais estavam espalhadas pelo chão, curioso, verificou uma por uma. As matérias continham textos a respeito do misterioso assassinato de Martin Harrison, tio do Peter. As fotografias eram cópias das imagens do corpo da vítima, que foram divulgadas em um blog antigo na internet no início dos anos 2000. Tommy ficou horrorizado com a trágica morte do rapaz e enojado com os textos pretensiosos dos boletins.

JOVEM GAY É MORTO A PAULADAS

HOMEM GAY MORRE COM GESTOS PERVERTIDOS

IRMÃO DE POLICIAL TEM PEDAÇO DE MADEIRA PENETRADO EM SUA REGIÃO ÍNTIMA

Todos os textos tratavam Martin como uma mera estatística, algumas colunas sequer citavam seu nome, destacavam maliciosamente a forma através da qual ele foi brutalmente assassinado, evidenciando a sua sexualidade para chamar atenção dos leitores. Para Tommy, as matérias eram sensacionalistas e espetaculosas, a mídia tentava se promover em cima de uma tragédia de maneira preconceituosa. Em sua concepção, visualizar aquelas fotografias engatilhava um trauma desnecessário.

Só conseguia se perguntar o porquê de uma pessoa ter espalhado esses tipos de figuras no chão do apartamento. O medo começou a tomar conta de sua cabeça, pensava em se retirar enquanto tivesse tempo, temia que tivesse caído em uma armadilha. Tommy seguiu em direção a porta, quando o rapaz surge de toalha em sua frente, o assustando.

- Você ia embora? Estava no banheiro, não percebi que você já estava aqui dentro, me desculpe.

O rapaz ostentava um porte físico bem comum, alto, magro, barbudo e com olhos castanhos, aparentando ter em torno de vinte e cinco anos.

- Você... está aqui tem quanto tempo? - perguntou Tommy.
- Cheguei ontem.

A-23 notou que Tommy segurava uma das fotos que estavam espalhadas pelo chão. Percebendo seu semblante de desconfiança, tentou acalmá-lo.

- Estudo jornalismo, vou publicar um texto que fala sobre crimes como esse. Não se assustou, né?

- Um pouco - respondeu, demonstrando um leve incômodo - essas coisas me deixam um pouco abatido.

- É, a mim também, mas são ossos do ofício, não é? - concordou sinuosamente - estou pronto, vamos? Você é ativo ou passivo?

- Eu... sou passivo.

- Tudo bem, você tem uma bunda bem gostosa.

Os jovens se beijaram e seguiram em direção ao quarto. Em frente a cama, movido pela curiosidade, Tommy interrompe e questiona.

- Você não falou seu nome até agora, gosto de saber quem é a pessoa com quem vou transar antes de qualquer coisa.

- Tudo bem.

O rapaz alterou seu semblante repentinamente, apresentando uma expressão facial fria e apática. Se aproximou lentamente encostando seus lábios próximos aos ouvidos de Tommy, sussurrando, aos poucos, o seu verdadeiro nome.

“BO... BBY...”

Rindo ao perceber a semelhança com o nome do gato de estimação de Jhony, perguntou

- Bobby? Sério mesmo?
- Algum problema?
- Nenhum, achei engraçado, o gato do meu primo tem o mesmo nome que o seu.

Ao levar na esportiva, respondeu:

- Tudo bem, já escutei isso várias vezes.

Após o curto diálogo, Tommy retira suas roupas, ambos se beijam e iniciam uma preliminar. Bobby pede para que seu parceiro fique de costa, que movido pelo tesão do momento, cedeu.

Tommy gemia de olhos semiabertos enquanto seu corpo era acariciado pelo seu parceiro, que se preparava antes de iniciar o ato. Ao abrir os olhos, em uma fração de segundos, visualiza um gato branco de olhos vermelhos e coberto de sangue na sua frente - idêntico a Bobby - em cima da cama. Se assustando e interrompendo o ato, exclama:

- Você... tem um gato? Ele está...

De quatro, Tommy é atingido por uma facada por trás, e gritando de dor, se vira e percebe que o rapaz com quem estava prestes a transar o esfaqueou. Bobby, o garoto, ostentava um olhar estranhamente escarlate e um repentino comportamento violento.

- O que você está fazendo? - gritava Tommy, enquanto se contorcia de dor pela cama, se esparramando pelo sangue que saía de seu reto.

- Sabe o que mais gosto naquelas fotos, Tommy? - disse Bobby, enquanto pressionava sua vítima contra a cama - é que você vai morrer da mesma maneira.

Bobby joga a faca no chão e pega um pedaço grande de madeira que escondia atrás das cortinas do quarto. Ao perceber a expressão de desespero e

pranto de sua vítima, ordena que expresse suas últimas palavras antes de morrer. Mas antes de conseguir falar qualquer coisa, enquanto se banhava em lágrimas, Tommy é atingido por uma paulada na boca, que arrebenta seus dentes.

Utilizando o pedaço de madeira ensanguentado, desfere mais seis golpes contra o rosto da vítima, desfigurando-a completamente. Bobby segue golpeando o corpo de Tommy por cerca de vinte e seis vezes - o mesmo número de pauladas que Martin recebeu no dia do seu assassinato - até finalmente morrer, espalhando sangue nas paredes, cortinas e em quase todos os arredores do cômodo.

Bobby colou as fotografias do corpo de Martin Harrison morto em 1995, uma por uma, na parede em frente a cama; montou o cadáver na mesma posição sugestiva da foto, riscou o número oito nas costas da vítima com a lâmina da faca e penetrou o pedaço de madeira ensanguentado no orifício traseiro de Tommy. Com o celular da vítima, fotografou a cena e enviou para os números de Claire e Otto.

Ao encarar o gato - Bobby - que surgiu novamente, desta vez, em cima da escrivaninha, o rapaz corta seu pescoço dando fim a própria vida. O gato se moveu em direção a cama, miando para alguma pessoa que está embaixo dela.

Uma voz infantil ecoou de lá, o pequeno Jhony, que desapareceu após a morte de Jordan, estava embaixo, escondido. Jhony escutou e presenciou todo o assassinato do seu primo mais velho. A criança não demonstrou qualquer tipo de sentimento quando saiu de seu esconderijo, avistou os corpos ensanguentados e estirados no quarto, agarrou seu pet e saiu do apartamento, fugindo mais uma vez.

ELES PERDERAM MUITO TEMPO

Roman, acompanhado de um grupo de policiais, apreendeu a ex-empregada doméstica da família Walter como suspeita. Jéssica, conhecida pelos seus patrões como “Nina”, a todo momento afirmava que fugiu por puro medo, temendo ser a próxima vítima e que não teve nada a ver com as mortes de Annie e Jordan.

Quando pegou o ônibus para tentar sair da cidade, portava apenas uma mala e documentos, sem faca, mancha de sangue na roupa ou qualquer tipo

de arma. Yamada concluiu que a suspeita precisaria de mais um pouco de tempo para matar Jordan, se limpar, voltar para casa, arrumar as malas, comprar a passagem e ir para o ponto de ônibus. Mas no momento, não poderia descartá-la como suspeita do assassinato de Annie Williams, a primeira vítima.

Mesmo se o crime tivesse sido premeditado, a busca por Jéssica ocorreu minutos depois da morte de Jordan, e considerando a distância entre a casa dos Walters, a residência da doméstica, o ponto de ônibus e o engarrafamento comum no horário em que tudo aconteceu, haveria necessidade de uma agilidade surreal para o crime ter sido executado em tão pouco tempo.

A polícia distanciou violentamente população revoltosa, que ainda se manifestava contra Claire na porta da delegacia. O detetive escutou gritos fortes que saíam de fora de uma das salas de interrogatório, seguidos de tiros.

Roman, Erick e Jéssica correram em direção a sala, apavorados, no meio do pânico causado na delegacia de polícia. Ao adentrarem na sala, encontram Otto Williams atirado no chão. Otto tirou a própria vida com um tiro na boca. Um dos policiais presentes na cena afirmou que recebeu ordens do próprio Yamada para liberá-lo da prisão preventiva, e ao devolver seus itens pessoais, o viúvo se descontrolou após visualizar uma mensagem em seu celular, entrou em prantos, golpeou dois agentes e apanhou um dos revólveres do coldre do policial que estava presente na sala, se matando. Ao visualizar a foto, viu que se tratava da fotografia enviada por um rapaz que se apresentou com o nome Bobby, após ter assassinado Tommy.

A foto ilustrava explicitamente a situação do cadáver do primogênito de Otto, com um pedaço de madeira penetrado em seu reto. O enquadramento permitia que as fotografias que Bobby colou na parede ficassem visíveis de uma certa distância. Mais uma vida foi ceifada, e desta vez, a família Williams foi dizimada pelo assassino em pouco tempo. O pai não apresentou resistência psicológica a tanta tragédia, e mesmo sem ciência da morte do seu filho mais novo, a foto do cadáver de Tommy em uma situação humilhante como aquela foi o estopim que restava para que aquele pai de família abalado cometesse algum tipo de loucura.

A polícia perdeu tempo demais atrás de Jessica e, enquanto isso, mais uma pessoa morreu e o pequeno Jhony continua desaparecido.

Para Roman, restava apenas um único suspeito: o professor Anthony Walters, marido de Claire, que não atendia as ligações da esposa e

encontrava-se desaparecido. Yamada ordena então duas buscas, uma na universidade de Waterfall, e outra pelo corpo de Tommy.

No outro setor da delegacia, o agente Erick encontrou Claire desmaiada no chão ao lado do seu celular, a professora recebeu a mesma fotografia enviada por Bobby. Em desespero, ele ordenou que a emergência encaminhasse a moça para o ambulatório o mais rápido possível. Roman acompanhou senhorita Walters, que começou a ter espasmos involuntários em seu estado de inconsciência.

...

Desacordada, Claire sussurrava pelo seu filho diversas vezes:

- Jhony... Jhony... não faça isso.

O detetive Yamada estranhou a fala de Claire, que mesmo delirando, suspeitava que a professora estivesse tentando revelar alguma coisa. Naquele momento, não restavam mais alternativas, a polícia precisava encontrar Anthony e Jhony a tempo de não acontecer outra tragédia.

A MÍDIA CHEGOU ANTES

A polícia conseguiu chegar até o local do crime rastreando a localização pelo celular de Tommy Williams. Para a infelicidade do detetive Yamada, alguns jornalistas já cercaram o hotel, e disseminaram minutos antes uma informação que os investigadores tentaram esconder a qualquer custo: a assinatura dos crimes.

A mídia local espalhou em pouco tempo, para todos de Waterfall, a semelhança dos crimes recentes com os da assinatura do “Destrinchador da Cachoeira”. O medo e o caos retornaram à cidade, alguns folhetins destacavam em seus títulos: “O Retorno do Destrinchador”, com a foto de Claire Walter como principal suspeita. Criaram suposições acerca da professora, na mesma proporção em que outros veículos relembaram da morte de Martin Harrison, devido à similaridade do *modus operandi* e da forma na qual o corpo de Tommy foi encontrado.

Talvez a maior tragédia tenha sido o vazamento da foto do cadáver de Tommy Williams, estirado na cama de hotel em posição sugestiva. A

fotografia foi postada no Twitter por uma conta anônima e compartilhada por toda internet. A justiça, e alguns usuários, tentaram contê-la através de denúncias, mas a curiosidade da população estava aguçada: fazia mais de uma década que crimes com tamanho requinte de crueldade não ocorriam no local, o que fez o pânico se espalhar novamente. O suposto assassino ainda estava solto e algumas pessoas atribuíam a culpa a Claire.

O mal-entendido ocasionado pela mídia obrigou a polícia a liberar alguns detalhes cruciais acerca da investigação, para a segurança dos suspeitos. Dentre eles, o fato de que o suposto assassino ainda estava à solta; de que o homicídio de Tommy Williams aconteceu enquanto a professora Claire estava na delegacia, descartando-a neste caso enquanto suspeita e de que seu filho, Jhony Walter, estava desaparecido, e provavelmente foi sequestrado pelo assassino. Infelizmente, a polícia perdeu ainda mais tempo liberando informações para que se impedisse uma balbúrdia maior acerca do caso. Passaram-se algumas horas, e nesse desperdício de tempo o garoto já poderia estar em qualquer local distante de Waterfall, ou mesmo fora.

UMA MENSAGEM ESPIRITUAL

Deitada no leito do ambulatório e recobrando seu estado consciência, a Sra. Walter percebe que aos poucos surge um rapaz de manto preto e encapuzado, sentado em uma cadeira ao lado do seu leito, assim como aqueles diversos rapazes em seu último sonho ritualístico. O jovem revelava seu rosto enquanto emergia gradativamente de uma neblina densa e fria, a mesma neblina que protagonizou alguns elementos sobrenaturais de suas últimas experiências oníricas, tais como o encontro com o gato na rodovia, o devaneio com seu ex-aluno, Oman, e o esquisito sonho no qual assassinava brutalmente sua irmã mais velha, Annie Williams.

Após surgir como uma epifania, o rapaz misterioso se manteve imóvel na cadeira.

- Quem é você? – perguntou ela, atordoada.
- Meu nome é Steve, Sra. Walter. - respondeu, sussurrando com ar de mistério.

- Steve? - perguntou Claire, coxeando-se na cama na tentativa de se levantar.

- Estou aqui, em sua consciência, você deve entender o que está acontecendo com sua família. É a única maneira de escapar deste pesadelo. - disse o espírito, escondendo suas mãos por dentro do manto, como se estivesse prestes a retirar algum item de lá.

- O que está acontecendo? Você sabe quem está matando a minha família, Steve?

Steve se levantou aos poucos e se aproximou de Claire, segurando em mãos um caderno preto ilustrado com um hexagrama, seguido de dois conjuntos de iniciais misteriosas, as quais se referiam a nomes até então desconhecidos pela mesma, e uma data:

30/05/2005

Confusa, Claire segura sem relutância o caderno preto que emanava uma energia sombria e densa. De suas páginas, escorria uma quantidade expressiva de sangue fresco, que sujaram suas mãos e braços.

- O que está acontecendo? - perguntou Claire, assustada.

- A você é dado o poder de mudar tudo! – respondeu Steve, com afinco. - Ele derramou fora do seu ciclo...

Após mandar a última mensagem, Steve desaparece.

Os rastros de sangue que transbordaram das páginas do caderno se transformaram em pequenas poças no chão, que se uniam e aumentavam gradativamente até que formassem um riacho vermelho, que cercou todo o cômodo.

Dentro de alguns minutos, o sangue estaria prestes a cobrir todo o leito hospitalar [...]

O Início do legado: O Destrinchador da Cachoeira

A história do legado do “Destrinchador da Cachoeira”, tão comentado pela mídia e pela população de Waterfall, começou de forma bem peculiar. Kelly “Black” não foi sua única vítima no ano de 2005, uma série de mortes e assassinatos aconteceram posteriormente - os quais detalharei melhor a respeito em breve. Contudo, para desde já ser mais específico, mais quatro pessoas foram mortas com os mesmos traços de crueldade e quase que com o mesmo *modus operandi* do assassino de Kelly, todas marcadas com numerais em suas respectivas testas.

Mas como a mídia ligou esses fatos antigos com os crimes recentes que aconteceram com a família de Claire em tão pouco tempo? O nível de brutalidade do assassinato com suas vítimas é basicamente o mesmo, e o mais importante, ele começou a marcá-las a partir do número seis, como se estivesse dando sequência ao plano do destrinchador. Para a justiça, não se tratava do mesmo homicida de quinze anos atrás, seria impossível, já que o mesmo morreu em uma ação da polícia. Mas também não havia traços de uma terceira pessoa além dos próprios membros da família, pelo menos não nas mortes de Annie e Jordan.

Nem Jéssica (Nina) e nem Claire eram as responsáveis pelas mortes de Tommy e Jordan, apesar de ainda serem suspeitas em potencial - mesmo que de forma improvável - no caso de Annie. Otto se matou por não ter conseguido suportar tantos desastres cumulativos. Para o detetive Roman, Jhony não teria força suficiente para cometer assassinatos a um nível tão brutal. Assim sendo, restava apenas um último suspeito válido, que ainda estava desaparecido: o pai da família, Anthony Walter. No entanto, creio que ainda restem dúvidas em relação a identidade do verdadeiro “Destrinchador da Cachoeira”, que havia começado uma matança brutal no ano de 2005. Pois bem, hei de revelá-los sua identidade neste exato momento.

Semanas depois da morte de Kelly, e um pouco depois da feira de alimentos da professora Claire, na escola, minha vida doméstica caiu em um verdadeiro caos. Meu pai, Nicholas Garcia, elevou o seu nível de

agressividade e começou a trocar a violência psicológica pela violência física: agredia minha mãe diversas vezes na minha frente. Até que um dia, Christine recordou de seus tempos de garota liberal dos anos oitenta, e fugiu de casa. O maior problema em relação a sua fuga é que minha mãe não quis me levar com ela, me deixou sozinho com o Sr. Garcia, que já estava em um nível de alcoolismo similar ao do pai de Peter. Para a sua sorte, estava prestes a se aposentar naquele ano, já que não conseguia mais trabalhar de fato.

Quando criança, pouco depois de ter sido abusado diversas vezes por Peter e pelos seus amigos, no dia do “esconde-pinga”, o menino que não conseguia se expressar para as outras pessoas se tornou cada vez mais introspectivo. Pude extravasar alguns sentimentos através de desenhos mal feitos, que produzia em meu caderno escolar. Também escrevia alguns textos metafóricos - na verdade, sem muito sentido ou ordem textual, quase que ilegíveis - relacionados às coisas que passei naquele sábado de pizza, no jogo de esconde-esconde e no que sentia em relação ao meu pai. Sempre tentava de alguma maneira fazer com que minha mãe tivesse algum tipo de acesso às minhas cartas, queria que ela soubesse de tudo, de algum jeito. Sempre que conseguia deixar alguns dos desenhos ou cartas em sua bolsa, ela pensava que se tratava de lixo e jogava fora, nunca pude mandar a minha mensagem para ela. Depois de um tempo, percebi que todo o esforço era inútil, e resolvi guardar todos os sentimentos para mim mesmo.

Em uma segunda-feira, naquele ano de dois mil e cinco, a população realizava manifestações e passeatas pedindo justiça pela morte de Kelly. A polícia ainda não tinha encontrado o principal suspeito: o Peter, que foi visto perseguindo a vítima por uma testemunha anônima na noite do Rock Bar Pub. Jonas e Madelline Harrison negavam a qualquer custo que escondiam seu filho ou a arma do crime em sua casa. Em um dia específico, foi até mesmo solicitado um mandado de busca, e de fato não encontraram nada, nem Peter, nem a faca.

Tomas, viúvo de Martin Harrison (o irmão de Jonas), estava presente na sede do tribunal de justiça junto com um advogado, na tentativa de reaver o caso do seu falecido marido. Ele tinha convicção de que Jonas estava envolvido no assassinato e que arquivou a investigação. Ele não tinha provas o suficiente, mas tinha o apoio popular ao seu favor, que desconfiava de Peter e da família Harrison.

As pessoas não se importavam de fato com a morte de um rapaz homossexual que ocorreu nos anos noventa, mas o rumor e a comoção com o

assassinato atual de uma menina inocente ligavam uma revolta à outra. Isso era o suficiente para que as pessoas jogassem qualquer tipo de coisa na casa de Jonas e Madelline: ovos crus, tomates podres, pedras e até mesmo um molotov. Não que comoção popular fosse o suficiente para reaver um processo, mas ajudava a pressionar a justiça a tomar algum tipo de posicionamento.

Nesse mesmo dia, Jonas Harrison apareceu na sede do tribunal sob as vaias de várias pessoas, principalmente da fofoqueira Lita Holtz, que sempre gostou de colocar fogo na lenha por qualquer tipo de coisa. Para confrontar o seu ex-cunhado, ambos trocaram socos, e desta vez rolou uma briga bem mais violenta do que da primeira. Jonas arremessou Tomas diversas vezes contra a parede, que contra atacou com chutes nas partes baixas do velho. Trocaram até mesmo golpes dignos de uma briga de rua, por incrível que pareça, até serem apartados tardiamente, quando ambos já escorriam sangue de seus narizes.

A cultura de Waterfall impedia que qualquer tipo de confusão fosse interrompida em seus primeiros momentos, a população sempre gostava de ver a desgraça acontecer, era um espetáculo à parte, só interrompiam caso o resultado se tornasse muito gráfico. Se essa briga tivesse acontecido hoje em dia, teria sido filmada com algum smartphone e postada no Youtube e em outras redes sociais, acompanhada de algum tipo de título sensacionalista, resultando em uma espécie de meme.

Essa última briga entre ex-cunhado e viúvo rendeu ainda mais problemas para os Harrisons, não bastava Peter ter a fama de valentão, desequilibrado e mal-encarado, o pai estava adquirindo o mesmo tipo de reputação. E como se a situação não pudesse piorar, semanas e mais semanas se passavam e ninguém encontrava Peter, o que deixava a população cada vez mais enfurecida.

A má índole do seu ex-colega de trabalho deixava o meu pai cada vez pior: abandonado pela esposa, sentindo-se menos “homem” do que antes, se afogava cada vez mais na bebida e não saía de casa, sequer a arrumava. Nossa residência virou uma verdadeira zona neste período, e como sempre fui o único que auxiliava minha mãe nos serviços domésticos, fiquei sozinho tomando conta da casa e de um velho adulto que se comportava como uma criança mal educada.

Meus momentos de diversão se resumiam a frequentar o Rock Bar Pub e beber a noite toda. De vez em quando, assistia meus documentários

criminais, às vezes com às vezes sem a presença do meu único amigo James. James se tornou gradativamente distante na minha vida, não me importava com isso, confesso que às vezes torcia para ele desaparecer de uma vez por todas; até que um dia, o imbecil o fez, me deixando sozinho como sempre quis.

Em um dos meus dias televisivos, um documentário específico comentava a respeito da influência da mídia na resolução ou no desastre da investigação de alguns crimes. Percebi que era um fetiche comum do jornalismo sensacionalista criminal apelidar os assassinos de alguma maneira, apagando suas identidades e os transformando, futuramente, em algo parte da cultura popular. De fato, isso realmente acontece, os filmes de terror pegam essas influências em alguns dos seus títulos de *slashers* clássicos, há uma série de criaturas homicidas que ficaram conhecidas por seus apelidos: O Assassino do Zodíaco; O Açougueiro de Rostov; O Canibal de Milwaukee (Jeffrey Dahmer); O Filho de Sam; O Gorila Assassino; O Maníaco do Parque; etc.

Esses tipos de “espetacularismos” por parte da mídia causavam uma série de problemas para a justiça e efeitos sociais desastrosos, tornava um suspeito culpado antes de qualquer tipo de conclusão, ajudando a fomentar uma espécie de linchamento social desnecessário, e quando o suspeito era provado inocente a vida da pessoa já estava completamente arruinada. Algo do tipo aconteceu com uma garota americana em um crime que ocorreu em uma república na Itália, a mídia apelidou a garota de “*Foxy Knox*”, em livre tradução, “Knox Maliciosa”, um apelido constrangedor baseado em sua vida sexual, tratando-a como uma espécie de predadora assassina.

Este é um exemplo clássico e nítido de como a mídia pode ser filha da puta e apressar uma investigação mais que o necessário, levando a conclusões precipitadas e condenações duvidosas, adiantadas através de uma pressão popular que deseja a qualquer custo colocar alguém na cadeia, mesmo que sua vida seja prejudicada posteriormente caso sua inocência seja provada.

Em outros casos, a população cria um fetiche bizarro pelo assassino. Um exemplo é a história do Maníaco do Parque, que matou e estuprou mulheres no Brasil. Sua fama rendeu até mesmo cartinhas de amor depois de preso e um “casamento”. Querendo ou não, as pessoas adoram um assassino em série, adoram um assassinato e todo tipo de entretenimento que essas tragédias que envolvem vidas podem proporcionar. Eu tenho total ciência disso, passei anos da minha vida, desde pequeno, assistindo a estes conteúdos.

Apagar a identidade verdadeira de um assassino em série é um tiro no escuro por parte da mídia e por parte da população que compra esses pseudônimos, dignos de qualquer revista em quadrinhos ou livro de suspense. Muitas vezes, se o cara for inteligente de verdade, o que não é o caso da maioria dos psicopatas - sim, eles não são gênios, poucos o são e a maioria tem uma inteligência comum -, irá se aproveitar deste recurso para nunca ser encontrado. Alguns conseguiram essa proeza e nunca mais foram rastreados pela polícia, como é o caso do “Assassino do Zodíaco”. Esse cara existiu, e foi tão à frente da justiça que o seu legado resultou em um conjunto de produtos multimídia da indústria das artes: séries, filmes e livros foram produzidos para contar a sua história.

Em outros casos, alguns desses psicopatas deixam o narcisismo ultrapassar as barreiras do raciocínio e agarram a fama para conseguirem prestígio, e, devido a tanto exibicionismo, são pegos e presos; alguns por que querem, outros não. Mas o efeito de serem imortalizados na história já se concluiu.

UM FATO ESTRANHO NA FAMÍLIA HARRISON: O INÍCIO DO LEGADO

Ninguém havia conseguido encontrar Peter até então, mas algo aconteceu em um sábado.

Outro crime bárbaro:

O viúvo revoltoso foi encontrado morto na pousada em que estava hospedado, às sete horas da noite, por um caseiro. Tomas foi golpeado diversas vezes com golpes de faca, por sinal, a mesma usada para golpear Kelly, em um cenário grotesco com sangue espalhado por todo o quarto. O assassino, não satisfeito em tirar a vida de sua vítima, abriu uma fenda em suas genitálias, deixando suas vísceras à mostra.

Em sua testa, estava escrito o número dois, simbolizando um segundo assassinato. Para a mídia, não restavam mais dúvidas de que se tratava de um assassino em série, e que Kelly Black foi a primeira vítima, a polícia precisava caçar o suspeito com urgência.

A notícia se espalhou como os ventos de um furacão, dezenas de manchetes relataram a morte de Tomas e Kelly Black como sendo vítimas de um assassino em série. A polícia fez diversas rondas pela cidade e bloqueou

as estradas atrás de Peter, que estampava a capa dos jornais.

A partir daí, os jornais batizaram o autor do crime de “O Destrinchador da Cachoeira”. O nome praticamente artístico dado pela mídia tem um significado: “Destrinchador”, porque esfaqueava suas vítimas diversas vezes - como fez com Kelly - e rasgava os corpos expondo os órgãos - como aconteceu com Tomas - e “Cachoeira”, devido ao fato da primeira vítima ter sido encontrada na cachoeira, no quiosque mais frequentado da cidade, o “Cana & Amor”. Mas como provavelmente não era uma regra, o título também servia para simbolizar o nome da cidade, Waterfall, pois se tratava do primeiro assassinato do gênero que surgiu entre nós.

A população estava revoltosa e resolveu tomar ações próprias. Na travessa onde morava, pude ver um aglomerado de pessoas todos os dias em frente à porta dos Harrison, atrás de respostas.

Por incrível que pareça, esse acontecimento refletiu na minha vida pessoal. Na manhã seguinte, acordei com a casa praticamente vazia, na mesa da cozinha havia um bilhete escrito à mão colado em cima de uma maleta: era um recado do meu pai. Ele deixou a casa e sumiu para algum lugar, não disse para onde, mas afirmou que deixou uma quantia em dinheiro significativa na maleta. Acredito que meu pai não suportou ver o linchamento social pelo qual seu único amigo estava passando. Eu sabia que o velho estava sendo torturado por uma tensão psicológica gigantesca, mas não imaginava que era o suficiente para abandonar o seu emprego e seu único filho.

Honestamente, esse abandono não significou nada para mim, aquele filho da puta nunca foi um pai presente, e desde que minha mãe o deu um chute na bunda por ter virado um cuzão agressor, tornou-se um estorvo dentro de casa que só fazia beber e ficar deitado em sua poltrona. A única coisa que me abalou em sua ausência foi que o miserável levou todo o estoque de bebidas que tinha na dispensa, para minha sorte, dias atrás havia escondido uma garrafa de vodca no meu quarto, que resolvi secar após ler o bilhete.

Peguei todo o dinheiro e gastei com poucas comidas, mas bastante cigarro e bebidas alcoólicas. A partir daí, precisei me virar na vida, mas agora estava sozinho. No fundo, bem nas profundezas do meu coração, marcado com tantos abandonos e abusos, era tudo o que mais queria na minha vida.

Todos os dias os moradores de Waterfall lotavam aquele beco atrás de respostas e do paradeiro de Peter, que estava desaparecido. Desta vez, me juntei a população revoltosa para acompanhar. Algumas pessoas estavam à beira da impaciência, recheados de sentimentos de ódio e de justiça própria,

até que um rapaz, beirando o colapso, lançou uma ideia que foi acatada pelas pessoas. Neste dia, Jonas Harrison não havia aparecido na porta para mandar as pessoas se foderem, como sempre fazia; angustiados pelo silêncio do policial aposentado, todos gritaram:

- Vamos invadir essa porra!

Até que finalmente arrombaram a casa dos Harrison, todos de uma vez, mas o cenário que encontraram na residência não foi o esperado. O casal Jonas e Madelline estavam mortos, ambos golpeados dezenas de vezes com golpes de faca, com suas cabeças arrancadas e mergulhados em um rio de sangue. Dessa vez, o assassino atingiu o auge da brutalidade, rasgou os corpos mais de uma vez, espalhou os órgãos internos do casal por toda a sala e deixou um recado escrito com o sangue das vítimas nas paredes:

“PORCOS”.

Pude ver o cenário terrível através da multidão, que ficou chocada com a infeliz surpresa. Uma pessoa ligou para a polícia para relatar o acontecido. Na cabeça de Jonas, que foi jogada em cima do sofá, estava escrito o número “três”; e na de Madelline, que rolou em direção a porta após um sujeito tropeçar nela, estava escrito o número “quatro”.

Ambos foram vítimas do mesmo assassino que matou Kelly e Tomas, tiveram suas vidas ceifadas com a mesma crueldade. A situação ficou densa, as pessoas apavoradas, mas dessa vez Peter não foi muito discreto. O deleite sanguinário foi tamanho que deixou algumas pegadas pela casa, que terminavam em uma parte da rua, quase sem saída.

A PERSEGUIÇÃO FINAL

Foi relatado por outra testemunha anônima ter avistado o suspeito em uma casa abandonada perto da zona rural da cidade, uma ronda da polícia correu até o local e o cercou. Peter realmente estava lá, portando a faca que utilizou para eliminar suas vítimas em mãos.

Obviamente, eu estava presente no local, levei-o para a casa abandonada e informei a polícia sobre a sua localização. Peter esteve comigo, escondido em minha casa durante esse tempo todo, desde momentos depois em que esfaqueei a idiota da minha ex-namorada na cachoeira com a faca que o

retardado portava em suas mãos naquela noite. Foi muito fácil utilizar um segredo que guardamos desde pequenos para o convencer a se esconder.

Do contrário, eu vou contar os seus segredos...

Lembram desse momento? É interessante, uma frase tão perturbadora da minha infância virar um artifício para manipular e incriminar um rapaz tão desequilibrado, que suportaria até mesmo a fama de baderneiro e assassino, mas nunca a de um homossexual enrustido e abusador.

Meus pais nunca prestaram atenção em mim de verdade. Durante a madrugada, consegui esconder Peter em minha casa por muito tempo, sem que ninguém desconfiasse, alimentava-o algumas vezes por dia e repetia a frase:

“Caso contrário, eu vou contar os seus segredos.”.

Dizia isto toda vez que o otário pedia para sair. Torturar Peter por tanto tempo, mantê-lo trancado no meu armário sem tomar banho e comendo poucas vezes ao dia, abalado e perseguido pela sociedade de Waterfall e pela polícia, me trazia amontoados inimagináveis de prazer e gozo. Mesmo que ele resolvesse querer sair, se expondo ao risco, ninguém acreditaria caso dissesse que eu sou o assassino. Seria linchado e talvez até morto antes de sequer ser preso.

Nunca consegui ser feliz em minha vida e não poderia deixar que quem me fez mal o fosse. Pude conhecer bastante sobre a vida de Peter após anos de convivência, os abusos, seus segredos mais profundos, o suficiente para realizar um plano que destruiria de vez sua vida e a de sua família. Há muito tempo, já estava fascinado com a ideia de matar alguém, de expor suas entranhas para fora, como fiz com aquele pobre sapinho após o episódio das rodadas de pizza; mas não era o suficiente para me entreter, não aguentava mais assistir tantos documentários criminais sem fazer nada.

Não era imbecil o suficiente para querer entrar para a história como um assassino em série, nunca fui narcisista, mas sempre fui vingativo. Prefiro incriminar alguém do que ter o peso desta culpa atribuído a mim, virar ícone da cultura popular e ser interpretado por algum ator medíocre em uma série de televisão.

Como disse antes, após matar Kelly, induzi Peter a ficar escondido em minha casa através de ameaças e manipulação. Não foi algo difícil, ele já

estava bastante desequilibrado. No dia em que sumi do bar e Kelly foi me buscar, ele a perseguiu, provavelmente na tentativa de atacá-la, mas ela conseguiu correr até chegar ao “Cana & Amor”. Ela comentou que Peter a perseguia e aproveitei a oportunidade para executar um desejo de matança e vingança que dominava o meu coração. Joguei-a na frente de Peter, peguei a faca que ele portava nos bolsos e a esfaqueei diversas vezes, até a sua morte. Matá-la não fez diferença para mim, nunca gostei muito dela, sequer conseguia me satisfazer com ela, já não me servia para mais nada.

Depois que a matei, percebi que finalmente encontrei o entretenimento que tanto buscava: o gosto do sangue, o grito de dor, escutar a pessoa implorar pela própria vida me era tão satisfatório. Sabia que precisava de mais, criei um ritual, Kelly seria a primeira vítima. De início, até mesmo pensei em Peter como a segunda, mas seria burrice matá-lo; um sujeito desequilibrado e fragilizado, um suspeito óbvio e perfeito.

Depois daquele dia, assisti a confusão se espalhar pela cidade, a mídia e a polícia enganadas em relação ao assassino, todo aquele circo patético que não os levaria a lugar algum. Conforme a situação ficava conveniente, escolhia as vítimas perfeitas para arruinar a vida dos Harrisons. Matei Tomas, matei Jonas e Madelline, sem deixar nenhum rastro. Todas as suspeitas caíram sobre Peter, que estava “foragido”, nervoso, com medo de ser pego, chorando em prantos enquanto estava aprisionado em minha casa, dentro do meu quarto, escondido em meu armário durante todo esse tempo.

No dia da casa abandonada, sabia que precisava dar um fim àquele legado do “Destrinchador da Cachoeira”, e também encerrar a vida de Peter, mas não literalmente. Utilizando da mesma faca que usei para acabar com a vida daqueles infelizes, e um bom par de luvas, desenhei em minha testa o numeral cinco, fiz um corte profundo em minha barriga e me joguei no chão assim que a polícia chegou. Peter enlouqueceu, pegou a arma e ficou em estado de alerta, a polícia ficou de prontidão em frente à casa e o obrigou a se render. Em surtos, ele arrombou a porta e avançou para cima dos policiais, que revidaram com tiros. Peter morreu, Waterfall estava livre do “Destrinchador da Cachoeira” e tudo saiu conforme o planejado.

Peter teve o privilégio de entrar para a história da cidade pelos crimes que cometi. A polícia considerou cinco mortes causadas por ele, quatro homicídios e um quinto, que seria a retirada de sua própria vida. Entenderam o surto daquele rapaz desequilibrado como uma tentativa de suicídio, e assim ficou conhecido desde então.

Na verdade, meu plano era ser considerado uma possível quinta vítima, mas sendo resgatado e me recuperar em um hospital, porém as coisas não iriam acabar como imaginava.

Antes que a polícia pudesse averiguar a casa, meu corpo foi arrastado para longe por uma força sombria.

Ato final I: pacto de sangue

Estava prestes a concluir minha vingança, mas o meu desejo de matar não se encerrava ali. Enquanto meu corpo foi arrastado por uma força que, naquele momento, não consegui decifrar, entrei em um estado de inconsciência além do normal. Me vi dentro de um cômodo com o piso xadrez quadriculado, a minha volta haviam doze pessoas encapuzadas sentadas em poltronas, formando um círculo. Levantei-me, minha barriga não estava mais ferida, no lugar do corte havia uma cicatriz, como se alguém tivesse realizado uma cirurgia; a faca do Peter ainda estava em minhas mãos.

Eis que um deles se levantou e caminhou em minha direção. Portando de bastante imponência, disse que já visitou os meus sonhos algumas vezes em sua forma real e que eu seria o escolhido para realizar um ciclo de sangue. Aos poucos a criatura foi se revelando: era uma quimera com três cabeças; uma de um homem, que às vezes espirrava um hálito de fogo; outra de um touro e outra de um carneiro. A criatura apresentava asas demoníacas que se assemelhavam às de um dragão, diabólicas e assustadoras.

Ela de fato já havia visitado meus sonhos uma vez, mais memoravelmente naquele dia em que sonhei com um pequeno menino de cabelo de cuinha, no qual corpos ensanguentados estavam espalhados pelo chão. Lembro-me de uma frase que ela havia recitado guturalmente antes daquele devaneio acabar:

“O justo atenta para a vida dos seus animais, mas o coração dos perversos é cruel.”.

O que aquilo queria dizer esse tempo todo? Pude perceber ao longo do meu tortuoso amadurecimento que Deus considera toda vida sagrada. Depois que maltratarei e estripei aquele pobre sapo, meu coração estava coberto de perversidade e crueldade, meu destino era matar, não me considerava mais uma pessoa justa, só desejava destruir e alimentar a minha sede de vingança. Asmodeus visitou o meu inconsciente e incitou a maldade em meu coração, prevendo para mim um futuro sanguinário, sem outra perspectiva.

Eu o cumpri, mas agora sei que as forças ocultas não aceitam que os ciclos se fechem antes do predestinado.

A criatura diabólica se apresentou como “O príncipe perdido de Sodoma de Gomorra”, o humano que se tornou demônio, o que outrora gozava de livre arbítrio, o primeiro príncipe do inferno e a arma capaz de derrotar o enviado de Deus. Ele me fez uma proposta: um pacto de sangue, eu me tornaria um demônio assim como ele e teria plenos poderes para perturbar a paz da humanidade. Contudo, antes disso deveria realizar os seus pedidos, terminar a minha sede de matar o mais violentamente possível e causar infelicidade e tristeza na vida de uma pessoa ou família.

- Deverás espalhar todo o caos e desordem do pecado na vida daqueles os quais os prazeres da carne o incita a seus atos mais hediondos, matá-los-á! – disse o demônio – Em troca, a ti será dado o poder de controle das forças demoníacas e a influência sobre o erro no coração dos homens.

Em mais uma de suas frases, emanou a seguinte ordem:

- Não farais nada fora do seu ciclo de ódio, nenhum sangue deverá ser derramado além do predestinado!

Eu possuía alguém em mente, uma pessoa que conheci na escola e com quem troquei umas conversas no Rock Bar Pub. Uma mulher linda, perfeita e inteligente, ninguém mais ninguém menos que a professora Claire. Aceitei o pacto, já me considerava morto, minha vida era vã e de completo sofrimento, nada mais me restava além dos meus desejos pela morte e pelo mal que dava sentido a minha existência.

Assim que aceitei o contrato com o demônio, Asmodeus, usando seu hálito de fogo, queimou o meu corpo por completo. Senti dor e pânico insuportáveis e fui arrastado para o inferno. Segundo ele, deveria aguardar o tempo necessário para acompanhar com detalhes a jornada de minha vítima, e esperar o momento certo para entrar na vida de Claire e agir. Como espírito vagando pela terra, acompanhei tudo, desde a conclusão do seu doutorado até a formação de sua família, casamento, nascimento do pequeno Jhony, emprego na universidade e a mudança para Waterfall. Acompanhei até mesmo seus momentos de conflitos familiares com a tola da sua irmã, sabia tudo o que tinha de fazer, conhecia a hora certa de entrar e infernizar a sua existência.

O DESPERTAR

[...]

Enquanto Claire se encontrava naquela situação de pânico no leito do hospital, observava o livro de capa preta contendo algumas iniciais de nomes que eram até então desconhecidos pela mesma. O livro estava recheado de uma série de símbolos relacionados a veneração de um demônio em específico. A professora folheava o opúsculo para entender do que tudo aquilo se tratava enquanto o misterioso sangue fresco escorria aos poucos de cada página, aumentando o nível do riacho vermelho que a cercava no local.

Entre uma página e outra, uma imagem em página dupla chamou sua atenção:

Era um desenho rústico que retratava doze homens encapuzados em volta de um círculo, com um hexagrama de sangue desenhado no centro. Dentro dele, havia um caixão com uma cabeça de bode em cima. Atenta a imagem, a professora começou a pensar consigo mesma.

O livro se tratava de uma espécie de manual, falava de um pacto com o demônio Asmodeus, um dos sete príncipes do inferno, feito por um ser humano cujo o coração está repleto de crueldade. Comentava sobre a seita dos entes vagantes oníricos, espíritos capazes de possuírem corpos humanos através de sonhos a fim de induzi-los a atos terríveis, como assassinatos, abusos e suicídio.

Em outra página, havia uma tabela retratando as diversas habilidades sobrenaturais desses demônios, tais como telecinésie e possessão de outros seres vivos. No verso, explicava suas fraquezas. Estes seres, antes de venderem suas almas, eram humanos corrompidos que precisariam derramar uma quantidade de sangue predestinada em seus corações para completarem o ciclo e firmarem o pacto com o demônio, e assim estabelecerem sua estadia no mundo dos mortos.

Claire ainda não estava conseguindo relacionar essas informações com o que estava acontecendo em sua vida, mas as imagens lhe causavam uma espécie de *deja vu*, como se já tivesse visto algo similar antes, em algum tipo de pesadelo.

Enquanto tentava decifrar o conteúdo presente no livro, o riacho formado pelo sangue das páginas já estava consumindo quase metade da cama hospitalar, o tempo da professora estava curto. Por outro lado, ela não podia

acreditar que havia uma influência sobrenatural naquilo tudo, nunca acreditou em nada do tipo demônios, anjos ou deuses. Mas não havia outra explicação, existia um mal agindo em torno de sua família, algo além da compreensão humana; aquilo era real, a porta do leito era de metal e estava trancada por fora, ninguém podia ouvi-la gritar e ela não tinha outra escolha senão passar a compreender.

Claire agarrou o livro e fechou seus olhos, tentando se recordar de alguma coisa que a referenciasse à imagem apresentada, mas não conseguia pensar em nada que pudesse decifrar a mensagem dada por Steve.

Então, fechou o caderno e começou a chorar em desespero, consumida aos poucos pelo riacho vermelho que já estava quase cobrindo seu joelho. Pensava na vida de seu filho, o único amor verdadeiro que ainda lhe restava em vida, e em como não iria conseguir fazer nada para salvá-lo, estava diante a uma situação desconhecida, entre a vida e a morte.

Claire se debruçou em seu leito enquanto encarava mais uma vez o livro que lhe foi entregue por Steve, que mesmo fechado ainda derramava sangue de suas páginas, como uma espécie de ampulheta cruenta, cronometrando um tempo pré-determinado para que a professora pudesse resolver alguma coisa.

A única ação que conseguia executar plenamente era encarar a capa: sombria e escura, contendo as iniciais até então desconhecidas, mas dessa vez, prestou mais atenção na data que acompanhava as siglas, e repetiu em voz baixa:

- Trinta de maio de dois mil e cinco...

Repetiu mais uma vez:

- Trinta de maio de dois mil e cinco...

Novamente, dessa vez, em um tom como se estivesse prestes a esclarecer alguma coisa em sua mente:

- Trinta de maio de dois mil e cinco...

Claire conseguia se recordar desse dia, o mesmo dia em que a conheci na feira de alimentos da escola, o mesmo em que dialogamos no Rock Bar Pub. As iniciais eram as seguintes: A. J. G. e A. S. D.

- Andrew Jay Garcia... – repetiu, decifrando as siglas. - aquele garoto que conheci no bar – recordou Claire.

Ainda não era o suficiente para entender o que estava acontecendo de forma substancial, o riacho de sangue, que segundos atrás consumia seus joelhos, já cobria sua cintura, e estava prestes a aumentar seu fluxo até que cobrisse o teto. Claire se recordou que havia me conhecido naquela data, no bar, e se lembrou de nossas conversas, mas ainda não estava conseguindo entender de onde tinha avistado doze rapazes encapuzados, como na imagem retratada no livro, e como tudo que estava descrito naquele opúsculo seria capaz de salvar a sua vida e a de seu filho.

- Andrew... Andrew... Andrew – repetia diversas vezes, desesperada.

Fechando seus olhos, e pensando em meu nome, conseguia se lembrar de meu rosto, de tê-lo visto algumas vezes em sua vida: a primeira vez na escola, quando a encarei por alguns segundos e a segunda vez no Rock Bar Pub, quando conversamos sobre algumas coisas aleatórias. O fluxo do riacho cruento estava subindo, Claire ficou de pé para ganhar mais tempo, mantendo seus olhos fechados na tentativa de se lembrar de mais alguma coisa que pudesse estar relacionada ao livro.

Ela se recordou de um sonho que teve recentemente, antes da morte do Jordan. Neste devaneio, estava dentro de um caixão na piscina de sua casa. Em volta dela havia doze jovens encapuzados formando um círculo e hexagramas feitos de sangue espalhados pelos arredores. Claire conseguia se recordar da sensação de angústia e claustrofobia que tomou conta de sua mente enquanto sonhava que estava presa no caixão. Dois rapazes encapuzados se aproximaram de seu corpo, um deles era o Steve, o outro era eu, que estava prestes a desferir uma facada em seu peito.

Mesmo ficando em pé para ganhar mais tempo, o fluxo de sangue já estava cobrindo mais da metade de seu corpo; Claire subiu no leito do hospital e continuou de pé. Após resgatar parte de suas lembranças, folheou novamente o livro até aquela imagem em página dupla que chamou sua atenção de início, conseguiu se sentir parcialmente esclarecida com algumas coisas que estavam descritas naquele manual.

Claire entendia que estava sendo perseguida por alguma força oculta relacionada a seita do demônio Asmodeus, como descrito no livro.

Passou a levar em consideração algumas coisas que tentou ignorar durante todo o percurso, tal qual em como as coisas começaram a acontecer depois que adotou o gato Bobby na Fundação Restaurar, onde todos aqueles animais ficaram misteriosamente doentes, com exceção do felino. Felino este muito parecido com o que quase atropelou na rodovia, ou com o que visitava seus sonhos sombrios com o seu ex-orientando Oman, ou com o que estava presente no sonho em que assassinava a sua irmã, Annie.

O fluxo de sangue de repente parou antes que pudesse cobrir o seu pescoço.

Até que, finalmente, teve o seu devaneio interrompido. Transpirando e aflita, Claire se viu no mesmo leito do hospital, sem sangue ou qualquer coisa do tipo. Em suas mãos restava apenas um papel amassado daquele opúsculo dado por Steve, essa folha se tratava da única página com uma tabela e falava sobre o pacto dos demônios oníricos de Asmodeus, seus poderes e suas fraquezas, a mesma que viu enquanto tentava compreender a obscura mensagem espiritual em seu sonho.

Ao desdobrar a folha e ler a tabela mais uma vez, se recordou de uma frase emanada por Steve antes de desaparecer e a repetiu em voz baixa:

- Ele derramou fora do ciclo.

TE AMO PAPAI

Naquele momento, eu – Andrew – estava com Jhony no outro lado da cidade, enquanto o menino me carregava no colo: o seu fofo gatinho Bobby, estávamos prestes a caçar a nossa próxima vítima, o seu próprio pai, Anthony Walter. Observei o marido de Claire por todos esses anos, o casamento dos dois não era tão estável assim, mas a professora fazia o possível para que seu filho tivesse a impressão de uma família feliz; eu detestava essa hipocrisia. Sem que Claire pudesse imaginar, Anthony escondia uma amante que conseguiu assim que chegou na cidade, uma professora da mesma instituição. Ele mentia diversas vezes dizendo que estava em alguma reunião do seu colegiado para se encontrar com ela.

Enquanto os detetives perdiam seus preciosos tempos, transportei Jhony, possuído pelo meu espírito emanado no corpo do gato, para dentro do hotel em que ambos, Anthony e sua amante, estavam transando.

Anthony conversava com sua amante, a professora Kacey Johnson, em um

quarto de casal de um hotel. Ambos utilizavam pseudônimos no registro, como uma forma segura de manter o relacionamento no anonimato; o Sr. Walter se contorcia pela cama, aparentemente desconfortável.

- O que houve? - perguntou Kacey, curiosa.

- Nada! - respondeu Anthony, aparentemente demonstrando um leve desconforto.

- Deveria estar com sua esposa em um momento tão triste, não? Afinal, ela perdeu a irmã recentemente.

- Não sei, essa situação soa estranha, a Claire como suspeita... – indagou o Sr. Walter.

- Acredita que tenha sido ela?

- Não sei, não posso afirmar nada agora. De qualquer forma, nosso casamento não andava às mil maravilhas bem antes disso ter acontecido, precisava de um tempo para esquecer dessa confusão toda e te ver.

Anthony resolveu mudar de assunto enquanto beijava Kacey, que começou a sentir um desconforto.

- O que está acontecendo? - perguntou Anthony.

- Não sei, não está sentindo esse edredom um pouco apertado?

- O edredom? - indagou.

Eu e meu amiguinho Jhony já estávamos dentro do quarto, sorrateiramente escondidos. Fiz com que o edredom pressionasse os dois enquanto surgia em sua frente como Bobby, emanando luz de meus olhos vermelhos, o passaporte para a morte.

Kacey se assustou.

- Um gato? Em cima da cama! - disse, espantada.

- Parece o Bobby, o gato do meu filho, como veio parar aqui?

Assim que Anthony se distraiu, ordenei que Jhony surgisse para arrancar a cabeça de Kacey fora. Ele assim o fez, surgiu por detrás de uma das cortinas do quarto, portando a famosa faca de Peter (que se materializava comigo durante todo este tempo), pulando na amante do seu pai e cortando brutalmente sua cabeça, ferindo-a no pescoço. Assustado, seu querido pai

assistiu a toda a cena de seu filho degolando a puta com quem ele traía sua própria mãe, preso fortemente ao edredom, sem nada conseguir fazer.

O pequeno Jhony tem o coração perfeito para habitar um espírito maligno como o meu. Era um garoto prestes a fazer treze anos em um momento de solidão, aniversariando em uma cidade desconhecida e almejando por um amigo, essa foi a brecha que precisava para cumprir meu pacto com Asmodeus e me transportar para o corpo do pequeno gato angorá branco, como instrumento. Surgi para Claire nesta forma algumas vezes: na estrada e em seus sonhos com o seu aluno suicida, uma mulher tão forte e inteligente deu tamanha abertura para se tornar uma pessoa tão fragilizada e traumatizada. Acima de tudo, ela ainda é humana. Já eu, me tornarei para toda a eternidade algo muito acima disso.

Jhony assassinou todas as pessoas de sua família até agora sob minhas ordens, concedi a ele a força, o ódio e a total inconsciência de seus atos, emanando um inconsumível poder através do gato Bobby. Transformei todos os seus crimes brutais em sonhos aterrorizantes, mesmo o primeiro, protagonizado e vivenciado por Claire como manejo para a enlouquecer de uma vez. Claire jamais imaginaria que o seu filhinho mataria aquela vadia invejosa da Annie Williams, quanto a agora, a minha querida criança estava prestes a assassinar o próprio pai.

Asmodeus me concedeu, temporariamente, poderes o suficiente para vagar pelo mundo dos vivos como espírito, habilidades oníricas, telecinésia e capacidade de me transformar e incorporar corpos.

Anthony reagiu com espanto à presença de seu filho na cama, montado no cadáver de sua amante que acabava de ser degolada friamente. Encarava Jhony, que carregava um semblante gélido, com olhos avermelhados, segurando em mãos a arma clássica dos últimos crimes.

O pobre menino de treze anos, que sempre emanou doçura e inocência aos seus familiares e a qualquer um que o conhecesse, assustava o seu pai, que não sabia como reagir enquanto visualizava uma cena grotesca protagonizada pelo próprio filho.

- Jhony, meu bebê... O que você está fazendo? – perguntou Anthony, paralisado e em prantos.

Jhony subiu no colo de seu pai. Aos poucos, seu semblante emanava ternura e doçura novamente, tranquilizando-o. O menino o abraçou e

começou a chorar. Anthony agarrou seu filho com força

- Vamos sair daqui logo, eu vou te ajudar! – disse o pai, aos prantos, enquanto abraçava a criança de forma terna.

- Te amo papai! - disse Jhony - mas você vai morrer!

Sob minhas ordens, Jhony esfaqueou seu pai dez vezes no rosto, perfurando e arrancando cada um de seus olhos. Anthony gritava de dor enquanto sua vida era ceifada pelo seu filho.

Após assassinar o pai, o garoto posicionou os corpos mortos lado a lado, sobrepôs os braços de Anthony por entre os ombros de sua amante sem cabeça e, para finalizar, desenhou na testa do seu pai o número nove. Meu ritual estava quase completo, faltava apenas uma pessoa para morrer...

A minha querida Claire, que estava em seu leito de hospital.

Ato final II: batalha contra o demônio

Tardiamente, o detetive Roman, acompanhado do seu parceiro, o agente Erick, e de uma escolta da polícia, conseguiram encontrar os corpos de Anthony e Kacey, posicionados da mesma maneira que os deixei. Roman perambulou em volta da cena do crime, angustiado por não conseguir compreender o que estava acontecendo, todos os seus suspeitos já haviam sido descartados naquele momento e não restavam mais dúvidas, ou a criança cometeu todos aqueles crimes brutais e enviou as fotos e mensagens para os celulares de Claire e Otto, ou se tratava de uma terceira pessoa, que sequestrou o garoto. Infelizmente, para o detetive, que se recusava a acreditar que uma criança tão inocente tivesse sido a responsável por eliminar sua família com tanta força e brutalidade, não haviam evidências em sua investigação que levava a uma terceira pessoa; os fatos, por mais obscuros e surreais possíveis, diziam o óbvio.

Jhony matou todos, um por um, e só restavam mais duas pessoas vivas, Claire e Jéssica.

- Nenhum sinal do garoto por aqui, chegamos tarde demais – indagou Erick.

- Merda! - xingou, desanimado com o fracasso de sua operação - Não posso acreditar que aquele menino cometeu tantos crimes em tão pouco tempo.

- Não seria a primeira vez que uma criança comete crimes, agente. Acho que o senhor cometeu um erro o descartando como suspeito desde o início. - retrucou Erick.

- Eu sei, e agora não tenho mais alternativas. Considerando que a próxima vítima seja Claire, precisamos correr até o ambulatório o mais rápido possível, não podemos perder mais tempo!

EM DIREÇÃO AO AMBULATÓRIO

Transportei-nos – Jhony e eu – em direção ao ambulatório em que Claire

estava internada. Na entrada da recepção, nos deparamos primeiramente com o guarda, que se arrepiou ao ver a criança coberta de sangue em seu macacãozinho. Ele se assustou e, sem entender do que se travava, chamou os outros funcionários, tentando ligar para a polícia na tentativa de socorrer Jhony.

Não poderia deixar que isso me atrapalhasse, tive que usar dos meus poderes explicitamente para deixá-lo desacordado, junto de mais seis testemunhas que estavam presentes no local: dois recepcionistas e quatro pacientes que aguardavam atendimento. Precisava matar Claire o mais rápido possível e culpar Jhony pelos crimes ocorridos, todo o meu pacto seria concretizado e minha sensação de causar infelicidade na vida de mais uma família estaria completa.

Com o corredor livre, caminhamos em direção ao quarto em que a minha próxima vítima se encontrava. Estranhamente, assim que Jhony abriu a porta e entrou no leito da mãe, as cortinas que ficavam na janela estavam atiradas pelo chão, escondendo alguma coisa...

Claire se encontrava deitada e sangrando muito, maldita! Não poderia deixar que morresse daquela maneira, sem a minha ação direta. Isto quebraria o pacto de sangue que firmei com Asmodeus no inferno, não me restava mais tanto tempo, precisava esfaqueá-la o mais rápido possível antes que morresse. Imediatamente, ordenei que Jhony pulasse em cima de sua mãe e a matasse. Assim que ele o fez, Claire acordou, e antes de ser esfaqueada empurrou o próprio filho contra o chão, pegando a faca e se levantando do leito, mais saudável do que aparentava. Tinha perfurado alguns de seus dedos com um objeto pontiagudo que encontrou e espalhado o sangue pelo braço, simulando suicídio e fingindo que estava morrendo, só esperando pela hora certa para tentar me deter.

- Você! É um demônio não é mesmo? Diga-me quem é você! Eu sei que está aí dentro! - gritou aos prantos, apontando a arma para mim, no caso, para o gato Bobby.

Naquele momento, não tinha outra coisa a se fazer, mas não importava mais, através do corpo do pequeno Jhony, sob o meu controle, me manifestei.

- Sabe mesmo Claire? Então deve ter a certeza de que vai morrer agora.

Empurrei seu corpo contra a parede, ela largou a faca, mas não desmaiou,

estava obstinada a me deter a qualquer custo. Controlando o corpo do seu filho, fiz com que Jhony pegasse a faca no chão para golpear Claire, precisava matá-la de qualquer maneira. Relutante em machucar o próprio filho, desviou dos ataques, se debruçando em cada objeto hospitalar que estava presente no leito. Até que, finalmente, Jhony conseguiu atingi-la de raspão na perna, mas a professora o desarmou, jogou o menino contra a parede e pegou a faca.

Controlando mais uma vez o corpo do garoto, me manifestei.

- Não está com medo de machucar o próprio filho, Claire?
- Eu sei que você precisa me matar para conseguir completar o seu plano doentio! respondeu, obstinada. - mas não vai conseguir.

Claire puxou cada uma das cortinas estiradas no chão, exibindo um círculo com um pentagrama desenhado no centro, feito com seu próprio sangue.

- Então é assim que pretende me vencer? Quanta inocência, você não passa uma mera humana. Neste momento, eu posso até mesmo controlar o seu corpo e fazer você usar essa faca que segura em suas mãos para cortar o próprio pescoço. O que pretende fazer com esse pentagrama ridículo que desenhou no chão? - indaguei, tentando intimidá-la.

Subestimei o seu conhecimento, Claire sabia, de alguma forma, que minhas habilidades de possessão não a atingiriam ao passo que não tivesse dominado sua mente anteriormente, em sonho. Mesmo quando a atormentei com o sonho da morte de sua irmã, não assumi esse controle total sob ela, a fim de que desse seguimento ao meu plano de causa-la sofrimento antes de sua morte.

- Recebi uma visita do seu amigo, Steve... – disse Claire, insinuando algo para mim – A. J. G. Andrew Jay Garcia, A. S. D. Asmodeus. Trinta de maio de dois mil e cinco, o dia em que te conheci no Rock Bar Pub, lembra? Sei tudo sobre você, como se tornou um demônio, como matou todas aquelas pessoas, como e por que destruiu a minha família. E acima de tudo, sei exatamente o que te fazer para te enviar para o lugar de onde veio.

Claire soube como tudo funcionava através da visita que recebeu de Steve

em sonho, o desgraçado faz parte da seita satânica que arrastou o meu corpo no dia em que Peter foi assassinado pela polícia e incriminado como o “Destrinchador da Cachoeira”. Ele entregou todas os recursos possíveis para que Claire pudesse me desvendar e me vencer.

Neste momento, me veio em mente a frase que Asmodeus proferiu enquanto realizava meu pacto:

- Não fareis nada fora do seu ciclo, nenhum sangue a mais que o predestinado.

Minha ordem para concluir meu pacto era a de matar mais cinco pessoas, com os mesmos traços de crueldade do “Destrinchador da Cachoeira”, completando o número de dez mortes e causando perturbação e sofrimento à vida de Jhony e Claire, e medo e temor a cidade de Waterfall. Mas em que momento errei para que o submundo intervisse em meu trabalho? Foi em matar o garoto Bobby? Em matar a amante do Anthony? Ou em derrubar temporariamente aqueles funcionários do hospital? De qualquer maneira, seria impossível controlar o corpo da professora para induzi-la ao suicídio. No entanto, ainda tenho meus poderes, estou cada vez mais sedento por sangue e vou matá-la, com ou sem o consentimento de Asmodeus.

Não me restava mais nada, meu blefe não funcionou, deveria matar Claire por conta própria. Ela só tinha uma faca na mão, era insuficiente para me deter, mas se ela conseguisse qualquer sangue que fosse, seja o do Bobby, o gato, ou do Jhony antes que eu a matasse, seria derrotado e punido pelos demônios do inferno.

Claire ignorou Jhony, que estava possuído, e avançou em direção a Bobby para matá-lo dentro do ciclo do pentagrama. Tive que assumir o corpo do felino a tempo de impedi-la, e assim que o fiz, empurrei ela e o garoto, que estava desacordado no momento, contra a parede usando de minhas habilidades.

- Idiota! Não pense que vai ser tão fácil assim, não vai fazer diferença para você saber a respeito dos meus poderes. Mesmo sem possuí-la, ainda tenho recursos o suficiente para matá-la, e depois acabar com a vida do seu filho! – falei, retornando ao corpo de Jhony.

Claire se levantou imediatamente e avançou para cima de mim, tentando me esfaquear mais uma vez.

-Vai pro inferno! - gritou, avançando.

Contive Claire mais uma vez, prendendo-a no ar, porém fui surpreendido com a chegada dos agentes Roman e Erick, e de mais um grupo de policiais que se depararam previamente com uma série de funcionários desacordados. Os imbecis ficaram surpreendidos ao avistarem Claire flutuando e presa no ar, e arrombaram a porta do quarto.

- Cuidado! - gritou Claire, que estava resistindo ao ataque.

- O que está acontecendo aqui? - perguntou Roman, confuso, e apontando a arma para todos os lados possíveis.

Imediatamente, joguei os policiais para fora do leito, Roman colidiu contra a parede do corredor juntamente com Erick, ambos desmaiaram, o espaço estava para livre para confrontar Claire.

- Se acha esperta tentando me preparar uma armadilha, mas sua sorte acabou, mais uma vez.

Sem outra escolha, precisava usar o último recurso das minhas habilidades. Como um demônio em formação, iniciei minha fase metamórfica, o integrante da seita que aceita o pacto com o príncipe do inferno tem seu corpo físico dilacerado e assume uma forma de espírito.

Para chegar até a família de Claire, assumi o corpo de Bobby, o gatinho branco nomeado por Jhony. Meu corpo físico, como Andrew, que era composto por carne, órgãos e ossos, não existia mais. Porém, todos os demônios e os espíritos que habitam o mundo dos mortos recebem um estado físico similar ao do demônio maior pelo qual são regidos.

Aos poucos, através do gato Bobby, me configurava em minha forma demoníaca, com quatro patas pontiagudas e afiadas como as de um dragão; três cabeças, a central, uma espécie de simbiose com meu antigo rosto humano e uma cabra, que cuspiu chamas, a cabeça esquerda de um touro e a direita de um bode e asas demoníacas que brotavam de minhas costas, cada uma com cerca de três metros de altura, quase esbarrando com o teto do quarto hospitalar. Durante o processo de metamorfose, Claire acompanhava tudo. Naquele instante, para a cética professora universitária, não existia mais espaço para descrença, qualquer coisa era possível, até mesmo enfrentar um demônio para salvar a vida do único rastro de família que lhe sobrou.

Disparei uma rajada de fogo em sua direção, ela desviou do ataque, carregando seu filho em seus braços.

- Espere, Andrew! Ou o que quer que você seja agora - disse Claire, tentando iniciar um diálogo – Por que a minha família? Lembro bem de você naquele dia no Rock Bar, quinze anos atrás. Parecia um garoto solitário, tinha perdido a ex-namorada, tão jovem, me compadeci por alguns minutos, paguei as suas contas e você foi embora rapidamente, parecia receoso... Agora você surgiu, não sei como exatamente e não sei por qual propósito, tentando arruinar a minha vida, matando meus entes queridos e se apossando do corpo do meu filho. Me diga, o que você está querendo com tudo isso?

Após o comovente discurso, dei-me o trabalho de esclarecer as coisas para a professora, proferi minhas últimas palavras antes de encerrar sua vida.

- Claire, a única coisa que você deve saber é que viverá um verdadeiro inferno em vida antes de morrer, somente! – Respondi com minha voz demoníaca.

- Me diga, quem você é de verdade? Me responda, seu maldito! – questionou Claire, obstinada.

- Você se lembra da história do “Destrinchador da Cachoeira”? Eu sou a verdadeira pessoa que matou toda aquela gente e deixou a cidade de Waterfall marcada de sangue, agora ressurgi como um demônio para continuar o meu legado e tingir essa cidade de sangue mais uma vez! – respondi, rindo sarcasticamente – Você apenas deu muita sorte.

- O destrinchador ... Então, você é aquele rapaz que morreu em ação da polícia?

- Não seja tola, aquele idiota era burro demais para fazer tudo aquilo, ele foi mais uma de minhas vítimas. Peter só recebeu o mérito de autor das mortes como prêmio de consolação. De qualquer forma, Claire, isso é tudo que você precisa saber antes de morrer

- Responda, maldito! Por quê a minha família?

- Por pura diversão! Meu objetivo é matar, arruinar, sentir o prazer em ver a infelicidade transbordar pelas palmas das minhas mãos. Desde que coloquei meus olhos em você na escola, vi a perfeição, por isso vaguei pela sua vida por tantos anos, foi muito divertido matar a sua irmã invejosa, que passou a madrugada inteira rodeando pela sua casa e admirando cada móvel. Foi muito

fácil destrinchar aquela criança que tanto cobiçava os brinquedos do seu filho, mal imagina o pesadelo que aquele pivete vivenciou antes de morrer. Foi muito fácil eliminar o seu sobrinho gay, deprimido e solitário, que em toda vida só buscava o carinho de um homem para se sentir bem, sem um pingo de amor próprio e incapaz de se comunicar com os outros; você sabia muito bem disso, não é mesmo? Tanto que repreendeu o rapaz por ter perdido o seu filho no hotel.

- Otto, pobre coitado... – continuei – foi tão incapaz de aguentar tantos desastres que se matou, esse foi fácil demais. O seu marido infiel e a sua amante, mais fácil ainda. Igualmente fácil foi conduzir o pequeno Jhony a cometer todas essas atrocidades sem dó, confundir os policiais imbecis em busca de provas improváveis, confundir a sua cabeça ferida pelo suicídio do seu aluno desequilibrado. Enfim, escolhi sua família porque eram todos patéticos e mereciam morrer!

- Já chega, Andrew! Eu não vou deixar que você prejudique a vida do meu filho, essa sua loucura acaba por aqui! – respondeu Claire, aos gritos.

Atirei mais uma vez as chamas em sua direção, ela conseguiu se esquivar novamente, protegendo a qualquer custo o corpo do seu filho, que ainda estava inconsciente.

Os detetives Roman e Erick recobram a consciência.

- O que está acontecendo aqui? Que merda é essa? - perguntou Roman, apavorado, ao visualizar minha forma demoníaca em sua frente.

Claire correu em direção aos detetives e gritou.

- Corram, agora!

Não escutaram a professora apavorada que temia por suas vidas e começaram a atirar e avançar em minha direção. Tolos, nenhum tipo de arma humana é capaz de me deter. Ambos estavam se aproximando do pentagrama de sangue, atirei novamente minhas chamas em direção a Claire.

Não esperava por aquele momento, ignorei a presença do detetive e voltei toda a minha atenção a Claire. Yamada, em mais uma de suas tentativas de me atingir com as balas de seu revólver, surgiu diante das chamas no meio do pentagrama. O detetive foi queimado vivo na frente de todos.

...

O fato de Yamada ter sido queimado por mim no meio do pentagrama quebrou instantaneamente meu pacto com Asmodeus, fazendo com que o inferno ressurgisse diante de mim, me punindo. Fui devorado por chamas, aos poucos, e puxado pelo ciclo de sangue que estava no chão, enquanto Claire gritava:

- Vá para o inferno, desgraçado!

Cometi muitos erros em minha trajetória, fiquei deslumbrado em derramar sangue de outros fora do meu ciclo, de forma impulsiva, e fui abandonado mais uma vez. Fui abandonado pelo próprio inferno, que reconheceu a maldade que habitava dentro do coração de uma criança solitária.

Mesmo derrotado e sem o pleno cumprimento de meu objetivo, não saí insatisfeito. Por mais que o mundodos mortos me torture para sempre, sei que aquele garoto jamais viverá tranquilo, sei que Claire jamais conseguirá provar a sua inocência à sociedade. Mesmo no inferno, estarei feliz, pois todos estão infelizes e desejam a morte - apenas e unicamente a morte - como anestésico da dor.



Andrew em sua forma demoníaca.

Carta de condenação

“De: Claire Walter

Bom dia, Jéssica, ou boa tarde, ou boa noite. Você nunca lerá esta carta, pois estou escrevendo para mim mesma, é uma auto reflexão de tudo o que me aconteceu e ao mesmo tempo um agradecimento pelas coisas que você está fazendo por mim. Primeiramente, preciso lhe demonstrar gratidão: obrigada por tudo, por cuidar do meu filho e por acompanhá-lo em seu tratamento psicológico. Algumas lembranças ainda o perturbam diariamente, não sei se sou capaz de imaginar a dimensão do sofrimento do meu fruto mais sagrado. Também não tenho certeza se você compreenderia algumas coisas que estou prestes a escrever, soaria surreal e até mesmo um pouco obscuro, de fato, você foi a única pessoa que saiu intacta daquele pandemônio causado pelo Andrew. Sei que não o conhece, mas ele foi o causador dos episódios sangrentos protagonizados por minha família.

Você deve ter lido a respeito do que ocorreu no ambulatório, não é mesmo? A mídia de Waterfall, como sempre, noticiou os acontecimentos da maneira mais equivocada possível, não sei se dessa vez posso culpá-los por sensacionalismo ou por algo do gênero. Acredito que nem mesmo o jornalista menos aproveitador da cidade seja capaz de imaginar os fatos como eles realmente aconteceram, pois foge do senso comum e ultrapassa as barreiras do que é compatível com a realidade, pelo menos até onde o ser humano consegue acessar. Em todos esses meses que passei encarcerada, ocupei parte dos meus dias com a literatura; mas dessa vez sem leituras acadêmicas, as quais tanto estive condicionada durante tanto tempo.

Mergulhei mais a fundo no sombrio, nos livros de fantasias e no sobrenatural. Você deve imaginar que eu fiquei louca, surtada, ou algo do gênero, não a culpo, essa seria a reação mais sensata de qualquer pessoa que fosse obrigada a ler em todos os noticiários da cidade a respeito de tudo que aconteceu. Por esse motivo, após todos os acontecimentos, coloquei minha cabeça no lugar por alguns segundos para conseguir defender a integridade do meu filho.

Algumas reflexões foram necessárias para conseguir expressar todos os

meus sentimentos nesta carta. Jéssica, você provavelmente não sabe, mas minha família, agora nossa família, foi amaldiçoada por um espírito de um psicopata, que dedicou toda a sua vida para causar transtornos e maldades a qualquer pessoa que o cercava. Era explícito em seus sentimentos de revolta o desejo de matança e de implantar a infelicidade em seus próximos. Eu sinto que algo de muito ruim aconteceu na vida dele para ter feito tudo o que fez, não que justifique qualquer desvio em seu caráter, mas Andrew Jay Garcia assassinou inicialmente alguém que dizia amar; depois que sentiu o sabor de tirar a vida de um ser humano, optou por trilhar um caminho sangrento e sem volta.

Dos poucos direitos que tive ao ser presa, solicitei por livros, jornais locais ou qualquer coisa informativa, pesquisei bastante sobre os acontecimentos do ano de 2005. O garoto que foi morto pela polícia e condenado por ser o “Destrinchador da Cachoeira” era um jovem filho de policial, baderneiro, perturbado, um suspeito óbvio. Acredito que Andrew possa ter tido alguma relação com esse rapaz e o incriminado de alguma forma, este pode ter feito algo contra ele no passado que o deixou conturbado, que o traumatizou. De qualquer maneira, ele conseguiu sua vingança; Peter, o rapaz de quem estou falando, está imortalizado na história como um assassino em série, mesmo sem ter matado uma pessoa sequer.

Você deve se lembrar que poucos minutos depois que o meu cunhado tirou sua própria vida, eu desmaiei, por conta da minha pressão que caiu; não resisti ao desmaio depois de visualizar o cadáver de Tommy naquela foto enviada para o meu celular. Foi humilhante e se espalhou pelas redes sociais da maneira mais irresponsável possível. Eu realmente não consigo acreditar que as pessoas de Waterfall, depois de tantos anos, continuam sendo verdadeiros abutres, esperando alguma tragédia para noticiar a todos os demais cidadãos. Enfim, fui enviada para o ambulatório e recebi uma mensagem espiritual enquanto estava desacordada, de um tal de Steve. Eu já o vi em um sonho antes, ou melhor, em um pesadelo. Ele surgiu para me ajudar, mas não foi de graça, tive que passar por um desafio terrível, de vida ou morte, para conseguir decifrar o que estava acontecendo na vida de minha família e descobrir as ferramentas necessárias para vencer o Andrew.

Steve fazia parte de uma seita satânica, mais especificamente a que venerava o primeiro príncipe do inferno: Asmodeus. Pelo o que pude compreender, em um livro dado a mim por ele durante o sonho, seus seguidores possuem habilidades especiais intrínsecas aos próprios sonhos,

são capazes de vagar pelos sonhos de qualquer pessoa e, quando querem e podem, até mesmo se apossam de seus corpos. Andrew havia realizado um pacto para se tornar um demônio desse tipo, e para isso precisava se mostrar capaz e digno de suas habilidades e matar cada um de nós em uma ordem numérica, até o número dez, continuando sua trajetória iniciada quando ainda era um humano.

Eu seria a última pessoa a morrer, até Steve intervir e me entregar elementos para derrotá-lo. Segundo ele, Andrew derramou mais sangue que o necessário; após a mensagem, ele me entregou um caderno preto e desapareceu, não sei se esse homem morreu ou se é um espírito, isso não importa, mas passei por um desafio intenso para conseguir entender o que estava acontecendo. Através da ação de Andrew, a morte da minha irmã ocorreu durante a madrugada. Ele chegou em nossa casa através daquele gatinho angorá branco fofo que adotei para o Jhony em seu aniversário, aliás, deveria ter desconfiado que alguma coisa estava errada desde o momento da adoção, quando todos os animais da fundação adoeceram repentinamente e só ele estava saudável. Me recusava a acreditar em qualquer coisa sobrenatural que estivesse envolvida, era uma pessoa bem cética antes de tudo ter acontecido.

Andrew se apossou do corpo de Jhony enquanto dormia e o fez cometer todos os assassinatos, todos eles brutais e sanguinolentos, algo que uma criança jamais teria tamanha força para fazer. Quando Andrew tentou me matar, eu reagi e quase não consegui detê-lo, se não fosse pelo fato de o detetive Yamada ter sacrificado a sua própria vida em uma tentativa de atacar o demônio, ele teria conseguido concretizar seus planos. O detetive Erick, parceiro de trabalho do Yamada, testemunhou tudo; incrédulo, permaneceu em silêncio até finalmente Andrew, em sua forma diabólica, ter sido consumido pelas chamas do inferno como punição.

Mesmo derrotado, pude perceber que seu semblante não era de decepção. De qualquer maneira, o seu plano foi interrompido tarde demais, a única coisa que não conseguiu foi me matar, mas tinha a certeza de que Jhony seria incriminado por todos os homicídios. Ele estava certo, as evidências apontavam para o meu filho, que estava em total estado de inconsciência quando cometeu todas as atrocidades contra a vida de seus familiares.

Naquele momento, faltava apenas uma evidência para a conclusão da investigação: a metragem de recuperação de uma câmera interna da minha antiga residência. Os investigadores conseguiram recuperar os minutos

perdidos do momento em que minha irmã foi assassinada; neles - diferentemente do sonho que Andrew implantou para o meu cérebro para me confundir, onde eu era a protagonista do evento - mostrava Jhony esfaqueando Annie até a morte. Assim, puderam concluir, juntando com as outras evidências coletadas pelo detetive, que o meu filho foi o protagonista dos assassinatos em série.

Você sabe como é o sentimento de uma mãe, não poderia deixar que isso acontecesse. Conversei com Erick, que presenciou todos os eventos sobrenaturais naquela sala de ambulatório, e negocieei com ele, confessaria a culpa por todos os homicídios em troca de livrar a penitência ao meu filho. Assim o fiz, ele concordou e imediatamente descartou as provas da câmera de segurança. Peguei uma pena dura, mas estava feliz, pelo menos esse fardo Jhony jamais carregaria, ao menos era o que pensava...

Socialmente, Jhony não é tratado como um assassino pelas pessoas, a mídia de Waterfall deu conta de estampar meu rosto na capa dos noticiários como uma assassina em série sanguinolenta, até me batizaram com um apelido bem generoso da parte deles “Blood Mary”, a Maria Sangrenta, a assassina ciumenta motivada a matar todos da família devido as traições do marido. Enfim, me tornei a pessoa mais odiada da cidade, lado a lado com o “Destinchador da Cachoeira”, o Peter. Tenho certeza que de que vou fornecer bastante conteúdo aos amantes da cultura pop pelos anos que virão. Minha história será narrada de uma forma diferente, mas isso não é importante para mim, me sacrifiquei para preservar a vida do meu filho, isso que importa.

Infelizmente, pouco antes de morrer, Andrew de alguma maneira restaurou as memórias da mente de Jhony. Como citei anteriormente, ele estava em estado de hipnose enquanto cometia todos aqueles assassinatos, mas agora, ele se recorda de tudo, de todas as mortes, uma por uma, da maneira mais intensa possível. Foi demais para a mente de uma pobre criança.

Jhony ficou perturbado, entrou em depressão e foi levado para uma clínica psiquiátrica infantil às pressas. É claro que aquele psicopata maldito não poderia deixar nada faltar, ninguém sairia ileso. Todavia, fiquei muito grata e feliz quando soube que você recorreu à justiça para adotá-lo, não confiaria em mais nenhuma pessoa além de você para isso. Pode soar tedioso o quanto vou recitar esta frase na carta, mas já sou considerada uma louca, então não vou me importar:

Muito obrigada, Nina!

Muito obrigada, Nina!

Muito obrigada, Nina!

Muito obrigada, Nina!

Muito obrigada, Nina!

Muito obrigada, Nina!

Muito obrigada, Nina!

Muito obrigada, Nina!

Muito obrigada, Nina!

Muito obrigada, Nina!

Muito obrigada, Nina!

Sei que está cuidando muito bem dele, restaurando aos poucos sua infância e sua vontade de viver, recuperando seu estado emocional e tentando apagar dele todas as memórias ruins deixadas por essa tragédia. Eu te agradeço, do fundo do meu coração.

Acredito que nunca mais na minha vida irei sair da prisão. Peço encarecidamente que continue enviando fotos do meu Jhony, sempre que puder, de cada fase da vida dele, sorrindo em todas elas, para que meu coração consiga ficar em paz.

MIL VEZES, OBRIGADA!”.

FIM.